

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
MESTRADO EM PSICOLOGIA

SUBJETIVIDADE E CULTURA: O SENTIDO DA BELEZA PARA A
MULHER

WALTER FERREIRA LEMES

GOIÂNIA
2006

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
MESTRADO EM PSICOLOGIA

SUBJETIVIDADE E CULTURA: O SENTIDO DA BELEZA PARA A
MULHER

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia, pelo Sub-Programa de Psicologia Social do Mestrado em Psicologia da Universidade Católica de Goiás. Realizado sob a orientação da Prof^a. Dra. Anita Cristina Azevedo Resende.

GOIÂNIA
2006

WALTER FERREIRA LEMES

**SUBJETIVIDADE E CULTURA: O SENTIDO DA BELEZA PARA A
MULHER**

Dissertação defendida e _____ em _____ de agosto de 2006, pela
Banca Examinadora constituída pelos professores.

Profa. Dra. Anita Cristina Azevedo Resende
Presidente

Profa. Dra. Sônia Margarida Gomes Sousa
Membro

Profa. Dra. Maria do Rosário da Silva Resende
Membro

GOIÂNIA

2006

Com afeto,

Aos meus pais, pelos ensinamentos da vida, pela educação inicial formadora da compreensão das relações e sua complexidade, e pelos ensinamentos da possibilidade de conquistas por meio de métodos simplificados.

À minha esposa, Cláudia Cecília Pacheco Lemes, pela sua compreensão e dedicação, pelos gestos amor do dia-a-dia, compartilhando as angústias e as incertezas em cada etapa passada, demonstrando serenidade, confiança e o apoio necessário à realização deste trabalho.

Aos meus filhos, Clayton Pacheco Lemes e Cecília Pacheco Lemes, pelo carinho e compreensão das ausências diversas nas relações diárias. Seus gestos de paciência foram reveladores e demonstraram sua grandeza.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho se tornou possível sobretudo com o apoio de pessoas imprescindíveis que, de forma direta ou indireta, puderam marcar presença fundamental em momentos específicos desta travessia. Por isso, agradeço a todas de forma incondicional, pelos gestos de acolhimento e contribuição.

À Profa. Dra. Anita Cristina Azevedo Resende, pela oportunidade de discussões complexas com liberdade assistida: um convite às possibilidades de reflexão, *insights*, realizações, experiências e conquista de novos conhecimentos.

Aos Membros do Comitê de Ética em Pesquisa Médica Humana e Animal do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás - CEPMHA/HC/UFG, na pessoa do seu Coordenador, Prof. Joffre Rezende Filho.

Às Instituições Pública e Privada, que cederam seus espaços para a realização deste estudo e pelo crédito ao trabalho. Aos profissionais: Diretor Clínico da Instituição Privada, Dr. Paulo Diniz Júnior, e ao Dr. Pedro Torminn, pelo acolhimento e confiança demonstrados. À grandeza do acolhimento da profissional Lana Leão, relações públicas, pela sua atenção.

Às participantes da pesquisa, pela concessão das entrevistas, importantes para a qualidade deste estudo graças às suas experiências.

À Prof^a. Dra. Kátia Barbosa Macedo e Prof^a Dra. Sônia Margarida Gomes Sousa, pela disponibilidade e atenção dispensadas à leitura deste trabalho, na rigorosa revisão realizada e contribuição.

Ao Dr Sebastião Benício Costa Neto, pelo acolhimento e atenção, ao apontar direções concretas para a realização da pesquisa.

Aos professores e colegas do Mestrado em Psicologia, pela oportunidade de discussões sobre as teorias em psicologia e outros assuntos pertinentes, realizadas em sala de aula, no decorrer do curso, fazendo crescer o conjunto a partir das diferenças.

À minha analista Sônia Maria de Paula Caldas, pela capacidade profissional e experiências que se somaram à nossa caminhada, pela sua objetividade, em especial no início dos trabalhos, com as discussões e segurança passadas.

Ao amigo Dr. Nelson Marques e amiga Psicóloga Rosedália Maciel Goulart Júnior, pelos gestos de nobreza e objetividade nos momentos de incerteza e desencontro nas discussões sobre o campo da pesquisa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	
BELEZA: HISTÓRIA E FETICHE	17
1.1. O sentido da beleza na modernidade se transforma em fetiche	30
1.2. O sentido da beleza fetichizado na contemporaneidade	33
CAPÍTULO II	
INDIVÍDUO E SOCIALIZAÇÃO - CIVILIZAÇÃO/CULTURA	40
2.1. Indivíduo e civilização/cultura	40
2.2. As instâncias de socialização	44
2.2.1. Família.....	44
2.2.2. Trabalho	51
2.2.3. A indústria cultural	57
CAPÍTULO III	
O SENTIDO DA BELEZA NA EXPERIÊNCIA INDIVIDUAL	64
3.1. A pesquisa	65
3.2. Identificação das participantes entrevistadas	68
3.3. Análise das entrevistas	69
3.3.1. O sentido da beleza: a experiência histórica e a contemporaneidade	70
3.3.2. O sentido da beleza: a relação com a auto-estima.	81
3.3.3. O sentido da beleza: as instâncias sociais (família, trabalho, indústria cultural, entre outras) e as mediações psico-sociais	84
3.3.4. O sentido da beleza: o conceito contemporâneo é externo ao indivíduo	96
3.3.5. O sentido da beleza: a transformação em consenso e o fetiche.....	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	108
APÊNDICES	111
ANEXOS	121

LISTA DE TABELAS

1. Quantitativo de cirurgia plástica estética65
2. Quantitativo de cirurgia plástica homens/mulheres66
3. Quantitativo de cirurgia plástica por faixa etária66

RESUMO

O presente estudo discute o sentido da beleza para a mulher, no contraponto dos processos culturais e a partir de instâncias psico-sociais: família, trabalho, indústria cultural, entre outras. Para tanto, busca o sentido da beleza no processo de internalização, de processos subjetivos constituídos a partir da racionalidade que funda e organiza o mundo contemporâneo. Foi realizado a partir de estudos teóricos fundamentados na Psicanálise de Freud e nos autores daquela que se convencionou chamar Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, entre outros, e pesquisa empírica, com entrevistas com mulheres que se submeteram à experiência de cirurgia plástica estética. No primeiro capítulo, apreende o sentido da beleza em sua historicidade e cultura, quanto aos valores da essência e da aparência. No segundo, desnuda o indivíduo em sociedade, para apreender a sua experiência cotidiana dos valores estabelecidos, objetivados e subjetivados entre as mediações externas. Por fim, analisa as entrevistas das participantes, para revelar suas subjetivações oriundas das mediações sócio-históco-cultural. Conclui que o sentido da beleza tem suas significações particulares, singulares e universais.

Palavras-chave: Subjetividade e Cultura, Beleza, Fetiche.

ABSTRACT

The current study is about the meaning of the beauty for a woman, in the counterpoint of cultural processes and through the psycho-social instances: family, job, and cultural industry, among others. It tries to find the meaning of beauty in the process of internalization, of subjective processes constituted from the rationality which founds and organizes the contemporary world. This study was carried out based on theoretical studies of Freud's psychoanalysis and in the authors of Critical Theory of Frankfurt School, among others, empirical searches, with interviews with women that were submitted to plastic aesthetic surgery. In the first chapter, it embraces the meaning of the beauty in its historicity and culture, concerning to the values of the essence and appearance. In the second chapter, it shows the individual inside the society, to understand his/her experience of the established values, objected and subjected in the external mediations. After all, it analyses the interviews of the participants, to reveal its subjections that come from the socio-historical-cultural mediations. One concludes that the meaning of beauty has its particular, singular and universal significations.

Key-Words: Subjectivity and Culture, Beauty, Fetish.

INTRODUÇÃO

Aquilo que sabemos que, em breve,
já não teremos diante de nós torna-se imagem.

Walter Benjamin

“estar sentindo bem, estar magra; ter a imagem
que ficou na adolescência; estar sempre mais e
mais; às vezes, a pessoa está se enganando”.

Eni (Relato de Entrevista).

O presente estudo busca compreender o sentido da beleza constituído contemporaneamente, suas mediações psico-sociais e seus desenvolvimentos. Para tanto, pretende desvendar os nexos constitutivos dos processos culturais, no contraponto da experiência subjetiva da mulher, e apreender as suas mediações psico-sociais.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram utilizados estudos teóricos fundamentados na Psicanálise de Freud, em autores daquela que se convencionou chamar Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, e pesquisa de campo, que buscou, na experiência de mulheres que se submeteram à cirurgia plástica estética, o sentido¹ de beleza e corpo apreendidos como “ideal”.

A inspiração para o tema adveio das evidências de hoje em dia sobre o corpo e a importância que lhe é dada. O que se vê são inquietações quanto às aparências, apontadas

¹ Vigotski (2001) salienta no uso da palavra “sentido” uma distinção: o significado propriamente dito, referindo-se ao sistema de relações objetivas que se formam no processo de desenvolvimento da palavra, considerado de cunho social; e o sentido referente ao significado da palavra que cada pessoa é capaz de expressar na sua singularidade. Neste último, relacionado às experiências individuais, é que residem as experiências intelectuais e afetivas. Aponta como ponto central do processo o fato de que o sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta na consciência da pessoa. Isto é, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que segue variadas zonas de estabilidade. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquiriu em um contexto. Em síntese, trata-se de expressar que o sentido revela o contexto do discurso do indivíduo em sua expressão particular e singularidade, e o significado é a expressão distinta do particular, pois cada palavra representa uma generalização caracterizada por uma zona mais estável no contexto de algum discurso. Assim, tem-se que o significado resulta na passagem do pensamento e palavras mediada por significados que ocorrem num processo complexo de decomposição do pensamento e sua recriação em palavras, porque o pensamento não coincide só com as palavras, mas com o significado na transmissão do pensamento. O significado torna-se um mediador rumo à expressão verbal, um ponto central para Vigotski, caracterizado como perspectiva integradora dos processos cognitivos do pensamento humano.

nas relações sociais, na produção cultural, especialmente através dos meios de comunicação, isto é, a mídia em geral: televisão, jornais, revistas e rádios. Está em causa o que se poderia denominar de indústria da tecnologia da “beleza”, dirigida principalmente às mulheres, que colocam em cena um padrão estético único que, a par de inalcançável, é perseguido e tomado como modelo e exigência.

A compreensão do sentido da beleza implica uma vasta história, desde a beleza tomada como forma de sua natureza em si, como se vê em Platão (1993), no diálogo realizado entre Sócrates e Hípias, que discorrem acerca da manifestação evidente das Idéias sobre o que é o sentido do Belo. Colocam-se aí valores da beleza enquanto abrangência do universal, do verdadeiro, da beleza estética em si e da bondade. Enfim, “o Bem”.

O sentido da beleza, nesse caso, se estende a valores específicos, podendo considerar, em sua ordem de grandeza, a função da arte como possibilidade no aperfeiçoamento da moral, e outras características afins: a arte é objetiva e universal, ao abarcar a capacidade de expressão do sensível, pela veracidade das formas e totalidade em si. São idéias de produção do indivíduo pensando o sentido essencial da fruição de sua criação, que se torna uma instância significativa subjetivada na sua experiência de vida: sua capacidade de essencializar valores fundamentais, que vão se constituindo em cada cultura a seu jeito e sentido, a par de históricos, conforme caracterizados a partir de Platão, que escreve numa época desvelada de sentido do belo na sua essência.

Se a idéia platônica do sentido da beleza é pensada na forma da produção como preceito para a fruição, como o que perpassa gerações e se agrega àquilo que é o justo e o bem, na sua expressão de transcendência, a beleza será compreendida por Kant e outros como atributo subjetivo e objetivo em si, caracterizado nas relações de experiência e no convívio do meio sociocultural de uma época.

Porém, a fruição da beleza no mundo contemporâneo se coloca entre essência e aparência, engendradas na realidade da vida cotidiana. Essa aparece já objetivada em objetos determinados, ganhando significações e especificidades na experiência do convívio e dos preceitos instituídos na imanência da sociedade.

Ou seja, é possível perseguir o contexto sócio-histórico da beleza na realidade contemporânea emergido das agregações de valores socioculturais, que revelam mudanças significativas, evidenciadas pelas marcas da tecnologia, subjetivadas em suas formas e especificidades variadas em meio à cultura, e em suas relações de singular e universal.

O processo de produção, entre outras atividades afins, se apresenta ao mundo do sistema produtivo com caráter diferenciado quanto aos valores e formas de constituir os produtos, ou seja, modificam-se o sistema de trabalho do indivíduo e os processos de criação em si. O que significa dizer que a fruição sofrerá transformações em novas significações e valores, pois seguirá a ordem da técnica emanada das mudanças no sistema produtivo, que desqualifica a construção da beleza na sua essência pela produção de uma ordem buscada na imanência da mais-valia da aparência.

Verifica-se, ainda, que o sistema de produção oferece facilidades ao indivíduo que se relacionam às facilidades oferecidas pela tecnologia, meios de comunicação e mídia em geral.

O indivíduo em sociedade apreende, na sua experiência cotidiana, os valores estabelecidos e constituídos, que se tornam significações subjetivadas em conformidade às suas objetivações, que se efetivam nas suas experiências no contraponto das dimensões psíquicas que engendram a sua singularidade e universalidade. Esses valores são constituídos, portanto, a partir de mediações psico-sociais.

Nesse sentido, segundo Berger e Luckmann (2003), o indivíduo se submete a um contexto de significações, desde a socialização primária, na primeira fase de vida, até posteriormente, na socialização secundária, em que ocorre a possibilidade de formas de conhecimentos variados e internalizados na constituição de identificações subjetivas, a partir de processos de aprendizagem e desenvolvimento psíquico e conforme as normas estabelecidas na vida de socialização do indivíduo. O caráter dessa socialização fundamenta-se no emblema revelado pela importância do “corpo de conhecimento em questão no interior do universo simbólico em totalidade”. (BERGER ; LUCKMANN, p.186).

Essa perspectiva de constituição social do indivíduo é revelada pelas mediações postas na sociedade e na cultura, visto que, ao internalizar a realidade objetiva, o indivíduo torna-se capaz de exteriorizá-la diante da sociedade. Essa internalização se processa concretamente por mediações que são, ao mesmo tempo, psíquicas e sociais.

Segundo Horkheimer e Adorno (1977), a família é fundante dessa internalização em razão de suas características: particular e universal. Portanto, a família é o lugar em que o indivíduo constitui os seus primeiros laços de experiência na vida de relação para se organizar e se estruturar. Desse modo, tem um valor fundamental no processo de constituição estrutural da sua psique.

Nesse sentido, a cultura, apresentada em sua complexidade e diversidade, se estabelece enquanto processo de produção na sua universalidade e particularidade, e atinge os homens de forma diferenciada, sempre através de mediações sociais, como “a família, a escola, a igreja, as instituições de arte e semelhantes” (HORKHEIMER, 2003, p. 180). Da mesma forma, a indústria da tecnologia se confirma como fator de importância na formação do indivíduo e sua constituição psíquica, nos variados grupos sociais, com transformações subjetivas e culturais a cada época.

Assim, a realização desta pesquisa implica, entre outros fatores mencionados, apreender os fatos que revelam e organizam o contexto da realidade em categorias lógicas e históricas do sentido da beleza. Entende que os indivíduos constituem um sentido da beleza, do que seja o belo, e isso é feito não somente por aqueles que se sentem insatisfeitos, mas, em especial, por os indivíduos que passaram pela experiência de buscá-la. A pesquisa, assim, através de procedimentos coerentes com a metodologia da ciência, investiga indivíduos com experiências concretas desse processo de busca de correspondência com um critério social do belo.

Diante dessa realidade, o trabalho procurou instituir um campo de pesquisa consistente, retratado no estudo de casos, para permitir melhor compreensão do problema delimitado e dos processos relacionados à subjetividade e à cultura, recortados pelo sentido da beleza para a mulher.

Segundo Lüdke e André (2004), o desenvolvimento dos estudos de casos, em especial na sua fase exploratória, é fruto e origem de algumas questões ou pontos críticos, que vão sendo explicitados, reformulados ou abandonados a partir de exame dos conteúdos teóricos pertinentes e do contato com participantes que conhecem o problema. Afirmam ainda que, na pesquisa qualitativa, é importante o pesquisador manter um contato estreito com a situação estudada, onde os fenômenos se enraízam e ocorrem naturalmente. E mais: as informações coletadas serão predominantemente descritivas, ou seja, o pesquisador deverá estar atento ao maior número possível de elementos presentes na situação estudada e ter cuidado “ao revelar os pontos de vista dos participantes com a acuidade de suas percepções” (LÜDKE ; ANDRÉ, p. 12).

Nessa perspectiva, a ênfase da pesquisa esteve centrada no processo, mais do que no produto obtido. No estudo de casos, vale a pena insistir, o interesse se manifesta, “naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que posteriormente venham a ficar evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações” (GOODE ; HATT 1968, citados por LÜDKE ; ANDRÉ, 2004, p.17).

Como pressuposto, a mulher pareceu à pesquisa portadora de uma possibilidade heurística diferenciada, especialmente aquelas que se submeteram à prática da cirurgia estética como busca de uma estética corporal ou “completude de beleza”.

Diante desse pressuposto, foram buscadas as condições de compreender as instâncias mediadoras constitutivas do objeto de estudo. Para dar andamento à pesquisa empírica, foi feito contato com 02 instituições que realizam cirurgia plástica estética na cidade de Goiânia, para verificação do perfil das possíveis candidatas a eventuais entrevistas, dentro dos critérios de aprovação do projeto pelo Comitê de Ética (Anexos A e B).

Os trabalhos se iniciaram com um mapeamento para conhecer o contingente de cirurgias plásticas estéticas ocorridas nas respectivas instituições. Esse levantamento inicial foi realizado entre os meses de março a maio de 2005 e colheu informações específicas das pacientes que realizaram cirurgia plástica estética nos anos de 2003 e 2004, sintetizados nas planilhas de mapeamentos, na instituição privada (Apêndice C) e na instituição pública (Apêndice D).

A partir do mapeamento das informações colhidas, registrou-se a quantidade total de cirurgias realizadas em homens e mulheres, considerando as suas respectivas idades e as especificações de tipo (região do corpo): Abdômen, lipo, mama, prótese de mama e, região da face: nariz, orelha e pálpebra. Entre essas especificações definidas foram agrupadas todas as demais cirurgias realizadas. Assim, com as informações obtidas a partir das especificações e quantidades de cirurgias registradas nas planilhas de mapeamentos (Apêndices C e D), escolheu-se aleatoriamente oito mulheres, com as quais fez-se o contato para entrevistas de livre escolha e consentimento, conforme termo assinado pelas participantes (Apêndice A), que marcaram-se o local e horário de realização.

O total de entrevistas com as participantes, portanto, foi de oito, com questionários semi-estruturados (Apêndice B). As entrevistas foram realizadas entre os meses de junho a agosto de 2005, com duração, aproximadamente, de 30 minutos a 01 hora. Foram gravadas com o consentimento das participantes e transcritas e arquivadas em meios magnéticos. Deverão ser guardadas até os prazos legais previstos, com a segurança adequada de sigilo.

O local das entrevistas foi segundo a escolha das participantes, ou seja, para aquelas da instituição privada, ocorreu da seguinte forma: duas escolheram as respectivas residências e duas o local do trabalho. No caso das participantes da instituição pública, a

escolha recaiu na instituição em que realizaram a cirurgia. Foi disponibilizada uma sala específica para os trabalhos.

Em seguida, foi estabelecido o procedimento da análise qualitativa de conteúdo das entrevistas, para dar subsídio à pesquisa empírica e sua relação com a teoria apresentada, e engendrar os resultados apresentados no Capítulo 3.

Para expor a análise realizada, este trabalho está estruturado em três capítulos. O capítulo primeiro intitula-se Beleza: História e Fetiche e apresenta uma incursão na história da beleza e seus conteúdos específicos, dando ênfase à tradução da sua diversidade singular e universal. Vislumbra a sua inserção na cultura sócio-histórica de cada época, incluindo as transformações e as complexidades dos sentidos em sua *práxis*, na experiência do particular e universal, cujas transformações se definem entre o sentido da beleza pensada na sua essência e transformada, nos dias atuais, em modelos de mais-valia no sentido da aparência, do bonito, do emblema do fetiche.

O segundo capítulo, com o título de Indivíduo e Socialização - Civilização/Cultura, expõe a experiência do indivíduo na sua relação com o outro, instituída por ideações no convívio objetivado na singularidade e universalidade, desvendando os valores naturais diante da realidade e da civilização. Observa os valores instituídos e instituintes do indivíduo enquanto ser de relação na cultura contemporânea, considerando as mediações importantes do seu desenvolvimento, quando se objetiva e subjetiva a sua estrutura psíquica.

No terceiro capítulo, discute-se as principais categorias que emergiram da análise das entrevistas. Busca uma visão ampliada das caracterizações constitutivas do indivíduo através das mediações que se subjetivam na singularidade e universalidade, capazes de instituir forças necessárias para a experiência particular de transformações psíquicas em razão das mediações referidas, ou seja, originárias de instâncias externas, com destaque para as instituições sociais, como a família, o trabalho, a indústria cultural, entre outras.

Para isso, observam-se os interesses definidos entre as participantes, suas experiências do sentido da beleza, a par de buscar conhecer como se constitui esse sentido em seu processo de historicidade, destacando-se a importância da relação entre os pontos da teoria e da empiria deste trabalho. Observam-se ainda a capacidade da cultura de objetivar e subjetivar o sentido da beleza e suas transformações, reveladas como tendências de mudanças substanciais na sociedade, e as evidências apreendidas pelas categorias emergidas sobre o sentido da beleza para a mulher.

Procura-se compreender, a partir da experiência subjetivada das participantes, características específicas do sentido da beleza idealizada, com destaque para mediações subjetivadas como categorias específicas, passíveis de engendrar valores constitutivos na vida psíquica daquelas que se submeteram ao processo de cirurgia plástica estética, pensando tal sentido na realidade de nossa cultura.

CAPÍTULO I

BELEZA: HISTÓRIA E FETICHE

Pois, afinal, o que é a beleza do corpo? Ela é, certamente, uma determinada atitude, vivacidade e graça, que brilha no corpo sob a influência de sua idéia. Esse esplendor não desce até a matéria se esta não foi previamente preparada. E a preparação do corpo vivo consiste em três coisas: a ordem, o modo e a espécie ou aparência. A ordem significa a distância entre as partes; o modo significa a quantidade; a espécie significa as linhas e as cores. Pois em primeiro lugar é preciso que cada membro do corpo esteja em seu lugar natural, isto é, que as orelhas, os olhos, o nariz e os outros membros estejam em seu lugar, e que os dois olhos estejam igualmente próximos do nariz, e que as duas orelhas estejam igualmente afastadas dos olhos. Mas essa paridade das distâncias, que pertence à ordem, não é suficiente, e cumpre acrescentar o modo das partes que atribui a cada membro o tamanho pretendido, levando em conta a proporção de todo o corpo. G. P. Lomazzo apud Panofsky (2000, p. 131).

A história da beleza tem um longo percurso que pode ser estabelecido da Grécia Antiga, por volta do século VI a.C., à Idade Média, chegando até a contemporaneidade.

O sentido da beleza é histórico e, ao longo do tempo, assume diferentes formas e significados. Afinal, “[...] a Beleza jamais foi algo de absoluto e imutável, mas assumiu faces diversas segundo o período” (ECO, 2004, p. 14).

Assim, variam as idéias acerca dos significados e sentidos de algo que se pode considerar como coisa bela em cada época. Está em causa, como ponto de partida, a beleza que ainda não é concebida como uma “regra”, mas reconhecida como um bem, isto é, um bem alheio a interesses, sentida no plano da admiração e não da realização, a “bela-ação”. É o sentido que pode ser visto a partir de uma expressão comum entre os gregos, aquela em que o indivíduo se submete à sua experiência subjetiva as coisas como são em si. Pois, “[...] não a desejamos como um bem a ser adquirido [...] existem coisas

que se mostram agradáveis à contemplação independentemente do desejo que temos delas” (ECO, 2004, p.10).

Na Grécia Antiga, segundo Eco (2004), referindo-se ao período da era de Péricles, a beleza não tinha a sua autonomia. Mesmo em Homero, o belo ainda não possuía critérios de definição que o ligassem à teoria da beleza. O critério de avaliação da beleza naquela época era o da beleza originada de uma resposta dada pelo oráculo de Delfos: “O mais justo é o mais belo” ou “Quem é belo é caro, quem não é belo não é caro” (p. 37). Sem um critério de ordem que fosse considerado como regra para o entendimento sobre a beleza, era algo de origem no oráculo, portanto sem estatuto autônomo.

Nesse sentido, a beleza estaria associada a outros valores ligados ao belo. O olhar da representação “clássica” da beleza era, na verdade, fictício ou projetado a partir do passado, que era caracterizado pelos grandes mestres e considerado em sua ordem de grandeza e qualidades para alcançar a sua imitação na superioridade das estátuas. O que se via era uma exigência a que o indivíduo deveria submeter-se: uma precisão de sujeito que possuía uma alma bela em um corpo belo, para que o verdadeiro caráter dos antigos fosse descoberto em tempos modernos. Nesses termos é que o artista era visto com suposta capacidade para efetuar a arte e a literatura da Grécia e Roma Antigas (ECO, 2004).

Nesse momento da História, desvela-se o classicismo, com critérios estilísticos e estéticos sobre a arte e a literatura na Grécia e Roma Antigas, em analogia aos homens pela sua capacidade de criação no mundo das artes: expressando a juventude das artes como um fato, o artista “precisaria” de um tempo de percurso no processo de produção da sua obra. Isto é, ele necessitava de um amadurecimento natural em sua produção para conceber o momento de adequação do objeto de arte produzido com o sentido da beleza estética, fazendo uma reprodução da grandiosidade da obra a partir de um artista mestre, com produções particulares, como as estátuas antigas gregas, comprovadas na origem daquilo que se apresentava à alma bela, como a sua, corpo belo, para ser o primeiro em tempos modernos a descobrir o verdadeiro caráter de grandeza e, assim, ser considerado imune à imperfeição, com aptidão à grandeza.

Como se vê, a idéia fundamental do caráter de perfeição pensando o sentido da beleza agrega-se aos valores da arte. Porém, Platão (2004) afirma no texto “A República” a questão da possibilidade de imitação da arte como um fato que retrata o distanciamento da verdade. Platão chama a atenção para o que isso pode representar para o sentido da

beleza, ou seja, para o contrário dela, por retratar um objeto “arte” que não convida o espírito à reflexão, à contemplação da coisa em si.

Com isso, Platão (1992) estabelece duas concepções sobre o sentido da beleza: a harmonia e a proporção, como paradigmas de uma compreensão do sentido da ordem, revelada por um momento ulterior da temática do belo, com a idéia de limite e proporção das partes, o que promove a visão de beleza ligada à sua autonomia. Assim, a beleza passa a ser pensada enquanto formas afins, uma condição de trabalho perfeito que atende a uma ordem na maneira de ser das coisas, ou seja: “São as idéias a medida de todas as coisas sob a animação do Bem, o que equivale dizer que ‘Deus deve ser a medida de todas as coisas’” (PLATÃO, 1992, p. 107).

O sentido belo está, portanto, referido àquilo que diz respeito ao objeto que é visto em sua forma, que “deleita os sentidos, e entre estes, em particular o olhar e a audição” (ECO, 2004, p. 41). Isto é, refere-se à forma capaz de fazer com os sentidos do belo em si uma conexão com a sua essência, uma sintonia convergente de precisão.

A precisão do sentido do belo é compreendida como a exatidão em si, pensado o esmero da harmonia da beleza do indivíduo para além das aparências. Nesse aspecto, Platão (2004) afirma que, para atingir este atributo da harmonia do belo, as ações do indivíduo deverão ser orientadas de forma contrária aos prazeres irracionais, isto é, àqueles não referidos à “boa forma” do corpo. Buscar a harmonia do belo corresponde também à “temperança” dos fatores que se ligam ao bem-estar do corpo, na relação “saudável e formoso”. Assim, a saúde é composta na sintonia entre “a harmonia do seu corpo com vista a acertar o acorde de sua alma” (PLATÃO, 2004, p. 292).

O sentido do belo que vai além das aparências implica uma forma de olhar particular e apreende essa particularidade numa amplitude tal que o belo passa a ser compreendido como necessário para o ser de relação. Platão (2002), ao significar seu entendimento acerca do belo, dirá:

Que pensamos então que aconteceria, se a alguém ocorresse contemplar o próprio belo, nítido, puro, simples, e não repleto de carnes humanas, de cores e outras muitas ninharias mortais, mas o próprio divino belo pudesse ele em sua forma única contemplar? Porventura pensas, disse, que é vida vã a de um homem a olhar naquela direção e aquele objeto, com aquilo com que deve, quando o contempla e com ele convive? Ou não consideras, nas palavras de Diotima, que somente então, quando vir o belo com aquilo com que este pode ser visto, ocorrer-lhe-á produzir não sombras de virtude, porque não é em sombra que estará tocando, mas reais virtudes, porque é no real que estará tocando? E que, a quem produziu autêntica virtude e a alimentou cabe tornar-se amigo da divindade, e se a algum outro homem cabe tornar-se imortal é sobretudo a este? Eis o que me dizia Diotima, ó Fedro e demais presentes, e

do que estou convencido; e, porque estou convencido, tento convencer também os outros de que para essa aquisição um colaborador da natureza humana melhor que o Amor não se encontraria facilmente (PLATÃO, 2002, p.164-165).

No desenvolvimento cultural, e dentre suas concepções, a beleza da arte se destacará na importância da pintura e da escultura. A partir daí, a beleza expressa uma realidade cultural traduzida na busca da beleza ideal, na visão dualista que abrange a harmonia da alma e do corpo, isto é, o equilíbrio da representação realista da beleza das formas humanas. “A Beleza das formas orgânicas é preferida àquela dos objetos inorgânicos” (ECO, 2004, p. 45): o sentido da beleza expressando o seu contorno através da harmonia do corpo e alma. Em síntese, é o sentido de Beleza que se revela nas formas harmônicas em si e na bondade da alma refletida nas formas visíveis, na definição do belo como o que “agrada e atrai”.

A superioridade da beleza da natureza em relação à arte, configurando certas influências negativas a partir de Platão, por suas atitudes hostis, é destacada por Venturi (2002). O autor revela a importância maior da beleza da natureza em razão da adequação de suas causas, ou seja, faz referência à beleza do corpo humano por considerá-lo na proporção de suas partes. Fala da importância notável do pensamento estético que Aristóteles dispensou para o desenho, no sentido de aperfeiçoar o juízo da beleza do corpo humano limitado pela proporcionalidade, seja na simetria do corpo visto como beleza da natureza ou pela aprendizagem do desenho como produto da arte, subordinando a beleza natural do corpo humano ao conhecimento do desenho.

O advento da arte renascentista ressalta o advento da harmonia das proporções e destaca os valores das proporções e especificidades como relevantes e responsáveis pelo realce do belo. Denota diversidades, partindo de formas de olhar, com o exemplo das cores que agregam valores à aura² do belo e outras qualidades sensíveis, reconhecidas como objetivo inserido entre as características atribuídas à beleza na evidência do corpo.

Desse modo, torna-se evidente que a beleza marca, em seu processo de fruição, presença no mundo, e assim pode-se configurá-la numa forma tal que está submetida a um processo contido em si, que ganha abrangência e tónus em seus “contornos”, dos

² Referindo-se a cada um dos princípios sutis ou semimateriais que interferem nos fenômenos vitais, isto é, como suposto campo de energia que irradia dos seres vivos (FERREIRA, 1988, p. 73).

quais emergem formas criativas a partir de desvendamentos do mundo da criação da arte no contexto da civilização.

A arte e a beleza foram objetos de discussão na época medieval, sempre ligadas a uma âncora que buscava o sentido da realidade em si, aquilo que se constitui para além das aparências, utilizando-se das mediações do que constitui a coisa bela sob a influência da filosofia de Platão.

Na Idade Média, está em causa a transitoriedade revelada na experiência que, para Eco (2004), refere-se ao período que consolida a filosofia da beleza exterior e acrescenta que esta é “fugaz como as flores da primavera”. (p. 91). Os valores dados à significação sobrenatural das coisas do universo são valores significados pelos costumes e atribuídos como positivos e negativos até mesmo às cores. Ocorrem entre os séculos X e XIII, em consonância com o momento em que se registram variadas mudanças no gosto e nas convicções dessas significações, representadas por contradições acerca do referencial de Beleza, pensando o sentido da harmonia e da conveniência em si.

Para Roberto Grossatesta (Apud ECO, 2004),

[...] A beleza é harmonia e conveniência de si, consigo mesma e de todas as suas partes singulares com ela mesma, entre elas e a harmonia do todo, e do próprio todo com todas as coisas. Ora, Deus, sumamente simples, é suma harmonia e conveniência, sem possibilidade alguma de dissonância ou discrepância, não apenas em harmonia com todas as coisas, mas também fonte da própria harmonia do ser para todas as coisas [...] (ECO, 2004, p. 126).

No século XII, Eco (2004) observa que cores que antes não eram apreciadas, como a cor azul, tornaram-se cores representativas. O valor místico e estético passou a ser a cor, a partir de então responsável pela ornamentação dos vitrais das catedrais. A beleza foi representada em suas formas variadas, quanto aos estilos e gostos distintos, para diversas finalidades. Numa referência ao ciclo dos romances do Rei Artur, por exemplo, os cavaleiros de cabelos ruivos eram considerados vis, “traidores e cruéis”. Isto é, o que se vê nesse prisma são os valores distintos do belo em sua trajetória histórica. E acrescenta: “[...] apenas alguns séculos antes, Isidoro de Sevilha dizia que entre os cabelos mais belos estavam os louros e os ruivos” (ECO, 2004, p. 123).

Também no séc. XII, há a franca expansão da sensualidade feminina, mesmo que com extremo rigor e moralidade. Assim, Eco (2004) assevera que os filósofos, teólogos ou místicos não se ocuparam de tratar da beleza feminina, vez que o moralismo da Idade

Média tinha desconfiança da forma de compreender a mulher pelos prazeres do corpo. Era uma época em que os homens de igreja agregavam os valores morais aos seres e objetos. Entretanto, as formas especiais de fazer referência à sensualidade da mulher estabeleciam critérios sociáveis incomuns. Ou seja, para expressarem sobre o corpo, utilizavam-se atitudes específicas, como os cânticos. Essas atitudes eram vistas como condição para aludir a uma determinada parte do corpo. Nesse caso particular, Hugo de Fouilloi cita um sermão sobre um cântico que aludia à forma de como deveriam ser os seios femininos: “belos são, com efeito, os seios que se realçam um pouco e são modicamente tímidos. [...] contidos, mas não comprimidos, docemente presos em que ondeiem em liberdade” (ECO, 2004, p. 154). Como se pode observar, a referência contempla conteúdos de expressão retórica, que parece contrariar o sentido da beleza em si.

No século XV, emerge uma espécie de beleza de fato contraditória, cuja exigência fica além da percepção da visão. Entra em pauta a criação artística, o artista sendo ao mesmo tempo “criador de novidades e imitador da natureza”. Exemplo é Leonardo Da Vinci, cujas atividades cumpriram a exigência básica da época, ou seja, a inovação técnica, que impõe uma espécie de transformação enigmática da beleza dos rostos femininos (ECO, 2004, p. 176 e 178). Na verdade, toma-se, nesses casos, a criação na esfera da arte: “A beleza adquire assim um alto valor simbólico que se contrapõe à concepção da Beleza como proporção e harmonia” (p. 184).

Neste período, entre os séculos XV e XVI, a beleza mágica se pode considerar como aquela que transcende o tempo. Trata-se de uma beleza que independe das mediações sociais da época, instituída a partir da universalidade objetiva na subjetividade do indivíduo, que apreende a qualidade do ser humano não no pressuposto da “cor do rosto”, na forma aparente, mas em algo além do visível, na sua essência, naquilo que transcende. Fala-se de uma beleza atemporal, aquela que fora intitulada por Plotino, apud Eco (2004):

Na verdade, não há beleza mais autêntica do que a sabedoria que encontramos e amamos em algum indivíduo quando, prescindindo de seu rosto, que pode ser feio, e sem atentar de fato para a sua aparência, buscamos a sua beleza interior. Se esta última não te comove a ponto de considerares belo um tal Homem, também não poderás, olhando em teu próprio íntimo, perceber a ti mesmo como coisa bela. E insistindo nesse comportamento, buscarás em vão, pois estarias procurando em coisa feia e não pura. Por isso esses nossos discursos não são dirigidos a todos: mas mesmo que te vejas belo, é bom que te recordes [...] (ECO, 2004, p. 184).

Reabilita-se a beleza supra-sensível³ de Plotino, mergulhada nas raízes simbólicas da cultura da época, e se atribui à beleza a mesma dignidade e autonomia do bem e da sabedoria. Não por acaso o entendimento da natureza é procedido no interior de uma relação mais geral, que Eco qualifica de correspondência entre o “macrocosmo e o microcosmo”.

Na passagem do século XVI ao XVII, inicia-se a transformação progressiva da imagem da mulher. Especificações de traços e particularidades são vistas na representação da sua beleza, nas imagens e nas aparências. São consideradas modelos sensuais, que apresentam traços pessoais no corpo, caracterizados de forma específica, por exemplo, os lábios estreitos sem traços passionais, as vestimentas se apresentando com modelos específicos da época.

A beleza clássica admite o efeito da dissolução, ao se apresentarem outras formas de expressão. Surge, nesse percurso, a caracterização do sentido da beleza como afirmação do processo que dá sentido ao belo em si, referido numa especificidade como “graciosa e sacra beleza”, ou seja:

[...] Pode-se dizer que o bom e o belo são, de algum modo, uma mesma coisa, sobretudo nos corpos humanos, de cuja beleza a mais próxima causa eu considero que seja a Beleza da alma que, como partícipe da verdadeira Beleza divina, ilustra e faz belo tudo o que toca, especialmente se o corpo no qual habita não é de matéria tão vil que a impeça de imprimir-lhe a sua qualidade. Porém, a Beleza é o verdadeiro troféu da vitória da alma quando ela, junto com a virtude divina, domina a natureza material e vence com sua luz as trevas do corpo. Não se deve, portanto, dizer que a beleza faz as mulheres soberbas ou cruéis, [...] nem se devem imputar às belas mulheres aquelas inimizades, mortes, destruições, das quais as causas são os apetites imoderados dos homens [...] (ECO, 2004, p. 212).

Novas expressões de beleza surgem com as mudanças do espírito renascentista, ponto de partida para o barroco, que implica uma beleza que, “mesmo não tendo forma própria, deve outrossim ter sutileza ou acuidade capaz de surpreender e penetrar a alma do ouvinte” (ECO, 2004, p. 229).

Assim, abre-se espaço para a beleza conceitual. Considera-se o caráter impressionante do estilo, prevalecendo a engenhosidade sobre o conteúdo. A expressão da beleza da mulher passa a ser representada pela sua capacidade de exprimir a

³ A Beleza Supra-sensível destaca, na verdade, aquela mais autêntica, porém é aquela revelada a partir da sabedoria que encontramos e amamos em algum indivíduo quando, prescindindo de seu rosto, que pode ser feio, e sem atentar de fato para a sua aparência, buscamos a sua beleza interior (ECO, 2004, p. 184).

“multiplicidade de particulares e de relações do corpo feminino” (ECO, 2004, p. 232), mesmo aquelas insignificantes, como um “sinal” ou uma “cabeleira”.

O que se tem nesse momento espelha o sentido da beleza, marcado pelas contradições de seus juízos de gosto. Assim, pode-se ver que a questão do belo, em que pese o seu sentido, suscita a imanência, isto é, ocorre em contradição aos processos da natureza do belo em si. Ou seja, o belo ganha significação e agrega importâncias diferenciadas no seu sentido em si, marcados por juízos de valores contraditórios, com conseqüentes conflitos constituídos nas subjetivações feitas através de critérios específicos estabelecidos, que ancoram nas diversidades caracterizadas no emblema do sentido da beleza do corpo. A história vai apontando idéias sobre o belo, em suas formas variadas e caracterizações, que assumem valores especiais através das emoções subjetivas, magia do estilo de época, no caso representado pelo maneirismo⁴, que antecipa o barroco em suas diversificações e formas assimétricas.

No final do século XVII, as mulheres barrocas são substituídas por mulheres menos sensuais, porém mais livres em seus costumes, suas vestes e cabelos. As damas parisienses seguem uma revolução de costumes em relação à moda vista até então, acrescentados os debates sobre a natureza do amor. Essas discussões foram objeto de contribuição das mulheres à filosofia moderna, na idéia de que o sentimento não é uma simples perturbação da mente, mas exprime, ao lado da razão e da sensibilidade, uma terceira faculdade do homem.

O sentimento representa uma reserva usada por Rousseau para revelar-se contra a Beleza moderna artificiosa e decadente, reconhecendo para o olhar e para o coração o direito de mergulhar na beleza originária e incorrupta da natureza, com um sentido de nostalgia melancólica do “bom selvagem” e do menino espontâneo que estavam no homem em sua origem e que doravante estão perdidos para sempre (ECO, 2004, p. 260).

Como desenvolvimento desse processo histórico, surge o debate estético do século XVIII, a partir das inovações do Renascentismo e do século XVII: a modernidade. Reflete Rousseau na sua expressão de beleza moderna: “artificiosa e decadente” e sugere novas tendências de caráter conceitual sobre os valores da beleza fundamentados sob a sua forma. Começa a era da indústria editorial, a beleza se confundindo com o emblema

⁴ O maneirismo, um estilo do século XVI, trata de uma Beleza que exprime complexidade pelo seu refinamento que, segundo Eco (2004), remete mais ao uso da imaginação que do intelecto, privando o belo dos critérios de medida, ordem e proporção. Portanto, ele fica a critérios subjetivos. Caracterizou-se nas figuras exageradas, no uso de cores e formas “exageradas”, em busca da obtenção de efeitos emocionais. Nesse sentido, contradiz os renascentistas, indo ao encontro do Barroco do século XVII.

dessas mudanças entre beleza natural e artística, entre homem sensível e natureza, no interior de uma multiplicidade de relações, cuja percepção fundamenta o juízo do belo e cujas idéias dependem da difusão da imprensa.

Inicia-se uma nova fase, caracterizada pela atenção à expressão individualista, voltada para o homem moderno, época que converge o rigor individual e a paixão arqueológica em busca de pesquisas que incluem a beleza em suas várias dimensões. Assim, a beleza clássica é vista como um momento crítico que, ao fim e ao cabo, instaurava a discussão de temas de poses tradicionais que buscavam maior liberdade expressiva.

Com efeito, o que se vê a partir de então é a revelação da beleza com característica específica quanto ao seu sentido, destacando-se o pressuposto subjetivo, preparado e feito de qualidades interiores e de liberdade em relação aos estereótipos, para além da necessidade do uso do método e da excelência prática.

Já no final do século XVIII, a beleza natural é uma bela coisa; mas a beleza artística é uma bela representação de uma coisa. Se, porém, o objeto é dado como um produto da arte, e como tal deve ser definido belo, então a arte sempre pressupõe um fim na sua causa (e em sua causalidade). O juízo não é mais puramente-estético, ou seja, ele é juízo-de-gosto⁵. A natureza não é mais julgada como ela aparece na arte, mas na medida em que efetivamente é arte, “embora sobre-humana”.

No princípio do juízo kantiano, as fúrias, as doenças, as devastações da guerra, e assim por diante, podem, como calamidades, ser descritas com muita beleza e até mesmo representadas na pintura. Somente uma espécie de feiúra⁶ não pode ser representada conforme a natureza sem arruinar qualquer deleite estético e, portanto, a Beleza artística: a saber, aquela que desperta nojo. Pois, nessa singular sensação, que repousa sobre pura imaginação, o objeto é representado, por assim dizer, como se ele se impusesse à fruição, contra a qual, no entanto, lutamos com violência. Assim, a representação artística do

⁵ “O juízo de gosto é um juízo sobre a beleza de um objeto representado, posto em relação com o sujeito pelas faculdades da imaginação e do entendimento. O Juízo afirma *a priori* um pretensão significado universal da beleza: a relação que o entendimento estabelece entre a representação da imaginação e o sujeito envolve todos os sujeitos em potencial com a representação dada. A beleza é a forma desse objeto, ajuizada como um jogo entre as faculdades de conhecimento. [...] a beleza envolve o conhecimento sem o ter em vista, justamente porque se trata de um jogo em sentido estrito.” (ROHDEN, 1998, p. 65-66).

⁶ “A arte inclui o feio, não só quando não consegue alcançar o belo mas também na medida em que o seu objetivo pode ser precisamente o feio. Mesmo os gregos representaram imagens do feio, crimes horríveis e loucuras; de qualquer modo, na arte cristã, o elemento diabólico faz parte do mundo espiritual e não se poderia eliminá-lo sem correr o risco de entender esse mundo de modo superficial. E, aliás, quem faz belo o diabo acrescenta ao feio uma fraude e é condenado. É, portanto, necessário, exprimir o feio por meio de uma intensificação, que é idealização” (VENTURI, 2002, p. 196).

objeto não se distingue mais da natureza desse próprio objeto em nossa sensação, e então é impossível que aquele seja belo. É sublime, ou seja, que não atinge o sentido de valores na ordem do belo em si, mas refere-se a um objeto que pode ser referendado como quase perfeito (KANT, 2002).

Para Campos (1998), a possibilidade do juízo estético se funda na relação entre natureza e conhecimento e, portanto, sem a prescrição de uma “lei”, por se desvendar a partir de uma condição subjetiva. Com isso, torna-se evidente o fato de que não se pode evocar tal condição como sendo um princípio real da natureza. Isto é, revela-se a analogia entre arte e natureza através da Beleza⁷, considerando-se a importância de se observar o pressuposto quanto à existência da natureza bela, ou seja:

É preciso considerá-la como se fosse arte, e não como idêntica à arte. A finalidade da natureza é puramente idealística, ou seja, é um acordo que se produz a si mesmo, sem escopo, casualmente, entre a exigência do juízo e as formas da natureza, determinadas segundo as suas leis particulares. Como fundamento do juízo está a identidade, isto é, quando julgamos a beleza, buscamos em nós mesmos a priori o critério do juízo (CAMPOS, 1998, p. 104).

E mais, segundo Kant, apud Campos (1998):

[...] A beleza da natureza pode com razão ser designada como um *analogon* da arte, [...] Mas a perfeição natural interna, tal como a possuem aquelas coisas que somente são possíveis enquanto fins naturais e por isso se chamam seres organizados, não pode ser pensada e explicada segundo uma analogia com qualquer faculdade física, isto é, natural, que seja conhecida nem mesmo através de uma analogia perfeitamente adequada à arte humana (CAMPOS, 1998, p. 104).

Nesse sentido, o belo se confirma numa visão de algo que se torna agradável de maneira desinteressada, sem a remissão a um conceito, sem regras, mas com originalidade. O gosto é a faculdade de julgar um objeto mediante o prazer ou o desprazer. É o objeto do prazer que se desvenda e passa a ser aquilo que doravante é definido como belo. Tem um valor universal e todos devem partilhar desse juízo, que não parte de um conceito, mas de um sentimento.

A Beleza desencantada surge, então, em meio ao romantismo que se institui na era moderna, que invade o estado de idéias do espírito moldado pelas regras e forma uma

⁷ Para Kant, a beleza não é considerada enquanto nenhum tipo de qualidade do objeto. Assim, o racionalismo do princípio de gosto jamais pode ser posto no fato de que nesse juízo a finalidade seja pensada como objetiva, isto é, que o juízo tenha a ver teoricamente com a perfeição do objeto, mas só esteticamente no sujeito, com a concordância de sua representação na faculdade da imaginação com os princípios essenciais da faculdade do juízo em geral (CAMPOS, 1998, p. 107).

concepção cultural que estabelece como norma a liberdade e uma ideologia voltada para o indivíduo, traduzida pela busca da felicidade no mundo compreendido como inexplicável e imprevisível. Portanto, vive-se num suposto mal-estar, e numa possível contradição de sentimentos entre a interioridade e a mediação social e cultural, negando as regras da razão. Com isso,

O homem romântico vive a própria vida como um romance, arrastado pela potência dos sentimentos aos quais não pode resistir. É daí que brota a melancolia do herói romântico. Não é por acaso que Hegel estabelece o início do romantismo justamente em Shakespeare, prefigurado pelo mestre reconhecido dos românticos (ECO, 2004, p. 314)

Entra em causa o sujeito que busca o entendimento da beleza na configuração do seu interior, em meio às contradições entre o indivíduo e a mediação social e cultural, como uma significação de verdade mais aprofundada. Nesse sentido, traduz-se a expressão acerca do que seja “Anima Bella”, como:

A consciência vive na ânsia de manchar com a ação e com seu estar ali a glória de seu interior; e, para conservar a pureza de seu coração, foge ao contrato da efetividade e mergulha na pertinaz impotência de renunciar ao próprio Ser aguçado até a última abstração e de dar-se substancialidade, ou de transformar seu pensamento em ser e confiar-se à diferença absoluta. Aquele vazio objeto que ela produz a preenche agora com a consciência de sua vacuidade; o seu operar é a aspiração de nada fazer senão se perder em seu fazer-se objeto desprovido de essência, e que, recaindo, além desta perda, em si mesmo, encontra-se como perdido; nesta lúcida pureza de seus movimentos, uma infeliz anima bella, como se costuma dizer, arde consumindo-se em si mesma e dispersa-se qual névoa fugaz que se desmancha no ar (ECO, 2004, p. 315).

A Beleza pode se exprimir fazendo convergir os opostos: o Feio já não é a negação, mas a outra face do Belo. Porém, o belo é sempre da ordem da grandeza, do “bizarro”, ou seja, destaca-se pela boa forma entre aparência e essência. Não que seja voluntariamente nobre, pois em tal caso seria algo de extraordinário, que sai dos trilhos da vida. Mas contém sempre um pouco daquilo que pode ser visto e sentido como uma espécie de estranheza, que o faz ser particularmente Belo.

É por isso que não existem temas belos ou temas vulgares, e que se poderia quase que estabelecer como axioma, colocando-se do ponto de vista da arte pura, que não existe tema algum, o estilo sendo, por si só, uma maneira absoluta de ver as coisas (ECO, 2004, p.339).

As mudanças do sentido da beleza vão ganhando novos estilos quanto às suas ideias de grandeza e compreensão. A partir do século XIX, conceitos vanguardistas começaram a questionar os enfoques tradicionais da estética, segundo os quais a arte é imitação da natureza e as obras de arte são tão úteis quanto belas. Os pós-impressionistas, segundo Eco (2004), demonstraram mais interesse pela estrutura pictórica e em expressar a psiquê do que em representar objetos do mundo da natureza. Esse interesse tornou-se mais desenvolvido com a chegada do século XX, através dos pintores cubistas, como Pablo Picasso. Relacionado a tais enfoques, adquiriu importância o princípio da “arte pela arte”.

O que se vê acerca do sentido da beleza a partir de então é uma nova relação entre essência e aparência, cujos sentidos se alteram quanto aos procedimentos e atributos de valores e inauguram a possibilidade de um juízo estético que contrarie o enfoque tradicional da estética, do belo. Os valores da beleza ganham força e expressão destinadas ao sentido prático do objeto da arte pela sua aparência, cuja fruição se dilui entre “forma e função”.

O século XX se revela como marco da estruturação da “estética industrial”, no sentido da produção da beleza antes representada pelas formas manuais. Encontrada na “Analítica do Belo” com destaque entre o agradável e o bom, e, na “Analítica do Sublime”, em sua *práxis* entre “artes mecânicas e estéticas”, a arte se desnuda naquilo que Passos (1998) descreveu como capaz de promover uma sensação cultural. A partir dessa época, as transformações revelam a beleza nas máquinas produtivas, consideradas eficientes, porém, sem agregar a sua utilidade. Com isso, surge o novo paradigma que compara a beleza das obras de arte com as máquinas e suas características e expressão.

A arte do século XX volta-se para os objetos de uso, numa época marcada pela “mercadização” das coisas e, em geral, da vida das pessoas, que convivem comprimidas entre a beleza da “provocação” e a beleza do “consumo”. A par de que cada século apresente suas características específicas, o século XX desvela movimentos denominados como beleza da provocação: “aquela proposta pelos vários movimentos de vanguarda⁸ e pelo experimentalismo artístico” (ECO, 2004, p. 415), como nos grandes nomes da arte, de Picasso aos mestres da arte informal e além. Nesse sentido, a beleza ainda não estaria

⁸ O movimento de vanguarda se institui num momento que expõe uma experiência de mundo em época de dissolução, como movimento negativo que prossegue a superação da arte em uma sociedade histórica por uma história que ainda não foi vivida, mas torna-se pioneira no contexto da expressão de mudanças. Ou seja, quanto mais grandiosa for sua exigência tanto mais sua verdadeira realização estará além dela. Essa arte é forçosamente de vanguarda (DEBORD, 2002, p. 124).

colocada em questão quanto à sua estética e essência, por entender que este sentido já estaria estabelecido como tal. Na época moderna, a arte, em sua diversidade de correntes, pode ser traduzida por uma estética abstrata diante das sensibilidades, uma experiência diferenciada que marca, de forma contrária, a idéia que o homem comum tem da beleza.

Com isso, a modernidade refere-se ao homem submerso na experiência que não tem como fim a sua contemplação, mas outros fenômenos, que se revelam como ritos sobre a coisa “bela” transformada em valores que ganham expressões diversas do tipo: “bela forma [...] bela balada [...] bela noitada de uma bela corrida de motocicleta” (ECO, 2004, p. 417). Ou seja, são expressões daquilo que se compreende como “beleza da provocação”, que se desnuda num sentido contrário à idéia da natureza na expressão do belo pela sua harmonia e proporção em si, isto é, o sentido que não se refere à expressão de contemplação, pois apenas é visto por um cotidiano que ganha expressão de beleza no seu aspecto abstrato, atribuída como algo incapaz de incorporar a sua essência, e que, portanto, viola seus valores em si.

Vive-se uma realidade que convive com o mundo industrializado, que se põe diante de uma visão diferenciada em relação ao século XIX. É um momento de descoberta dos meios de produção de objetos que revelam a curiosidade dos visitantes de obras de artes, por exemplo, que se deparam com a arte de vanguarda, que não a compreendem pelo seu valor de beleza ou quanto à essência da arte da obra esculpida, mas são capazes de comprá-la. Pode-se dizer que se vivem ideais de beleza numa proposição de consumo comercial, traduzida numa contradição da era moderna.

E é ainda possível dizer que as transformações ocorridas no século XX desvendam o retrato de uma realidade de que Eco (2004) dirá: “Será obrigado a render-se diante da orgia de tolerância, de sincretismo total, de absoluto e irrefreável politeísmo da Beleza” (p. 428).

Com isso, desvela-se um tempo que reflete um sentido diferenciado de beleza. É uma ordem que se apresenta de maneira ostensiva, com novas realidades e experiências de expressão e formas estéticas, no culto da produção da mercadoria e do objeto de uso. Com efeito, está em causa o sentido da beleza que se torna uma realidade que sugere a supressão da fruição em si, cedendo lugar às formas aparentes.

Assim sendo, a história atual, com a sua expressão e ideologia, compreende um novo sentido de produção como maquiagem do mundo. A obra é consumida mesmo sem a compreensão da sua beleza, da sua fruição e estética, apenas pela aparência. Nessa perspectiva, nota-se que a obra que tem o seu valor apenas pela aparência que dissimula a

experiência de ordem manual troca de cena com aquela construída pela era tecnificada, que sugere a desvalorização da produção, da criação e fruição, com conseqüente aumento da materialidade reificada, isto é, assegurada a sua produção com a utilização da máquina, objetivada a fruição do produto do trabalho a partir da técnica, apresentando a subjetividade do indivíduo de forma que “as reações do ego diante do mundo exterior e aos desejos instintivos que emergem do id tornem-se cada vez mais automáticos” (RESENDE, 2001, p. 530).

1.1. O sentido da beleza na modernidade se transforma em fetiche

Pensando o sentido de beleza como um processo histórico, é preciso revelar as mudanças ocorridas a partir do final do século XVII, que iniciam um ciclo de transformações que se estende às suas formas e valores. Mudanças que apontam para o desenvolvimento do sistema de produção da mercadoria, passando do processo de produção manufaturada para a nova característica da produção tecnificada.

As formas de transformação dos processos produtivos do século XVII apontam para os objetivos de seguir a ordem de um sistema de mais-valia. Procede-se aí a inversão de valores do objeto em si, sob o domínio do fetiche, quando o valor de troca desconsidera o valor de uso dos objetos produzidos em sua fruição de mais-valia. Nesse contexto, tais processos são compreendidos como alienados, pois se referem a uma visão definida pela aparência material do produto que lhe encobre as características sociais do trabalho (MARX, 2003). São os resultados das transformações do mundo do trabalho no aspecto da produção do objeto.

O processo de produção que se manifesta ganha novas características quando passa do sistema manual de produção da mercadoria para a escala de produção em série, fazendo acelerar o desenvolvimento econômico na sua relação com a tecnologia, sustentada pela conseqüente ordem instrumental da razão. O consumo dos produtos se subjetiva na abstração, objetivada pela lógica de domínio da técnica.

Nessa travessia, os processos transitam de um cenário que destacava a materialidade ou humanização da coisa produzida, passível de ser controlada através da subjetivação revelada na objetividade, para um suposto processo de alienação ou sujeição do indivíduo ao quadro de produção em maior escala. Está em causa, portanto, o controle das forças de produção e sua relação com a força do trabalho estudada por Marx (2003).

A história do desenvolvimento social se confunde com o poder de dominação no cenário histórico das forças produtivas e formas de produção.

A transformação da matéria-prima no produto acabado, ao se modificar, transfere o senso de qualificação da coisa em si e modifica a forma de fruição. E no aspecto da arte também não é diferente. Como se observa na expressão de Eagleton (1990): “imputa um poder fetichista ao objeto” (p. 71). Advém da sociedade burguesa a referência entre produção e consumo que sugere o mundo da produção pensado não a partir do sujeito, mas centrado no objeto, mais-valia do capitalismo.

Assim, é possível pensar, nesse movimento, a “beleza” marcada pela lógica do capital, cujo valor se opõe ao do belo kantiano⁹, em razão de sua reverência. Na realidade, pode-se pensar a reificação do objeto em detrimento do indivíduo, supondo uma tensão nessa particularidade, que desnuda o processo de criação do produto na ordem da supressão da fruição, emanando-se a expressão do “belo” abstrato, apreendido na lógica da mais-valia pensada no consumo. Trata-se de um sentido criado na era do capital, pelo juízo de valor materializado na ideologia da aparência estética, imputada ao objeto que se supõe capaz de ganhar uma “aura” própria. O objeto é reificado em detrimento do indivíduo, que cristaliza seus processos de fruição.

O objeto produzido por meio da técnica desvela um sujeito de valores alienados internalizados. A alienação é destacada em Marx (RESENDE, 1992) como:

A relação do trabalhador com o produto de seu trabalho, como objeto alheio que o domina; a relação do trabalhador com o ato da produção, no qual o trabalhador se aliena com relação a si mesmo; e ainda a alienação do homem de si mesmo enquanto ser genérico, ser para si, o que o faz incapaz de consciência e reconhecimento; e, por fim, a alienação do homem em relação aos outros homens, que é derivada dos aspectos anteriores. O que está em questão aqui é a separação do homem dos outros homens, a constituição do indivíduo separado dos demais e, por incapaz de reconhecimento dos outros, impossibilitado da consciência de si mesmo, portanto, definitivamente impedido de individuação (RESENDE, 1992, p. 200).

⁹ Segundo Eagleton (1990), sobre o imaginário kantiano: no fenômeno do belo acontece uma coisa inconcebível, pois ao completar a beleza qualquer sujeito mantém-se em si mesmo, está completamente imerso em si, enquanto é, ao mesmo tempo, absolvido de toda particularidade contingente e percebe-se a si mesmo como portador de um sentimento total que não pertence mais a ‘isto’ ou ‘aquilo’. O ponto de vista ideológico, de modo similar, é ao mesmo tempo completamente meu e uma verdade inteiramente sem sujeito – ao mesmo tempo constitutiva do sujeito em profundidade, que em determinadas ocasiões lutará e morrerá por ela. [...] Neste modo peculiar de ser, o sujeito individual torna-se o portador de uma estrutura universal inelutável que se imprime nele como a essência mesma de sua identidade (EAGLETON, 1990, p. 73).

Em conseqüência, o ser humano reduz sua capacidade de criação no campo dialético ou no campo artístico. Gera também a conseqüente “coisificação” e fetiche do objeto, que se constitui valor de troca de maior valia em relação ao sujeito, desqualificado pela importância da lógica do valor do capital (Marx, 2003). Isto é, o “capital (e, com ele, toda a forma de objetividade da economia política) não é, para Marx, ‘uma coisa, mas uma relação social entre pessoas, mediada por coisas’” (LUKÁCS, 2003, p.138).

A produção da cultura enquanto transformação da realidade pelo indivíduo em sua particularidade e a partir das suas realizações no mundo do trabalho é uma realidade capaz de sentidos e significados da beleza. Nesse processo, o homem estabelece, pelo seu trabalho, troca com o meio, constitui-se num sujeito particular e universal, gerador de produção e constituinte da natureza (MARX, 1999) em condições determinadas. Resende (2001) diz que o fetichismo é um fenômeno oriundo da sociedade capitalista:

A análise do fetichismo, como desvendamento do mistério da mercadoria, permite encontrar a inteligibilidade da fetichização da consciência na compreensão do mundo objetivo e, como tal, é um fundamento que permite compreender em termos dialéticos a produção da cultura, do mundo simbólico, da vida subjetiva... O objeto ganha uma nova objetividade, uma ‘coisidade’ que não possuía antes e que tem sua particularidade alienada em função da universalização da sua forma de apresentação e existência: a mercadoria (RESENDE 2001, p. 521, 523).

Esse processo desvela a reificação. Trata-se de uma realidade em que a cultura domina o homem de forma tal que o objeto é humanizado, isto é, ganha vida própria em razão de sua personificação, tornando-se uma “verdadeira” necessidade na vida do indivíduo. Do contrário, o cidadão se tornará “infeliz”, pois: “[...] os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria” (MARX, 2003, p. 94).

Com isso, o belo se constitui através do domínio da personificação da coisa em detrimento do sentido e valor da coisa em si. São as transformações presentes no mundo moderno, em que o indivíduo, enquanto ser social, pode, *a priori*, suprir suas necessidades básicas de forma satisfatória e a partir das relações sociais reais e materiais que tem para isso. “A totalidade dessas [das] relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência” (MARX, 1999, p. 52). No processo de produção da mercadoria, o sujeito se coisifica, e a

mercadoria parece se personificar de forma a ter vida própria. A dominação ganha uma dimensão que atinge a própria consciência do indivíduo.

1.2. O sentido da beleza fetichizado na contemporaneidade

O sujeito torna-se vulnerável e adere ao domínio que se reconhece pela ordem do aparente. É a sua criação pensada sob o sentido da coisa ou da personificação da coisa. Resende (1992) diz que a articulação fetichista da realidade está, de modo geral, inserida na sociedade, assim como na produção da mercadoria. Acrescenta que o sentido de visualizar a abstração da objetividade da mercadoria na razão de seus valores torna-se uma espécie de subjetividade que transforma a visibilidade das relações sociais numa razão ofuscada, ou seja: “O ofuscamento dessa visibilidade atinge o íntimo do indivíduo, atinge a sua consciência tão completamente que ele não mais pode distinguir entre o que é e o que não é aparência e realidade” (RESENDE, 1992, p. 142).

Adorno e Horkheimer (1985) dirão que a produção tecnicizada na contemporaneidade está presentificada racionalmente na indústria cultural, pela distração ou encantamento, que implica a “cristalização” do sujeito, impossibilitando a criação humana na cultura, na práxis.

A indústria cultural ainda preenche a função de distrair. [...] reduz o amor ao romance [...] A reprodução mecânica do belo. [...] O triunfo sobre o belo é levado a cabo pelo humor. [...] O riso, tanto o riso da reconciliação quanto o riso de terror, acompanha sempre o instante em que o medo passa. [...] o riso torna-se nela o meio fraudulento de ludibriar a felicidade. [...] a ingenuidade é considerada tão grave quanto o intelectualismo. [...] transforma-se numa mentira patente (ADORNO ; HORKHEIMER, 1985, p. 130-134).

Nesse sentido, Adorno (2000) dirá que o homem, inclinado por uma espécie de sedução da tecnologia, fica imerso numa abstração ilusória subjetiva, a partir das facilidades implantadas pelas objetivações das técnicas “padronizadas”, fetichizadas, que se fazem em si mesmas, ou seja:

Um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens. Os meios - e a técnica é um conceito de meios dirigidos à auto-conservação da espécie humana - são fetichizados, porque os fins - uma vida humana digna - encontram-se encobertos e desconectados da consciência das pessoas (ADORNO, 2000, p. 132-133).

A indústria cultural, na sua forma de produzir idéias tecnificadas, opera e é emblema da razão instrumental, que suprime o livre-arbítrio do indivíduo, incapacitando-o para uma formação individuada ou autônoma e conduzindo-o a uma formação “alienada”, expressão do sujeito mediado em sua objetividade pela miragem de transformação da vida que evita a “dor” através de possibilidades mágicas:

[...] para um mero fazer, para o meio, em suma, para a indústria. A formalização da razão é a mera expressão intelectual do modo de produção maquinal. O meio é fetichizado: ele absorve o prazer [...] A dominação sobrevive como fim em si mesmo, sob a forma de poder econômico (ADORNO ; HORKHEIMER, 1985, p. 100).

Essa mesma alienação pode ser revelada na racionalidade técnica, que, segundo Adorno e Horkheimer (1985), “é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma” (p. 114).

Afirmam ainda que a racionalidade técnica encontra-se instaurada na indústria da cultura, imposta ao indivíduo através de valores que desconsideram a crítica. Por exemplo, a ideologia, que substitui a essência da arte pela reprodução do aparente, do imediato, visto que a mercadoria sofre modificações na sua ordem de valor de troca ao ser transformada pela publicidade, que é capaz de dar uma nova roupagem aos produtos. O valor de troca da mercadoria mediada pela publicidade domina o gosto do indivíduo e o belo se transforma na beleza utilitária, perdendo a sua essência de autonomia.

Entendem, assim, que o objeto à venda torna-se um fetiche maquiado por uma nova criação que, mesmo destituída de sentido, torna-se uma promessa objetivada de “magia da vida”, dando lugar aos truques de imagens, a ponto de a indústria cultural se confundir com o poder da magia da publicidade.

A era instrumental ou industrial gera um vazio na consciência do “ser” e conduz o sujeito a um processo de decomposição de pensamento, de desprezo pelo “velho”. Segundo Adorno e Horkheimer (1985), a compulsão do imediato, a publicidade, o regime serial, impõem a substituição do produto velho pelo fetiche do novo. Aquilo que ainda não envelheceu torna-se obsoleto, numa sensação de que o próximo produto será a garantia da satisfação objetivada pela abstrata relação com a felicidade para a suposta totalidade do indivíduo.

As mais íntimas reações das pessoas estão tão completamente reificadas para elas próprias, que a idéia de algo peculiar a elas só perdura na mais extrema abstração: *personality* significa para elas pouco mais do que possuir dentes deslumbrantemente brancos e estar livres do suor nas axilas e das emoções (ADORNO ; HORKHEIMER, 1985, p. 156).

Esse é o processo, o fenômeno da reificação. Uma relação entre indivíduos que buscam um sentido de abstração engendrada pelo fetiche do valor de uso imediato. Portanto, o sentido da mercadoria se transforma em produto fetichizado, descartável, em razão de sua autonomização, e se faz em grande quantidade para o consumo, substituindo a qualidade.

O caráter de eternidade se transforma no imediato. O belo, na sua essência de criação de “eternidade”, se transforma no “imediato”, o que satisfaz na sua aparência, que é o mesmo que chamá-lo “bonito”. Segundo Luckács (2003), os valores de uso, em razão da insatisfação objetivada, dão a ilusão de que será o próximo o objeto suficiente para equilibrar uma suposta necessidade de consumo, pelo volume de mercadorias disponíveis. E, tornando-se “descartável”, perde o seu sentido de universalidade.

Adorno e Horkheimer (1985) afirmam uma crítica da cultura, visto que o pensamento contemporâneo é tomado pela instrumentalização e pela forma aparente.

O prazer só tem lugar ainda onde há presença imediata, tangível, corporal. Onde carece de aparência estética é ele mesmo fictício e aparente segundo critérios estéticos e engana ao mesmo tempo o consumidor acerca da sua natureza. Somente se mantém fidelidade à possibilidade do prazer onde cessa a mera aparência (ADORNO, 2000, p. 71).

Sobre tais processos de mudanças, Adorno e Horkheimer (1985) fazem também uma crítica do núcleo de constituição do indivíduo que tem em suas bases a “dinâmica consumista”. Segundo eles, estas são convertidas nos interesses técnico-comerciais, em descompasso com o desenvolvimento do ser social enquanto capaz de fruição em si. São conversões instituídas na cultura instrumental, mediada pelo predomínio consumista e na visão do imediatismo. Isto é, pensada na superficialidade, na aparência, em desarmonia à capacidade de produção fruída na sua criação.

Nessa dinâmica, poderá ser “destruída” a possibilidade da fruição artística construída com rigor na dimensão da estética, a penetração psíquica, romântica e arquitetônica da objetivação da totalidade sócio-histórica, que, doravante, passa a uma forma de criação técnica, caracterizada por uma tecnologia capaz de desenvolver uma

nova “totalidade do ser humano”, que terá uma nova realidade. Esta constitui o sujeito de consequência, rega uma nova estrutura do ser humano permeada de empobrecimento criativo para a produção da obra de arte, reduzindo a dimensão da criação constituída no conhecimento subjetivo do indivíduo à verdade do imediatismo.

Para Adorno e Horkheimer (1985), a música ou a indústria do cinema são produtos de um fetiche, são “reprodução mecânica do belo” (p. 131). A cultura industrial é capaz de gerar necessidades imanentes para o indivíduo consumidor, de forma a impossibilitá-lo de resistir a esse princípio. O indivíduo é formado para criar necessidades de consumo das mercadorias da indústria cultural, necessidades que são idênticas às do outro, visto que “Os juízos de valor são percebidos ou como publicidade ou como conversa fiada” (ADORNO ; HORKHEIMER, 1985, p. 138).

Com a barateza dos produtos de luxo fabricados em série e seu complemento, a fraude universal, o caráter mercantil da própria arte está em vias de se modificar. O novo não é o caráter mercantil da obra de arte, mas o fato de que, hoje, ele se declara deliberadamente como tal, e é o fato de que a arte renega sua própria autonomia, incluindo-se orgulhosamente entre os bens de consumo, que lhe confere o encanto da novidade (ADORNO ; HORKHEIMER, 1985, p. 147).

Este fato intensifica uma crise de criatividade na produção da arte e, por consequência, da beleza humana, pois a autenticidade da produção artística se transforma. É o mesmo que dizer que esta perde então, no limite, a sua aura de obra-prima, ou seja, a arte revela uma degeneração. Com isso, ganha novas perspectivas de existência, mas perde sua autenticidade. Pois a arte sofre um processo de dissimulação, perde em consequência o seu poder de crítica e passa a renegar a sua autonomia, comprometendo o poder de fruição da criação humana e o sentido da beleza.

Para Benjamim (1994), é difícil diferenciar o processo de fruição em si, uma vez dissimulado, da qualidade da produção da arte, pois não mais é possível fazer uma distinção entre o novo e o velho. A maquiagem da aparência ocupa o lugar do original e o belo se confunde com o bonito. São transformações que ocorrem de forma muito rápida, sem tempo para a reflexão no campo das idéias da criação humana, necessárias ao mundo da arte.

O autor retrata a reprodutibilidade técnica da obra de arte efetivando-se mais na esfera da sua produção, enquanto bem cultural, do que na esfera da sua reprodução,

enquanto cultura. É evidente que essa crítica expõe uma situação na qual a criação da arte no sentido da “beleza”, como parte do processo, no sentido histórico-social, é desconsiderada enquanto arte em si e, portanto, destituída de essência no desenvolvimento dialético e do princípio da identidade do indivíduo enquanto ser de capacidade de fruição (BENJAMIM, 1994).

Com efeito, à suposta realidade degenerada da capacidade do indivíduo na sua essência, quanto à qualidade técnica da arte e do belo, agrega-se também a possibilidade de uma estrutura diferenciada nesse indivíduo, ou seja, Adorno e Horkheimer (1985) asseveram que o indivíduo, na dimensão criativa que o capacita a tornar-se um ser de fruição, se reduz à dimensão de imanência, constituída no conhecimento subjetivo como verdade convertida pela satisfação do imediatismo. Funciona com base numa ordem instrumental, que o destitui do sentido e da possibilidade de experiência. Em razão disso, o que é verdadeiramente belo e se situa no plano dos valores, do bem, do justo, se torna ausente da constituição do indivíduo contemporâneo.

Nesse processo, a indústria cultural trabalha impedindo o indivíduo de compreender fenômenos humanos e de capacitar-se como “ser” consciente numa realidade presente, que dimensiona sua própria individualidade ou que se reconhece em sua própria identidade.

Horkheimer (2000) diz que a produção humana transformada em mercadorias se realiza a partir da era industrial. E essa sociedade em tempos de industrialização toma o indivíduo em uma fase de maturação, ainda não capaz de perceber-se dotado de possibilidades e, portanto, ainda pouco preparado para enfrentar uma compreensão da qualidade de sua vida futura, mesmo porque ainda não é capaz de se ver enquanto dotado de possibilidades estéticas humanas. Dessa forma,

O sujeito da razão individual tende a tornar-se um ego encolhido, cativo do presente evanescente, esquecendo o uso das funções intelectuais pelas quais outrora era capaz de transcender a sua real posição na realidade (HORKHEIMER, 2000, p. 142).

Assim, essa racionalidade é elemento essencial da ideologia contemporânea, que focaliza o sujeito como um indivíduo que não pensa sobre si, que se sujeita à não utilização de suas faculdades intelectuais e, portanto, mediado pelo domínio da “lei social” da onipotência.

Somente a partir dos conceitos estabelecidos ao longo da história da dominação, será possível compreender as questões que influenciaram o indivíduo, tais como as formas de constituição de cada ser humano em sua relação social. Com isso, Adorno e Horkheimer (1985) aludem à magia de certas mediações causais, por exemplo, a sociedade, cuja condição de educação está comprometida com a dominação do capital.

Afirmam que, na racionalidade técnica, encontra-se instaurado o indivíduo mediado pela razão da indústria da cultura, posta ao indivíduo através de valores que desconsideram a crítica. As mercadorias produzidas pela universalidade constituída pela razão instrumental é objetivada, em cada indivíduo, na sua singularidade, sofre o efeito do domínio do capital, cujas mediações apontam para o compromisso da ideologia do mundo capitalista, isto é, o sistema produtivo objetiva-se dos fatos existentes, exercidos por ideais oriundos da magia das formas de domínio do capital.

Adorno e Horkheimer (1985), portanto, fazem uma crítica ao modelo tecnificado da cultura e sugerem-na como uma forte mediação social para a constituição do indivíduo. Dizem que a função de mudanças de comportamento humano é responsável pela construção de uma subjetividade como uma “totalidade” desenvolvida na singularidade e particularidade do indivíduo a partir da modernidade.

Constatam o desvelamento da Beleza em si, fundada em fatos engendrados pelas mudanças fundamentais do seu sentido, formas e modelos estéticos, que, no seu desenvolvimento, transformaram a essência da beleza naquilo que se pode ver através das aparências. Tem-se hoje o bonito como mais-valia, equivalendo dizer que a transformação da beleza reduziu-se a fetiche, valor pensado na figura do imediato relevante na cultura contemporânea.

Esse processo define transformações enigmáticas quanto às formas da beleza do corpo feminino. Segundo V. Nahoum¹⁰, Duby (2003) revelou que o modelo da mulher magra “foi inicialmente uma criação das elites sociais [...]. A verticalidade fazia parte da vontade de aparecer. Portanto, havia um trabalho do corpo para os filhos da elite”. (p. 309). Desde o século XIX, a mulher passara a viver uma época que desvelaria o “modelo de magreza” como um fator imposto de cima para baixo: “O corpo se torna objeto de uma luta que tem como finalidade a aceitação da condição de dominado (aquele que submete seu corpo ao olhar de outrem) e a integração na sociedade” (DUBY, 2003, p. 311).

¹⁰ V. Nahoum, “La belle femme ou le stade du miroir em histoire” (Communications, nº 31, 1979, p. 22-32).

O que se refere ao belo sob o “modelo de magreza” é a subjetivação de um modelo produzido socialmente e reforçado constantemente, porque pensado no seu contrário, ou seja: a gordura passa a ser vista como uma experiência “ruim” e a obesidade, apontada como “vulgar”. Nesse sentido, a magreza, hoje, torna-se uma exigência da mídia e, nesse paradigma, as mulheres passam a adotar medidas, dietas e exercícios físicos como padrões a serem seguidos, para se adequarem às medidas de consumo. É o mesmo que dizer da personificação da coisa, do corpo convertido em algo estranho e externo ao próprio sujeito.

CAPÍTULO II

INDIVÍDUO E SOCIALIZAÇÃO - CIVILIZAÇÃO/CULTURA

O Indivíduo constitui-se na relação com o outro. Na sua singularidade e essência, é um ser de relação. “A vida humana é, essencialmente e não por mera causalidade, convivência” (HORKHEIMER ; ADORNO, 1977, p. 47).

A relação social do indivíduo é o fundamento de sua condição, pois “A sua vida só adquire sentido nessa correlação, em condições sociais específicas; e só em relação ao contexto é que a máscara social do personagem também é um indivíduo” (HORKHEIMER ; ADORNO, 1977, p. 48).

Enquanto ser de relação, o indivíduo cria e recria as condições de possibilidade de viver em sociedade. Partindo desse suposto, discute-se a sua experiência de convívio e construção psíquica como ser humano instituído e instituinte, tornando-se, assim, capaz de engendrar correlações de cunho particular e universal e desenvolver-se enquanto ser de objetivação e subjetivação através da dimensão de uma realidade que se contextualiza a partir de conteúdos complexos da civilização, que se desvela no espelho da cultura.

2.1. Indivíduo e civilização/cultura

A convivência humana na relação social desvela a constituição do indivíduo na civilização desde a horda¹¹, ou seja, compreende uma realidade instituída subjetiva e objetivamente, singular e universalmente. O indivíduo em sua experiência de relação deverá internalizar e cumprir com as regras sociais, que implicam o recalque instintivo a partir da imposição social da civilização, institucionalizada com o advento das regras da sociedade.

¹¹ A ‘horda’ é um termo para significar uma reunião relativamente pequena de pessoas. Retrata um momento de transformação que se refere a uma representação do poder maior do pai que registra a história da descendência humana a partir do Totem e Tabu, como marco do início da religião, da moral e da ordem social a partir do assassinato do chefe ‘poderoso’ em uma comunidade de irmãos. Isto é, a história do mito, a idéia de ‘poder maior’ se mantém entre os irmãos, no sentido da relação de respeito pelo pai temido entre os membros do grupo. É uma história que representa o mito do pai “super-homem” (FREUD, 1921/1996, p. 133).

Segundo Freud (1930/1996), o recalque da libido é motivo para desvelar no indivíduo processos de agressividade, por submetê-lo às experiências de insatisfação e sacrifícios na convivência com a civilização, que insere restrições de submissão às regras da “lei maior” – a ordem do “grande Pai”. Nesse sentido, o autor destaca: “A civilização exige sacrifícios” (FREUD, 1930/1996, p. 113).

O processo de constituição psíquica do indivíduo funda-se em conflitos e incertezas quanto às restrições subjetivadas. Sobre isso, Birman (2001) fala da lei universal da psicanálise, que remete diretamente ao complexo de Édipo para estruturar as relações do sujeito mediante as interdições e possibilidades que lhe são entreabertas. O complexo define algumas proibições básicas que regulam o ser humano e, em consequência, as suas relações intersubjetivas, servindo-lhe de esteio na travessia perante o outro, na relação social, na construção de uma história e seu percurso “desejante”. A partir da interdição, o indivíduo internaliza que está proibido de matar o próximo, ferir e atacar o corpo do outro, interferir nos bens e objetos de usufruto prazeroso daquele.

Com efeito, destacam-se regras delineadas por uma ordem do permitido e do possível, a construção de uma subjetividade pela mediação de um ideal do eu, que poderá regular as suas ações e pulsões, dando vazão às suas demandas de satisfação e construção de desejos emanados pela vida de relação com o outro.

Assim, o indivíduo em relação passa a conviver com as regras instituídas, que devem cumprir os preceitos e valores morais capazes de institucionalizar pontos comuns entre as pessoas do grupo. O indivíduo, diante de ameaças de sofrimentos, necessita reordenar as suas frustrações oriundas do mundo externo, para, então, recorrer a mecanismos de sublimação¹² dos seus instintos e compensá-los em sua libido.

Encontra-se em um lugar de mudanças que, de um lado, revela a sua expressão humana de necessidade de proteção contra aquele que, na experiência da relação primeira, representa o superior ou o ameaçador à sua sobrevivência e, de outro, desvenda a sua própria expressão instituída na estrutura de relação que engendra o seu instinto pela vida. Assim, é nessas condições que o homem procura realizar a permuta de sua “parcela de segurança” e adere à idéia de conhecimento que compreende submeter-se à realidade social como forma de sobrevivência. “O homem civilizado trocou [troca] uma parcela de

¹² A sublimação é o processo postulado por Freud para explicar atividades humanas sem relação aparente com a sexualidade, mas que encontra elemento propulsor na força da pulsão sexual. Essa descrição de Freud aponta principalmente para atividade artística e investigação intelectual, ou seja, a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo objetivo não sexual e que visa objetos socialmente valorizados (LAPLANCHE ; PONTALIS, 1998).

suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança” (FREUD, 1930/1996, p. 119).

Nesse sentido, Freud (1930/1996) dirá que o que antes existia apenas para “obter prazer” entra em confronto com essa nova realidade, que porta o “poder” em relação à sociedade constituída sob o regime do recalque, capaz de inibir certos privilégios que antes corriam livres. Isso implica que o que era considerado permitido ou uma liberdade “sem limites” acaba por incomodar o ser humano, por contrariar o meio natural e a ele próprio, mesmo que para isso tenha de pagar. Em outros termos, o indivíduo vê-se cercado de uma pressão que o faz buscar mecanismos que o levem a amenizar o seu sofrimento na experiência de civilização, aderindo aos preceitos culturais em si.

Considerando a importância das experiências do indivíduo na civilização, Freud (1930/1996) assevera que,

Esse método de examinar as coisas, que parece objetivo por ignorar as variações na sensibilidade subjetiva, é, naturalmente, o mais subjetivo possível, de uma vez que coloca nossos próprios estados mentais no lugar de quaisquer outros, por mais desconhecidos que estes possam ser. A felicidade, contudo, é algo essencialmente subjetivo. [...] A vida humana em comum só se torna possível quando se reúne uma maioria mais forte do que qualquer indivíduo isolado e que permanece unida contra todos os indivíduos isolados. O poder da comunidade é então estabelecido como ‘direito’, em oposição ao poder do indivíduo, condenado como ‘força bruta’. A substituição do poder do indivíduo pelo poder de uma comunidade constitui o passo decisivo da civilização (FREUD, 1930/1996, p. 95-101).

O indivíduo, despertado para as possibilidades de conquista de sua “liberdade” em razão de sua experiência de relação, criará, em consequência, mecanismos para o equilíbrio da suposta tensão e partirá em busca de sua “felicidade”¹³, diante da contenção da pulsão do seu instinto humano.

Nesse processo, deve internalizar características capazes de mediar formas de organização do seu convívio, despertadas pelas exigências sociais de supostas necessidades da civilização. Para isso, Freud destaca o amor como atributo mediador na cultura, a objetividade dos fatos inerentes às energias da libido, visando entender esse

¹³O que Freud quer dizer com felicidade está no sentido provindo da satisfação, ou seja, quer ser feliz e assim permanecer. Isto é, ele coloca dois aspectos para representar este sentido: refere-se, por um lado, a uma meta positiva, que visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer; por outro, a uma meta negativa, como sendo a experiência de intensos sentimentos de prazer. Em seu sentido mais restrito, a palavra ‘felicidade’ só se relaciona a esses últimos (FREUD, 1930/1996, p. 84).

questo em meio a essa situação, como forma de alívio da tensão gerada no curso da civilização.

Assevera que o indivíduo deve estar preparado para efetuar os sacrifícios sob o preceito do amor, como forma de valorizar o outro, numa espécie de troca, pensando o quesito segurança em meio à competição na experiência de relação, que se destaca no trajeto sócio-histórico de constituição do indivíduo no mundo civilizado. Ou seja, os valores internos do indivíduo são instituídos sob os preceitos do ego na cultura. Assim, tal competição torna evidente na comunidade a necessidade de demonstração de forças entre seus membros, oriundas do espelho do “herói”.

Sobre sua função, Freud (1930/1996) dirá que serve para cumprir os limites instintivos agressivos do indivíduo em grupo e manter sua pulsão sob o domínio das ordens externas. Tal fato o conduzirá às formações psíquicas reativas e, com efeito, acrescenta: “Se a civilização impõe sacrifícios tão grandes, não apenas à sexualidade do indivíduo, mas também à sua agressividade, podemos compreender melhor por que lhe é difícil ser feliz nessa civilização” (FREUD, 1930/1996, p. 119).

O indivíduo que se desenvolve no contexto social convive com uma realidade cultural, portanto, sob o seu domínio. Com isso, anseia pela sua estrutura enquanto indivíduo, singular e universal, originário de uma complexidade psíquica instituída e instituinte. Trata-se, nesse contexto, de internalizar os processos constitutivos da civilização com os quais o indivíduo se constituirá como ser de relação, considerando a importância instituída desde a sua relação primeira.

O desenvolvimento do homem compreende a necessidade de uma ordem interna do ego, num processo de maturação. As forças da sociedade, dos processos de relação parental, ou até biológicos, são utilizados para inibir o processo de agressividade libidinal. Para isso, verifica-se “que poderoso obstáculo à civilização a agressividade deve ser, se a defesa contra ela pode causar tanta infelicidade quanto a própria agressividade!” (FREUD, 1930/1996, p.145-146). Assim, instituem-se hostilidades intrapsíquicas no indivíduo.

Dessa forma, Freud (1930/1996) assinala que o indivíduo se reveste de princípios que o fazem buscar a satisfação, dado o processo de recalque funcionando como uma mola propulsora recorrente. Por esses motivos, o ser humano participante da cultura procura meios que o façam realizá-la no sentido de ser compensado em seus “sacrifícios” no mundo do qual participa. Utiliza sua capacidade de fruição na medida em que usa o seu intelecto e, não por acaso, este, em suas possibilidades, torna-o participante da

cultura através da arte, que, apesar de restrita aos indivíduos, oferece “satisfação substitutiva” nas diversas culturas, como forma de recompensá-los.

No processo da constituição do ser, está em causa a travessia do indivíduo na relação com o mundo e com o outro através de instâncias sociais. Incluem-se nessas instâncias: a família, o trabalho, a indústria cultural, entre outras.

2.2. As instâncias de socialização

O homem se constitui em sociedade. O que se tem no processo de socialização do indivíduo são os processos que se desvelam através de mediações psico-sociais internalizadas. São experiências conscientes e inconscientes, subjetivadas e, enquanto tais, referidas à particularidade e à universalidade. O indivíduo é processo subjetivado da objetividade.

Nesse sentido, a produção do homem trata, necessariamente, da contextualização social em sua formação sociocultural e psicológica.

Os processos de interiorização e significações da cultura pelos indivíduos estão relacionados à sua estrutura social objetiva. Assim, (BERGER ; LUCKMANN, 2003) as mediações capazes de constituir cada indivíduo em sua subjetividade têm suas variações conforme as estruturas instituídas nas pessoas desde a infância, ou seja, a absorção do domínio do mundo social ocorre sob circunstâncias, com o grau de significação de aprendizado internalizado na experiência de cada indivíduo e na sua coerência particular como forma de identificação subjetiva da sua relação com o mundo social.

Com isso, é possível afirmar a importância das instâncias mediadoras na vida dos indivíduos, seja no aspecto particular ou na relação social. Destacam-se, entre outras, a família, o trabalho, a indústria cultural.

2.2.1. Família

A família exerce papel fundamental na constituição do indivíduo. Os laços da família são fatores relevantes, porque são fundamentais ao indivíduo como primeira experiência da vida de relação. Ou seja, são eles que organizam e estruturam as fases iniciais no curso da psique humana, bem como a fazem conhecer os movimentos de seus pares, para se instituir enquanto tal.

A família é uma instituição que, segundo Horkheimer e Adorno (1977), se revela formadora de seres humanos em razão de suas características: particular e universal. É a partir da família que o sujeito se constitui em seus primeiros anos de vida. Nesse sentido, pode-se observar que, mesmo que a família tenha realizado mudanças históricas, sua representação social é vista como uma das principais representações com peso substancial no desenvolvimento psíquico do homem, tendo a sua estrutura. Seu processo de união tem forte predomínio na sociedade, pode-se dizer que desde a horda, porém com evoluções sobre a questão da sua autoridade.

Tem-se que:

O ideal do ego é muito mais levado a agir diretamente e “de fora”, sobre o ego, antes ainda que este se tenha constituído de fato como sujeito pessoal e (relativamente) autônomo da mediação entre o próprio eu e os outros. [...] Essas transformações reduzem o “espaço vital” e a autonomia do ego e preparam o terreno para o surgimento das massas (RAMOS, 2004, p. 79).

Na época moderna, as políticas de relações humanas são pensadas desde a infância, tendo evoluído conforme as necessidades de orientação da formação do sujeito na sua dinâmica de intra-relação com o próximo. O que se tem acerca da autonomia do ego, suposta autonomia, é engendrado de uma realidade de aparente estrutura de independência, porque é demonstrada sob as reações do meio externo, capazes de mediar a vida de relação do indivíduo e instituir modelos na sua estrutura psíquica.

Segundo Horkheimer (2003), esses processos de formação são oferecidos pela família nos seus aspectos consciente ou inconsciente. Sobre a relação da família com o indivíduo, o autor afirma:

O que ocorre nela plasma a criança desde a sua mais tenra idade e desempenha um papel decisivo no despertar de suas faculdades. Assim como a realidade se reflete no meio deste círculo, a criança que cresce dentro dele sofre sua influência. A família cuida, como uma das componentes educativas mais importantes, da reprodução dos caracteres humanos tal como os exige a vida social, e lhes empresta em grande parte a aptidão imprescindível para o comportamento especificamente autoritário do qual depende amplamente a sobrevivência da ordem burguesa (HORKHEIMER, 2003, p. 214).

Tais procedimentos instituem a dinâmica psíquica do indivíduo, que implementam a figura da autoridade, compreendida nos costumes familiares como uma objetivação da

figura do pai, de maior respeito e afeto, oriunda da imagem que representa a segurança da família.

Na cultura burguesa, a família é uma instituição representativa na vida do indivíduo. Mesmo os seus processos de privação e recalque passam pela dinâmica das contradições de equilíbrio e desequilíbrio entre os indivíduos, divergências e incompatibilidades particulares geradas no seu processo de socialização.

Para Horkheimer e Adorno (1977), a família burguesa foi marcada por mudanças significativas no decorrer da sua história. Sobretudo na modernidade, a família encontra-se numa realidade representada pelos costumes, valores e estruturas modelados por princípios de submissão e dependência do poder espelhado numa hierarquia que elege o grau de autoridade maior do pai em relação aos seus membros, maior que a figura da mulher.

Nas transformações ocorridas no interior dessa família, valores e costumes sofrem novas significações nos seus conceitos instituídos ou ideados no tempo passado. Estes eram voltados para o princípio de maior valia familiar, que passava a idéia de proteção e conforto a partir da educação intrafamiliar e seus processos repressores sob a tutela do seu chefe maior.

Com isso, é possível descrever o choque entre os velhos costumes e os novos na era atual, pois a herança ideada na suposta submissão de um lado da família se vê descompensada no novo modelo inserido na sociedade. Com a chegada da era tecnológica, a família, que antes era acolhida pela comunidade no seu vínculo doméstico, não mais se insere neste contexto, mas no da realidade econômica, em especial as mulheres de experiência no exercício do lar e da guarda dos filhos. Essas expandem seus paradigmas para a liberdade, justificada num sistema mais favorável ao trabalho extrafamiliar entre todos os membros da família, entre as oportunidades e as novas perspectivas. A figura feminina, então, distribui sua responsabilidade na formação dos membros familiares.

Segundo Horkheimer e Adorno (1977), a mulher na família era vista como:

Quanto ao culto da família e, em primeiro lugar, o da 'esposa virtuosa e mãe exemplar', atribuía a quem, de fato, estava oprimida e forçada ao sacrifício, o halo da bondade e de uma dedicação voluntária, não se tratava de mera homenagem verbal concedida aos vencidos; o intuito era também conferir-lhe – idealmente – uma dignidade que, em definitivo, como dignidade humana, abre caminho à emancipação; era a concretização do pensamento da igualdade de todos os seres humanos, o verdadeiro humanismo. A sensação, hoje incompreensível, provocada há setenta anos pela 'Nora' de Ibsen [a heroína

de Casa de Boneca], não se explica simplesmente pela emoção sentida então diante dessa imagem de mulher que abandona o marido e o filho para deixar de ser um mero objeto do poder patriarcal; no fundo, havia também o componente da consciência burguesa que é propenso à realização da liberdade e se apercebe com vergonha de que está diante de uma expressão nua e crua da falta de liberdade dominante. A consciência burguesa viu retratado no drama de Ibsen o que ela própria já vinha sentindo ocultamente há muito tempo, por causa de uma idéia de família que continha os pressupostos da sua própria crítica (HORKHEIMER ; ADORNO, 1977, p. 141).

Nesse sentido, o que antes se podia observar no indivíduo submetido ao sistema de dependência ao “*pater familias*” era uma necessidade de “desejo” da autoridade que, na escala hierárquica instituída e na imposição de regras de garantia da proteção dos indivíduos sob sua dependência, mantinha um sistema de educação que lhe formava sentimentos de “temer e amar” seus genitores nas relações intrafamiliares, para amenizar os elos entre os membros e justificar-se pelo fator de equilíbrio entre a propriedade autoritária da hierarquia do modelo patriarcal e a troca da segurança e proteção e conforto dos membros.

Com o advento da modernidade, uma nova forma de pensamento capacita o indivíduo numa visão tecnicista. Segundo Horkheimer e Adorno (1977), a família encontra o seu momento de crise interna originado na sociedade: o que antes era visto como um processo de segurança e conforto encontra formas de estruturação em que ganha importância a motivação externa do mundo, que se revela de outra maneira na constituição do sujeito enquanto ser de relação, instituindo uma ordem psíquica particular em cada indivíduo, que transfere a sua subordinação ao que antes era emanado exclusivamente pela família para forças externas da sociedade, nas possíveis facilidades engendradas pelo domínio da capacidade técnica e da eficiência do sistema atual de trabalho, que se coloca ao alcance de todas as pessoas.

Esse favorecimento não mais ocorre através dos processos assegurados pelo modelo da família, mas fora dela, e o indivíduo ganha nova expectativa de promessas de desenvolvimento não mais com a “urdidura” firme e ancestral dos seus liames. Ou seja: “A família cumpre cada vez menos a sua função de instituição de aprendizagem e educação” (HORKHEIMER ; ADORNO, 1977, p. 143).

Tem-se assim, segundo os autores, uma realidade de pressupostos, em que os filhos experimentam novas experiências de educação no distanciamento do poder do chefe e maior representação dos meios sociais agora representados pela força e pressão do poder do capital, que passa a superar o poder do pai em razão de seu domínio das vantagens

materiais oferecidas aos indivíduos, que se realizam a partir de um ideal de ego coletivo, em detrimento do espelho da força da família.

Cria-se, na era contemporânea, a realidade que Horkheimer e Adorno (1977) chamam de crise na família, em razão da constituição da liberdade e alternância do poder educativo. Assim, é possível verificar a importância e certamente o poder exercido pelas famílias diante do contexto atual vivido, na distribuição de mediação na instituição do indivíduo em seu ciclo de vida.

Na família contemporânea, há algo de emergente, que se traduz nos conflitos do dia-a-dia e suas crises antagônicas: de um lado, tem-se a dinâmica social alterada e, de outro, a constituição da família inserida no contexto de transformações pautadas pela tecnologia. Sabe-se que é a partir da família que o indivíduo recebe as primeiras informações sobre o conhecimento da vida e os processos de construção, adaptação e alicerces vitais da sua formação, em razão das importantes formas de mediações que ela institui na sociedade. Além da família, no entanto, o advento da vida moderna vem apresentando outras possibilidades e instâncias capazes de influenciar o indivíduo na formação constitutiva de sua psique e o desenvolvimento do seu dia-a-dia.

Assim, Horkheimer e Adorno (1977) registram as mudanças mais radicais dos processos de formação a partir da era instaurada pela revolução industrial, que interferiram de maneira direta ou indireta no seio das famílias burguesas, em especial das trabalhadoras, que se submeteram aos processos de mudanças desencadeados pelo mundo do capital: uma nova forma de produção, substituindo as formas conhecidas da economia, sistematizadas pelas pacatas trocas. Segundo Giddens (1991), “para autores influenciados por Marx, a força transformadora principal que modela o mundo moderno é o capitalismo” (p. 20).

Nesse marco, a constituição familiar acaba sofrendo as pressões da ordem econômica, com o sistema do capital tornando-se um mediador forte no próprio pai de família. As influências de domínio social passam a ser uma exigência de subsistência do contexto familiar, por gerar em sua interioridade necessidades emergidas no sistema do capital, que reforça os modos do sistema de troca de forma diferenciada na dinâmica social. Mas, ao mesmo tempo, ocorrem mudanças importantes nos seus processos de constituição, em razão dessa constante progressão do capital, que passa a existir como sua ameaça.

Essas ameaças tornam-se presentes pelas alterações e institucionalização sofridas no sistema de produção, com repercussão direta nos membros familiares, em especial nas

mulheres, acostumadas ao tabu sexual e à rigidez da autoridade. Fazem com que a dinâmica da família torne-se representada pela vida material, com a possibilidade de maior liberdade de seus membros, transposta no emblema dos novos tempos, incluindo-se aí a tese da igualdade entre os indivíduos constitutivos das famílias, com possibilidade de exercerem a capacidade de “autonomia” sem distinção. Esse fato insere contradições na questão da emancipação do indivíduo.

Nesse aspecto, uma nova visão dos processos de institucionalização da família se instaura: a efetiva debilidade paterna na sociedade, afirmam Horkheimer e Adorno (1977), fará com que as células mais profundas da criança sofram influências no seu equilíbrio “psíquico-moral”, como ser de possibilidades de autonomia, pela impossibilidade de maior identificação com o pai no efetivo exercício de autoridade maior instituída.

Diante desse processo, verifica-se uma família que revela particularidades especiais quanto ao seu “poder” no processo de socialização e predomínio nos níveis de satisfação entre os seus membros, pelas formas de abstração na relação social. Em se tratando de novas experiências de busca de cada indivíduo, há idéias diferenciadas e contraditórias, que podem ser verificadas nas tendências dos jovens de submeter-se a “qualquer autoridade, seja qual for o seu conteúdo, desde que ela ofereça proteção, satisfação narcisista, vantagens materiais [...] em que a desorientação inconsciente e o desespero encontram uma cobertura” (HORKHEIMER ; ADORNO, 1977, p. 145). O sujeito começa a vislumbrar, nesse novo paradigma, outra possibilidade de se realizar como ser social, diferenciada dos fatores repressores da família.

Trata-se de um momento na história da transformação nos hábitos e costumes da família, pois os processos internalizados sobre tais condições estabelecidas se subjetivam na vida dos indivíduos a partir das objetivações com base em sentimentos de menos valia da dinâmica estruturante no seu desenvolvimento. Tais movimentos passam a ser transferidos para outras instâncias sociais, vistos como fonte de segurança capaz de fazer prevalecer o caráter de dominação de que se pode ocupar o suposto sujeito dessa condição.

Para Horkheimer (2003), as famílias ganham novas formas e costumes quanto às suas estruturas e função econômica no momento histórico em que surgem especificidades diferenciadas, como a instância do trabalho. A força individual do trabalho sai fora do eixo do poder da família e ganha força como ser “independente”. Ou seja, os destinos do indivíduo passam a ser traçados por uma nova forma de razão, cujos processos começam

a interlocucionar com a autoridade na família, em concorrência com os meios do novo sistema inserido no regime burguês.

Segundo o autor, esse é um processo de institucionalização do indivíduo, que o eleva a um sujeito capaz, porém de forma incipiente. Pois trata-se de uma auto-constituição de conduta em que a sua capacidade de realização de desejos dependerá de certas condições que emanam do capital e *status*, que provirão de apenas algumas famílias capazes de gerir tais atributos. Avança-se no sentido de imputar atributos ao indivíduo não qualificado, referindo outras instâncias importantes, além da família, como mediadores instituintes na vida do ser social. Nesse aspecto, Horkheimer (2003) dirá que a educação fará parte da formação e qualificação do cidadão, que, ao fim e ao cabo, deseja investir em seu processo de independência, instituindo-se para o trabalho em vista da possibilidade de se fortalecer como ser individual inserido na sociedade.

Uma nova realidade ou fase de inquietação aparece na forma de ver do indivíduo, que é despertado para novas necessidades que, até então, no seu processo de dependência do poder da família, não acontecia. O indivíduo passa por mudanças radicais para ampliar a sua capacidade de emancipar-se diante dos processos de formação até então conhecidos na cultura. Busca novas condições de vida particular que ainda se confundem com a dependência da família, mas que contêm promessas de um ser individual. Assim, em meio a essa forma “contraditória”, o filho se confunde com o pai, e “a crise da família é de origem social”.

Afirmam Horkheimer e Adorno (1977):

A família sofre com isso, como qualquer particular que aspira a sua própria emancipação; não haverá emancipação da família se não houver a do todo. Num mundo livre seria concebível uma família constituída na liberdade, como sublimação social da simples relação natural, que Wilhelm Meister denominou a “idéia conformada de durabilidade”: uma forma de estreito e feliz convívio de indivíduos que protege da barbárie sem violentar a natureza nela abrangida (HORKHEIMER ; ADORNO, 1977, p. 147).

No entanto, mesmo com as mudanças ocorridas ao longo do tempo na família, e em meio a esses movimentos contraditórios, pode-se registrar que as suas forças motivadoras exercem forte reação nas instâncias responsáveis pelos momentos de relação entre os seres, e se estabelecem vínculos de relação nas diversas culturas. Nesse processo, a família constitui a capacidade de formar ou deformar as estruturas da psique do indivíduo, pelo convívio do dia-a-dia de seus integrantes.

Na passagem do século XIX para o século XX, registraram-se, em especial, transformações no seio da família, quanto aos modos de percepção e “afeição” das relações de uns com os outros. Com isso, o indivíduo ficou desperto para novas necessidades, incluindo nesse contexto seus desejos e supostos estilos de vida, formas de independência geridas por fatores econômicos e *status*, no eixo do trabalho e nos moldes das aparências. Época marcada pelas transformações da era moderna.

2.2.2. Trabalho

O desenvolvimento do ser humano na relação com o outro é um fator relevante no processo das transformações na vida do indivíduo. No entanto, o trabalho se agrega em sua vida como um mediador fundamental do seu processo de constituição de ser social, seja em sua particularidade ou na vida em sociedade, em especial a partir das experiências vividas. E se afirma na sintonia do mundo contemporâneo. A história do homem que precede os tempos da modernidade foi marcada por valores, crenças e costumes modelados por critérios fundados na perseguição e no medo, levando o indivíduo a buscar nos paradigmas dos mitos os argumentos de uma pressuposta segurança contra as supostas ameaças de forças ilusórias do seu pensamento, assegurando proteção contra os demônios que o rondavam.

Nesse sentido, categorias de conhecimento emergiram com vistas a potencializar novas formas de compreensão para suplantar o que os valores entrelaçados pelos mitos careciam de esclarecimento no seu poder sobre o homem. Para Adorno e Horkheimer (1985), desde a época de Platão e Aristóteles os homens se serviram das imagens como forma de influenciar a natureza dos seus processos ilusórios.

Segundo Adorno (2000), “o mito passou a ser iluminação e a natureza, mera objetividade. O preço que os homens pagaram pela multiplicação do seu poder foi a sua alienação daquilo sobre o que exerceram o poder” (p. 24).

A razão emergiu, então, com forma mais consistente de conhecer o objeto sem a interferência do mito e, segundo Adorno e Horkheimer (1985), se transformou em esclarecimento. Mas as mediações entre homem e natureza passaram também a ser movidas pelas necessidades dessa forma de conhecimento da verdade, chegando ao processo em que o próprio esclarecimento se traduziu numa inverdade, como obra do

próprio mito, ou seja “o horror mítico do esclarecimento passou a ter por objeto o mito” (ADORNO ; HORKHEIMER, 1985, p. 41).

Nesse sentido, ainda segundo Adorno e Horkheimer (1985), pode-se notar a transição de valores em que se alteram as formas de crenças e valores sob a influência do esclarecimento, visto numa dinâmica de dominação de forças alheias aos desejos do homem diante de uma realidade em que “sempre tiveram de escolher entre submeter-se à natureza ou submeter a natureza ao eu” (p. 43). Nessa trajetória, a civilização moderna se voltou para o campo da obediência e do trabalho, desvelado pela experiência de satisfação espelhada no indivíduo pelos processos de sua forma de produção “como mera aparência, como beleza destituída de poder” (ADORNO ; HORKHEIMER, 1985, p. 45).

Segundo Adorno e Horkheimer (1985), o desenvolvimento que se desvela no campo do trabalho tem a humanidade como referência de experiências e habilidades de cada época na sociedade. Nesse sentido, os autores fazem na relação homem/trabalho uma relativização quanto aos avanços da técnica em meio à sociedade e o indivíduo. Trata-se do processo de trabalho como importante na vida do indivíduo, visto como fator essencial para o seu progresso na vida moderna, para alimentar o *status quo* do sistema econômico, engendrado entre ele e seus processos de mudanças no mundo instrumental, ideadas no sentido da produção em escala, num esquema compulsivo de produtividade.

Segundo Marx e Engels (2002), nesse processo, o sujeito se apresenta como força produtiva que, ao mesmo tempo, fica de fora, pelo fato de se apresentar apenas enquanto força de indivíduos, ou seja, ele se agrupa para fortalecer os processos de produção e consumo. Torna-se disperso enquanto ser de autonomia ou sujeitos interdependentes que objetivam o fortalecimento do sistema capitalista.

Para Marx e Engels (2002),

O trabalho, único laço que os une às forças produtivas e à sua própria existência, perdeu entre eles toda a aparência de manifestação de si, e só mantém sua vida estiolando. Nos períodos anteriores, a manifestação de si e a produção da vida material eram separadas pelo simples fato de que cabiam a pessoas diferentes e pelo fato de que a produção da vida material era tida ainda por uma manifestação de si de ordem inferior por causa do caráter limitado dos próprios indivíduos; hoje, manifestação de si e produção da vida material são de tal modo separadas que a vida material aparece como a finalidade, e a produção da vida material, isto é, o trabalho, como sendo o meio (MARX ; ENGELS, 2002, p. 82).

São fatos ocorridos pelas transformações da era moderna, em que o pensamento do homem se degrada para acelerar a ordem do sentido valorizado pela capacidade produtiva das máquinas. Isto é, Marx (2003) refere-se ao pensamento coisificado da era moderna e aponta os avanços de uma práxis evolutiva no sistema da cadeia de produção, condicionada pelo poder da satisfação do indivíduo, ou seja, o faz pensar na sua capacidade como mais-valia pela proporção da sua força de produção, aplicando-se aí um processo contínuo ajustado às necessidades da sociedade, referindo-se ao modo de produção que não leva em conta pessoas.

Nos *Manuscritos Econômicos*, Marx (2001) revela o modo de produção do trabalho alienado. Faz a caracterização do homem na sua relação com o outro, nesse processo de alienação ou sujeição do seu processo de autonomia. Esse modelo de produção do indivíduo trata do processo de produzir bens materiais, que confunde a força do trabalho e o modo de produção no mundo capitalista. É uma forma de produção que expressa a relação entre o homem, o produto e o objeto, e acrescenta, na relação imediata do trabalhador e do objeto, as forças da cadeia produtiva. Isto é, diz de um sujeito que se submete ao processo de alienação ao não se constituir como ser institucional na relação homem e mundo do trabalho, pela busca compulsiva dos processos produtivos.

O animal constrói apenas segundo o padrão e a necessidade da espécie a que pertence, ao passo que o homem sabe como produzir de acordo com o padrão de cada espécie e sabe como aplicar o padrão apropriado ao objeto; assim, o homem constrói também em acordo com as leis da beleza. É exatamente na atuação sobre o mundo objetivo que o homem se manifesta como verdadeiro ser genérico. Esta produção é a sua vida genérica ativa. Por meio dela, a natureza nasce como a sua obra e a sua realidade (MARX, 2001, p. 117).

Afirma Marx (2001): se o homem, com a sua capacidade de produção intelectual, não faz seu trabalho com as características da fruição na criação, se contrapõe a si, de forma que o seu trabalho não o faz diferenciar-se dos demais, isto é, torna-o alienado na relação com a vida humana, como trabalhador prático e, portanto, incapaz de gerar a sua produção na ordem da criação, contrário à ordem da sedução da beleza na sua forma de criação.

O que está em causa refere-se ao mundo dos valores singulares do indivíduo, que é capaz de desvelar-se na sua dinamicidade e possibilidade de fruição ou não, na ótica da essência do seu ser ou nos vieses da abstração dos significados dos seus processos de criação, nos moldes da aparência.

Assim, surge o significado daquilo que se transforma no objeto de valor superior, aquele melhor representado pela aparência em oposição à estética, olhada na sua essência de mais-valia pelo que é (não pelo que aparenta), encontrando nisso o seu valor de verdade. Tomando um exemplo do trabalho de arte, tem-se que a aparência pode se ligar à ausência, numa ordem de pensamento em que o objeto poderá não mais estar no seu lugar, isto é, a aparência em si já registra um distanciamento da realidade e, portanto, esse não pode ser visto como objeto de fruição no mundo da arte.

O que se tem no processo de produção de arte desvenda um sentido que desavaliza a sua essência. O sentido da produção se desloca da “criação”, em que a produção é pensada pelo mundo da imaginação, para o sentido das aparências, de conformação da produção, ou seja, é a conformidade à ordem social e cultural que se apresenta ao indivíduo na sociedade contemporânea. Tem-se, com isso, instituído o sentido da prática, sem considerar a ordem de criação em si. Diante da cultura socializadora, o sujeito em sociedade descobre outras formas de sublimar ou mimetizar as suas formas de produzir bens materiais.

Assim, cai em desuso o processo que constitui a obra de arte pura, integra o espírito e a essência imanentes. E perde-se aquilo que estaria encarnado na obra, que perde a sua aura. A evidente transformação nos meios de produção que se fez a partir do processo de mudança no trabalho, segundo Marx (1999), ganhou força quando foram adotados, nos processos produtivos, métodos da divisão do trabalho que vislumbram o mero aumento da produtividade.

O processo do trabalho é fundamental na vida do sujeito, porque ele se institui como mediação que ao mesmo tempo constitui e socializa o homem. É fator representativo no dia-a-dia da vida através da cultura, que se objetiva, representa a subjetividade humana e se reconhece no seu modelo de execução. A lógica atual da constituição do trabalho ganha força subjetiva no pensamento do trabalhador, cuja consciência, hoje, se dispõe reificada. Ou seja:

[...] o sentido do processo técnico, no qual o sujeito se reificou depois de ter sido extirpado da consciência, é isento da plurivocidade do pensar mítico, bem como de todo e qualquer significar, pois a própria razão tornou-se um mero instrumento auxiliar do aparato econômico que tudo abrange (ADORNO ; HORKHEIMER, 1985, p. 48)

O sentido da vida em sociedade, pensado em sua força de transformação na era moderna, tem o trabalho como uma categoria necessária para a interação social. Com isso, é possível partir de uma reflexão em Marx (1999), que assevera: a formação social constitui-se a partir do trabalho, mediado pela relação com o outro. Ele destaca que, à medida que se recua na história do homem, é possível verificar um “indivíduo produtor”. Porém, percebe-se neste também uma forte dependência na relação com o seu semelhante. Tomando essa razão de dependência do sujeito, ele faz uma retrospectiva no tempo sobre o desenvolvimento do indivíduo e cita-o como sendo aquele que aparece, de início:

[...] de um modo ainda muito natural, numa família e numa tribo, que é família ampliada; mais tarde, nas diversas formas de comunidade resultantes do antagonismo e da fusão das tribos. Só no século XVIII, na ‘sociedade burguesa’, as diversas formas do conjunto social passaram a apresentar-se ao indivíduo como simples meio de realizar seus fins privados, como necessidade exterior. Todavia, a época que produz esse ponto de vista, o do indivíduo isolado, é precisamente aquela na qual as relações sociais (e, desse ponto de vista, gerais) alcançaram o mais alto grau de desenvolvimento. O homem é, no sentido mais literal, um *zoon politikon*, não só animal social, mas animal que só pode isolar-se em sociedade (MARX, 1999, p.26).

É o processo produtivo que se desvenda da força do trabalho que se transforma em mercadoria. O trabalho privado, em seus processos internos, movimenta-se numa interação com o mundo do capital como caráter social, que se institui na subjetividade do indivíduo como forma de alcançar os seus objetivos de felicidade, considerando a “magia” da relação social entre as pessoas e as coisas. São tributos que se revelam através das relações do indivíduo para inseri-lo no corpo social através do mundo moderno produtivo.

Para Marx (2003), portanto, a produção do mundo capitalista agrega valores às mercadorias que engendram características abstratas, pois, alude-se, nesse processo, a especificidades “misteriosas”, isto é, não instituem apenas do valor de uso ou de consumo, mas de outros. “Fórmulas que pertencem, claramente, a uma formação social em que o processo de produção domina o homem e não o homem o processo de produção, consideradas, pela consciência burguesa, uma necessidade tão natural quanto o próprio trabalho produtivo” (MARX, 2003, p. 102-103). Esse naturalismo econômico é uma ilusão que o fetichismo da mercadoria constrói na mente burguesa: “[...] essa forma acabada do mundo das mercadorias, a forma dinheiro, que realmente dissimula o caráter

social dos trabalhos privados, e, em consequência, as relações sociais entre os produtores particulares, ao invés de pô-las em evidência” (MARX, 2003, p. 97).

Os avanços modernos internalizados na subjetividade do homem e da cultura ao mesmo tempo em que são capazes de preparar o trabalhador para exercer tarefas especializadas, também são capazes de transformar o homem, que depende da tecnologia para desempenhar as suas funções, num homem reificado, que não pode exercer seus direitos para reverter esse sentido de mão única e produzir para si “próprio” o conhecimento de sua realidade, transformar suas potencialidades para ampliar o avanço no campo da tecnologia, na importância das relações sociais saudáveis, sem a utilização dos processos de materialização segmentada.

O que se vê no seio da sociedade moderna no processo de produção do mundo do trabalho no espelho da tecnologia, passa pela experiência da cultura instrumental ou indústria cultural, que é uma transposição de novos significados de conteúdos psíquicos na vida do indivíduo. É importante mediador, entre outros, instituinte de sua vida no dia-a-dia, portanto, um meio predominante de essência e aparência. A atualidade traduz como importantes as formas ligadas à aparência no mundo da estética, da beleza, em especial para a mulher, “enquadrada” nos critérios estabelecidos pela sociedade industrial, como regras fundamentais ao seu sistema de fatores básicos de se relacionar na sociedade, como objeto de desejo e satisfação.

Com efeito, segundo Cohn (1975), em Adorno e Horkheimer são transformações importantes, originárias no mundo do trabalho, que se orientam por fatores de instrumentalização no processo da produção, por mercadorias que fazem parte da cultura como comercialização e práxis de valorização do objeto, desconsiderando o seu conteúdo de adequação em si. Ou seja, são manifestações capazes de exercer no indivíduo uma força que constitui sua realidade como aparente forma objetiva de progresso.

Trata-se da realidade que se vê diante da cultura tecnificada, adotando o consumo particular de forma descartável, um pressuposto que institui o mal-estar social para o indivíduo que busca o objeto pela sua semelhança, pelo espelho da necessidade do outro, revelada na capacidade de imanência da imagem do objeto entre o velho e o novo. O sujeito se prende a experimentar o próximo produto oferecido como suposta solução da insatisfação instalada por essa cultura e se submete a essa realidade constituída no processo de identificação e semelhança com o outro, sob o domínio de mecanismos internos mediados pelo meio externo cultural, que oferece facilidades ao sujeito para se

libertar do suposto mal-estar nas promessas instituídas pela indústria cultural em condições específicas.

2.2.3. A Indústria cultural

A indústria cultural refere-se ao processo de materialização do objeto ideado sob a forma de consumo de bens de produção.

É própria da ideologia da auto-suficiência adaptada ao poder da força produtiva circulante para atender às necessidades criadas pelo instrumento de persuasão do indivíduo consumidor, num processo de aparente convencimento de necessidades aderentes a uma situação utópica, que movimentam o sistema de produção e consumo. É com essa ideologia que o produto sofre suas transformações para atender a uma demanda particular através da subjetividade objetivada pelo meio externo cultural.

Adorno e Horkheimer (1985) fazem referência ao processo de produção de objetos “comuns” entre os indivíduos na relação social, que ganha força e é potencializado como fator de importância, com “cara” de essencial, embora seja incremento do sistema de produção *versus* consumo, para que a sociedade possa ser capaz de significar, através de meios externos, e com métodos de convencimento do sujeito, formas engendradas pelo consumo das mercadorias numa seqüência de procedimentos próprios do seu modelo, que impossibilitam o indivíduo de sustentar a sua capacidade de razão crítica e de compreensão dos processos de dominação da técnica sobre o homem.

Referem-se a uma força que se insere na sociedade e que avança em direção a uma lógica de pensamento na cultura que alimenta o mundo do capital no sentido do consumo, abstraindo idéias para que o modelo seja seguido: uma realidade de consumidores supostos, alienados em razão de sua dependência do meio externo, capazes de instituir essa forma objetiva na sua subjetividade, força dominante racionalizada pela ordem da técnica e instituída pela lógica do consumo através da produção em massa, uma “verdade” que valoriza a mercadoria revelada pela imanência do negócio disseminado pelos bens e produtos, gerados na conformidade da lógica da técnica instrumental (ADORNO ; HORKHEIMER, 1985).

Assim, o que se revela na Indústria Cultural é um processo a ser desvendado na subjetividade do sujeito instituído na realidade e objetivado na sua consciência alienada da verdadeira natureza do objeto que consome. É o sentido desvendado por uma

realidade presente que, além de expressar o caráter alienante, firma-se a partir da naturalização das relações sociais de produção e de trabalho, como modo de encobrir a realidade social do produto pela exploração das forças de trabalho que o produziram.

Isto é, trata-se de formas naturalizadas pelo processo instituído na indústria da cultura, capaz de gerar necessidades através de métodos e de bens produzidos com padrões específicos, e de supostas necessidades criadas para o sujeito social, fator ameaçador à sua liberdade pela impossibilidade e inadequação de tais moldes instituídos em padrão de unicidade. Oferecem-se formas capazes de construir soluções coincidentes com as necessidades do sujeito criadas por sua própria ideologia, objeto que se transforma no aspecto da essencialidade contraditória e que desqualifica os interesses da particularidade do homem quanto à sua individuação, isto é, como ser capaz de se instituir como homem independente.

A especificidade do objeto instituído pela indústria cultural é reificado na sua possibilidade de imitação de produção, caracterizada como adequação das relações sociais. Segundo Horkheimer e Adorno (1985), instauram-se categorias que traduzem maior credibilidade àquele que se revela capaz de superar os objetivos de crescimento da produção, numa trajetória que valoriza a sua capacidade de “heroificação”, embora de maneira que contradiz o aspecto da sua essencialidade.

Para Adorno e Horkheimer (1985):

Desde o Hamlet de Shakespeare, já se descobrira que a unidade da personalidade não passa de uma aparência. Hoje, as fisionomias produzidas sinteticamente mostram que já se esqueceu até mesmo de que já houve uma noção da vida humana. Ao longo dos séculos, a sociedade se preparou para Victor Mature e Mickey Rooney. Sua obra de dissolução é ao mesmo tempo uma realização. A heroificação do indivíduo mediano faz parte do culto do barato. As estrelas mais bem pagas assemelham-se a reclames publicitários para artigos de marca não especificada. Não é à toa que são escolhidas muitas vezes entre os modelos comerciais. O gosto dominante toma seu ideal da publicidade, da beleza utilitária. Assim, a frase de Sócrates, segundo a qual o belo é o útil, acabou por se realizar de maneira irônica (ADORNO ; HORKHEIMER, 1985, p. 146).

A ironia revelada trata do método de produção da indústria cultural a partir da repetição, da simplificação e do empobrecimento, reduzindo toda forma de arte a esquemas. Assim, o método de produção atribui-se a tarefa de ser a nova força civilizadora do homem e passa a controlar a sua vida íntima, através da propaganda de noções vulgares e da venda de imagens dos produtos. A propaganda, parte orgânica desse

processo, visa orientar o consumidor na sua pseudoliberalidade de escolha e, mais que determinadas mercadorias, vende estilos de vida e ilude os homens, sua consciência, pelos excessos de imagens, de aparências.

Nesse sentido, o pensamento perde a sua autonomia e se torna incapaz de se realizar na essência. O valor do sentido a partir da repetição torna o objeto familiar. A repetição cega feita através do comercial, seja no rádio, televisão ou outros meios de comunicação, designa palavras como ordem de totalidade. Traduzir o sentido que constitui uma imagem consiste na sua repetição. Assim, é possível notar “a reprodução mecânica do belo” (ADORNO ; HORKHEIMER, 1985, p. 131).

O objeto ideado pela lógica da indústria cultural procura se manter através da referência a uma conciliação na criação de valores agregados pelas categorias universal e particular, que se potencializam entre si na produção de estilos que representam as formas e as aparências da cultura agregada pela técnica, com valor exclusivo de aceitação da sociedade. Nessa conciliação com o meio social, seu poder de criação e sua inautenticidade desvendam formas com aparentes mudanças de estilo “autêntico”, mas que são formas de caricatura equivalentes à sua estética de dominação, que evitam, assim, emergir o processo de tensão entre as idéias postas, por não haver divergências significativas.

Dessa forma, os autores afirmam que tais fatos desenham a identidade do indivíduo, assim conformada entre a estética universal e a singular, observada no domínio das formas dos objetos sem a fruição da essência do seu criador em particular, mas na ideação da universalidade, que revela-o impossibilitado de se reconhecer pelas diferenças, num discurso de evitar o sofrimento e ser aceito socialmente ao optar pela proposição afirmativa do modelo. O que se vê nos procedimentos adotados na cultura tecnicizada revelam ao indivíduo os critérios de reconhecimento de seu caráter, pela sua aderência aos valores instituídos pelos modelos emanados dos processos objetados, portanto, envolvendo o seu pensamento para ser reconhecido através do que produz para o caráter mercantil e, com isso, vale “tudo” para a modificação da sua força de trabalho: renegar a sua capacidade de fruição e, assim, escapar da sua autonomia.

O que equivale a dizer que, no campo da arte, tais procedimentos resultam em reprodução pelo mero desejo de atingir o consumo da imitação artística. Beethoven, mesmo doente, como uma forma de protesto, atirou ao longe o romance de Walter Scott, dizendo: “Este sujeito escreve para ganhar dinheiro” (ADORNO ; HORKHEIMER, 1985, p. 147). Nesse sentido, o que se pode compreender desse sistema é a imanência de

medidas que valorizam os bens culturais pelo seu valor de troca, considerando apenas o sentido do prazer pelo prestígio, numa contradição que ofusca o prazer pela fruição no campo do conhecimento e da criação pela essência.

Assim, desvendam-se os fatos espelhados pelo pensamento do homem na cultura moderna, seguindo seus supostos avanços travestidos de desenvolvimento da tecnologia. Em outras palavras: “sob o monopólio privado da cultura, a tirania deixa o corpo livre e vai direto à alma. O mestre não diz mais: você pensará como eu ou morrerá. Ele diz: você é livre de não pensar como eu: sua vida, seus bens, tudo você há de conservar, mas de hoje em diante você será um estrangeiro entre nós” (ADORNO ; HORKHEIMER, 1985, p. 125).

Esse processo revela a opressão das massas consumidoras, que aderem aos valores subjetivados inseridos na indústria cultural. A lógica da sociedade se apresenta como espelho da indústria cultural em razão de sua dominação dos processos da vida do homem, cuja lógica, em seu movimento psíquico, segue a mesma intensidade da cultura social na contemporaneidade, com identificações recíprocas dos sentidos revelados pela opressão à sociedade. E esses fatos revelam também os processos de dominação do homem pela lógica da indústria da cultura. Pode-se pensar que, no campo da fruição da arte, não seria diferente, que a arte está envolvida na lógica técnica da cultura industrial.

A referência à técnica da cultura envia a sua mensagem de liberdade como promessa de desnudamento da essência do homem pela beleza da aparência, ou seja, dispensa-o do seu esforço intelectual sobre as suas necessidades de sujeito consumidor. Assim, a pessoa segue uma rotina determinada pelo seu estilo de vida, na tentativa de se tornar cada vez mais bem sucedida, mais livre e feliz. Porém, numa suposta satisfação “plena” e duradoura dada pela imagem, pelos sentidos diversos da produção, pela mais-valia no campo da aparência.

Para Adorno e Horkheimer (1985), essa promessa de descortinamento do ser humano através da mais-valia da imagem ou aparência é uma das estratégias que garantem o sucesso da propaganda, que se incumbe de oferecer, no seu “pacote”, as possibilidades de distração de tempo livre, oferecendo aos indivíduos a opção do entretenimento como parte das suas necessidades, mas, ao mesmo tempo, impedindo-os do ócio, que seria o momento de pensarem sobre si mesmos. Essa ideologia proposta em todos os ramos sociais apresenta um convencimento desvelado pela sua eficiência no processo, constituindo-se a voz dominante dos consumidores.

A cultura, nessa realidade da época contemporânea, oferece a possibilidade de diversão às pessoas, numa aparente forma de compensação da mais-valia do seu trabalho desdobrado em carga-horária excedida. É uma forma de engodo essa suposta valorização do seu esforço pela recompensa, uma suposta forma cíclica entre sofrimento e alívio de uma carga, porém firmada de maneira que “a diversão favorece a resignação, que nela quer se esquecer” (ADORNO ; HORKHEIMER, 1985, p. 133).

Em outras palavras, esse modelo constrói a sua trajetória numa redoma de proteção do indivíduo, que passa a viver, como numa hipnose, sob o seu domínio, através das suas falsas e publicitárias promessas de realização “plena”, felicidade total. A alienação do homem na sociedade industrial é a garantia de continuidade e sustentação do consumo em massa, visando o aumento e manutenção do capital, sem deixar consumidores com tempo livre que não seja tomado pelas distrações propostas, e que o impedem mesmo de pensar uma possibilidade de resistência a essa forma de dominação.

Essa questão é analisada por Marcuse (1997) sob diversos prismas, mas, para fins deste trabalho, interessa reter que o homem de revelação, ou seja, aquele que adere ao consumismo, é fruto do desenvolvimento de “falsas necessidades” trazidas à vida pela tecnologia. O autor destaca que esse processo de consumo encobre o conflito entre as necessidades dadas e as necessidades possíveis, criando a falsa noção do igual através do consumo. Esse igual, na realidade, refere-se à homogeneização do ser, e tem a possibilidade de impedir que o homem forme uma visão crítica da sociedade e, portanto, amortiza seu potencial sistêmico do social, com tendência à aniquilação da sua essência como ser capaz de transformação de si e, de consequência, do meio social.

Para retirar o homem da lógica instrumental, as necessidades humanas terão, de certa forma, de distanciar-se dessa lógica, porque o ser humano, nela, enquanto essência, acaba se confundindo com o poder do capital, engendrado através de uma cultura que tem a sua forma de valorização no mundo da produção. Daí a importância do trabalho para a constituição psíquica do homem, como mediação no processo de socialização do sujeito, suas preponderâncias e características próprias, conforme à realidade aderida à instrumentalização do mundo capitalista. Ao indivíduo não é possível verificar a mediação do fator de manipulação, que transforma necessidades sociais em falsas necessidades individuais.

A grande velocidade de produção cria a necessidade do rápido escoamento do produto, fomenta um forte consumo por parte da população, dando a impressão de que, sem este, o sistema ruiria. Por uma construção cultural, o homem unidimensional, com

suas necessidades pré-determinadas, transforma-se em apenas mais uma peça da maquinaria social, destinada a consumir e a consumir. Para Marcuse (1997), a necessidade de consumo pode até criar euforia. No entanto, esse ânimo é passageiro, restando, no final, a infelicidade, o vazio construído dentro do indivíduo, que o impele a consumir mais, incluindo-se num ciclo vicioso gerador de crises existenciais. Em síntese, a alienação manifesta seu caráter opressor através da cultura de massa, cuja espinha dorsal é a naturalização do consumo espelhado no modelo do mundo capitalista.

O capital é movido pela tecnologia. O sujeito apropria-se de um terreno onde conquista seu poder econômico pelo poder emanado do mais forte, promovendo a racionalidade da técnica ou técnica fetichizada, que produz a dinâmica de uma objetividade no sujeito, capaz de impor a este a sua condição subjetiva, limitada à conformidade da sua lógica de dependência. As ordens impostas nessa razão instrumental sucumbem ao controle da sua vontade de liberdade de descarga de pulsão. Ou seja, o sujeito perde a sua autonomia de homem enquanto ser capaz de criação no trabalho, pelo não reconhecimento do seu tempo gasto naquilo que produz. É uma espécie de ordem que se desumaniza pela outra, a da produção e, portanto, trata do indivíduo que perde a condição da crítica no processo de fruição da criação da obra.

O sucesso material une o indivíduo e a sociedade não só no sentido confortador e discutível de que o rico é capaz de escapar à solidão, mas num sentido bem mais radical: se o interesse egoísta cego e isolado é levado longe demais, ele se transforma, com o poder econômico, em poder social e se manifesta como encarnação do princípio que une todas as coisas (ADORNO, 1993).

Então, é possível afirmar que, cada vez mais, as indústrias de produção de capital se legitimam no direito de cobrar do trabalhador uma parcela de contribuição cada vez maior, com exigências de capacitação também arrojadas para a justificação dos benefícios oferecidos, fazendo de forma tal a legitimação de tais exigências que é possível supor uma inclusão de necessidades atuais instituídas nos quesitos “competência”: as aparências, o imediato.

A capacidade do indivíduo de expressar sua subjetividade se submete à relação com o outro, na instrumentalização dos seus desejos, pois basta pensar até que ponto o ser humano se revela nessa realidade e ao mesmo tempo se identifica com a produção tecnificada.

Assim, aparece, na realidade da cultura tecnificada, o homem como ser genérico, de que Adorno e Horkheimer (1985) dirão: a realidade da indústria cultural é capaz de se

constituir como obstáculo à formação do indivíduo como ser de autonomia, pela possibilidade de incapacitá-lo de se tornar sujeito capaz de julgamento de poder de decisão de forma consciente. Os autores analisam também a inibição do processo de consciência das massas, que impõe o poder das máquinas sobre o homem como um caminho para facilitar o comércio fraudulento, a ponto de facilitar e enganar o consumidor com promessas possivelmente inviáveis.

Através de imagens de promessas de satisfação através de produtos, há a ilusão da satisfação do indivíduo, garantia de felicidade para os consumidores. A promessa objetiva dá lugar aos truques da imagem, a ponto de a indústria cultural se confundir com o caráter de magia da publicidade, que se mistura à indústria cultural no sentido técnico e econômico, como disseram Adorno e Horkheimer (1985): “a publicidade é o elixir da vida” (p. 151).

Contudo, o que se desvenda na contemporaneidade, aos olhares do mundo tecnificado da cultura, refere-se aos processos produtivos, objetivados numa característica peculiar, cujo eixo central se converte na lógica do consumidor. Sobre isso, dirão Adorno e Horkheimer (1985), numa citação de Max Jiménez: “tem uma mola motora no desejo de posse constantemente renovado por esta indústria”. Constitui-se, assim, nesse modelo, um mercado fechado, que impossibilita tentativas de libertação do processo, em razão de supostas escolhas: ao mesmo tempo que disponibiliza o produto para o consumo, ele o faz de forma petrificada, em conformidade com moldes significados pela abstração dos fatores de coerção econômica, gerados sob a propaganda, que desvenda a revelação e identificação do consumidor compulsivo.

Portanto, o indivíduo, em consequência, subjetiva-se nas objetivações externas, nas condições estabelecidas pelo contexto cultural. Institui-se diante dos processos da cultura contemporânea que se inserem no mundo tecnológico e definem supostas transformações na vida psíquica dos indivíduos, com mudança nos paradigmas de valores instituídos na singularidade, espelhada no consumo instituído pela indústria cultural, portanto na abstração de uma realidade refletida por movimentos de sujeição do indivíduo.

CAPÍTULO III

O SENTIDO DA BELEZA NA EXPERIÊNCIA INDIVIDUAL

As pessoas falam: Você está mudada! Querem ouvir de você: ah! eu fiz uma cirurgia [tal], mas eu não falo. Eu falo: mudei mesmo. Mudou muito! É, agente muda. [...] Foi uma pequena cirurgia que não alterou tanto, uma relação melhor como mulher. Toda mulher tem a preocupação com a parte física. [...] a mãe fala que tá bonito, a vó fala que tá bonito, a imã fala que tá bonito, os amigos mais próximos falam que está bonito, a gente chega à conclusão que realmente para ele está bonito. Pra mim também estava então ótimo. Fiquei satisfeita. [...] Então, estou sujeita. Aberta talvez a uma lipo, aberta a um botox, não sei, são coisas que talvez vão vir, vão surgir conforme a necessidade que a minha auto-critica vai me dizer quando eu olhar no espelho, principalmente [...]

Ana.

A pessoa é um fruto da sociedade. O ser humano é sociável, esse meio não o acolhe. Os valores da beleza vão se agregando às cobranças pelo segmento do padrão de beleza. O feio não é aceito no meio social. Criança que é feia, a tia não a beija. Na creche, no trabalho, é importante. Estando fora do padrão de beleza, não é contratado ou promovido aos melhores cargos

Rana.

Fragmentos de entrevistas.

Para compreender o sentido da beleza para a mulher, foram investigadas participantes mulheres, especificamente aquelas que se submeteram a processo de cirurgia estética. Na investigação, buscou-se apreender os sentidos revelados da experiência da plástica estética e os objetivos dessas mulheres de se tornarem “belas”.

Por meio das entrevistas e de relatos da experiência de vida das participantes, foi possível apreender os valores socioculturais sobre o belo, a essência e a aparência.

As informações obtidas junto às participantes, originaram-se de entrevistas realizadas nos meses de junho a agosto de 2005. A escolha das entrevistadas seguiu critérios metodológicos definidos a partir de um trabalho de pesquisa, com mapeamento realizado de março a maio de 2005, responsável pela geração da base de informações necessárias para a efetivação das entrevistas.

3.1. A pesquisa

O mapeamento de informações foi realizado a partir de duas instituições, uma pública e uma privada, e teve como objetivo a localização de possíveis participantes que se submeteram ao processo de cirurgia plástica estética nos anos de 2003 e 2004, na cidade de Goiânia-Go.

No mapeamento, foram levantadas as informações (instituições privada e pública), para composição do objeto da pesquisa, inseridas nas tabelas (1 a 3) apresentadas a seguir.

Na Tabela 1, estão as informações sobre a quantidade de cirurgias plásticas estéticas específicas do tipo: abdômen, lipo, mama, prótese de mama (consideradas na região do corpo), na região da face: orelha, nariz e pálpebra, conforme ilustrado na Tabela 1. Entre essas cirurgias especificadas, estão agregadas todas as demais cirurgias realizadas em menor quantidade, atendendo o critério de especificidade conforme a região do corpo ou face.

O critério de agrupamento para mais de uma cirurgia realizada com a mesma participante, escolheu uma dessas apenas e, nesse caso, agregou-a, por exemplo: lipo e nariz, na quantidade especificada com menor volume de cirurgia realizada, isto é, incluiu-se na cirurgia de nariz. Procedeu-se dessa forma para efeito didático.

A parte da coluna da Tabela 1, que cita o item “não consta”, foi considerado o daquelas pacientes submetidas a um processo de cirurgia que não foi especificado no prontuário. Fatos como esse ocorreram apenas na instituição pública e, por isso, desconsiderou-se esse item [não consta].

Tabela 1: Quantitativo de cirurgia plástica estética

Cirurgias específicas do tipo	Quantidade por ano			
	Instituição privada		Instituição pública	
	2003/2004	%	2003/2004	%
Abdômen, Lipo, Mama, Prótese de mama (corpo)	884	71	181	47
Orelha, Nariz, Pálpebra (face)	369	29	192	49
Não consta	-		16	4
Total	1253	-	389	-

Fonte: Pesquisa realizada em prontuários de pacientes de duas Instituições: pública e privada, com informações de 2003 e 2004.

Na instituição privada, a quantidade de cirurgias realizadas foi expressiva em relação à pública. Porém, as diferenças foram desconsideradas pela pesquisa, porque foi observado um efeito de contingenciamento – limitação institucional –, que, na instituição privada, gerou um volume de 1253 cirurgias no período de dois anos [2003 e 2004] e, na pública, um total de 389: aquela em que o volume foi maior é uma instituição especializada na área de cirurgias plásticas e, na instituição pública, existem outros tipos de cirurgias, além da plástica “estética”.

Na Tabela 2, estão as informações sobre a quantidade de cirurgia plástica entre homens e mulheres. Nas informações levantadas, verifica-se o volume expressivo de cirurgias realizadas entre mulheres, ou seja: na particular, 93% e, na pública, 77%.

Tabela 2: Quantitativo de cirurgia plástica homens/mulheres

Cirurgias realizadas	Quantidade por ano			
	Instituição privada		Instituição pública	
	2003/2004	%	2003/2004	%
Mulheres	1166	93	298	77
Homens	87	7	91	23
Total	1253	-	389	-

Fonte: Pesquisa realizada em prontuários de pacientes de duas Instituições: pública e privada, com informações de 2003 e 2004.

Na Tabela 3, podem ser vistas as informações referidas à quantidade de cirurgias segundo a idade. A partir das informações levantadas, fez-se uma busca aleatória de pacientes que se submeteram ao processo dentro de cada faixa etária, considerando o critério idade como parte da escolha das prováveis participantes nas duas instituições.

Tabela 3: Quantitativo de cirurgia plástica por Faixa Etária

Idade/anos	Quantidade por ano			
	Instituição privada		Instituição pública	
	2003/2004	%	2003/2004	%
Até 17	18	1	31	8
18 a 23	136	11	74	19
24 a 30	215	17	92	24
31 a 40	342	27	87	22
41 a 50	304	24	51	13
51 a 60	158	13	31	8
Acima de 60	58	5	8	2
Não consta	22	2	15	4
Total	1253	-	389	-

Fonte: Pesquisa realizada em prontuários de pacientes de duas Instituições: pública e privada, com informações de 2003 e 2004.

A faixa etária de homens e mulheres que se submeteram ao processo da cirurgia plástica registra todas as idades. No entanto, na instituição pública, a faixa etária de maior procura está entre 18 a 50 anos, no geral, com ênfase para a faixa etária de 24 a 30 anos. Na instituição privada, a representação maior ficou entre 18 e 60 anos, no geral, mas com ênfase na faixa etária de 31 a 40 anos. Lembrando que a tabela 1 enfatizou as quantidades de cirurgias plásticas com as especificações de tipo, a tabela 2 se destacou a maior quantidade de cirurgias realizadas por mulheres em relação aos homens e a tabela 3, as faixas etárias se destacaram entre as idades de 24 a 30 e 31 a 40. Portanto, as informações contidas nas tabelas de 1 a 3, foram importantes para o critério de escolha das participantes para as entrevistas, pois facilitaram a escolha dos nomes *a priori*, de forma aleatória, oriundas do trabalho de mapeamento (Apêndices C e D) de todos os pacientes submetidos aos procedimentos da cirurgia plástica no período referido.

Considerando as informações destacadas através do mapeamento referido, ou seja, a maior quantidade de cirurgia plástica realizada por mulheres, a maior representatividade quanto ao volume de cirurgia por especificações de tipo e a quantidade expressiva entre a idade de 24 a 40 anos, o critério utilizou-se a escolha aleatória de pacientes, atendendo as informações expressivas em quantidades, conforme especificações dimensionadas nas tabelas de 1 a 3. Desse modo, a escolha das pacientes prováveis participantes das entrevistas foi estabelecida entre aquelas que atenderam ao seguinte: pacientes submetidas ao processo de cirurgia plástica estética nos anos de 2003 e 2004 nas instituições (pública e privada), moradoras da cidade de Goiânia-Go, mulheres, com idade entre 24 a 40 anos. Assim, essas pacientes que atenderam os critérios utilizados, foram relacionadas aleatoriamente na planilha (Apêndice E), como as prováveis participantes para as entrevistas.

As entrevistas foram realizadas com 04 pacientes de uma instituição e 04 de outra, 01 paciente para cirurgia realizada na região da “face” e 01 da região do corpo, entre a faixa etária de 24 a 30 anos. As outras duas participantes tiveram as mesmas características quanto à especificação do tipo de cirurgia, alterando apenas a faixa etária de 31 a 40 anos. Isto é, foram 04 participantes de cada instituição, que somaram um total de 08 pacientes nas duas. As entrevistas semi-estruturadas ocorreram entre os meses de junho a agosto de 2005.

Considerando a importância do indivíduo como ser social, é possível dizer que a trajetória de sua história de vida é composta de suas experiências no tempo, dentro de cada cultura e particularidade, a partir da sua objetividade individual nas diversas

instâncias de convivência. Pensando assim, entendeu-se as participantes da pesquisa em sua constituição e experiência de vida como seres particulares e universais. Assim, tornou-se relevante pensar o desenvolvimento de sua *práxis*, essencial ao processo, que se desnuda nas instâncias mediadoras externas, e o sentido do belo como capaz de exercer reação no cotidiano de cada uma, em especial porque se submeteram ao processo de cirurgia plástica estética.

3.2. Identificação das participantes entrevistadas

Buscando preservar o sigilo, a identificação das entrevistadas será feita com nomes fictícios conforme segue abaixo.

a) Eni (Instituição privada), 38 anos, nasceu em Anápolis-Goiás. Estado civil: casada. Possui grau de instrução superior na área da saúde, porém, no momento, está fora do mercado de trabalho. A entrevista foi realizada na residência da participante - as opções disponíveis incluíam também o espaço (local) em que se realizou a cirurgia plástica estética. É moradora da cidade de Goiânia há mais de 10 anos, atualmente no Setor Bueno. Realizou cirurgias plásticas estéticas específicas do tipo: Lipoaspiração e Abdômen (mini).

b) Lia (Instituição privada), 27 anos, nasceu em Campo Grande-Mato Grosso do Sul. Estado civil: solteira. Possui grau de instrução superior, trabalha na área de empresas, sua área de formação. A entrevista foi realizada no local de trabalho da participante. É moradora da cidade de Goiânia há mais de 05 anos. Local de trabalho: Setor Bueno. Realizou cirurgias plásticas estéticas específicas do tipo: Culote e Abdômen.

c) Ani (Instituição privada), 24 anos, nasceu em Goiânia-Goiás. Estado civil: solteira. Possui grau de instrução superior. Sobre seu trabalho, disse que participou de estágio de nível superior e que, no momento, não estava exercendo atividade profissional. Área: saúde. A entrevista foi realizada na residência da participante. É moradora da cidade de Goiânia desde seu nascimento. Local de trabalho: não possui. Realizou cirurgia plástica estética específica do tipo: Nariz.

d) Ana (Instituição privada), 37 anos, nasceu em Goiânia-Goiás. Estado civil: casada. Possui grau de instrução superior. Sobre o trabalho, disse que trabalha como profissional autônoma, na área da saúde. A entrevista foi realizada no local de trabalho

da participante. É moradora da cidade de Goiânia desde seu nascimento. Local de trabalho: não possui. Realizou cirurgia plástica estética específica do tipo: Nariz.

e) Ane (Instituição pública), 31 anos, nasceu em Goiânia-Goiás. Estado civil: casada. Grau de instrução: segundo grau. Sobre o trabalho, disse que trabalha no ramo da indústria. A entrevista foi realizada na instituição pública, no local em que foi realizada a cirurgia. É moradora da cidade de Goiânia desde seu nascimento. Local de trabalho: trabalha em uma mini-indústria. Realizou cirurgia plástica estética específica do tipo: Nariz.

f) Rana (Instituição pública), 34 anos, nasceu em Goiânia-Goiás. Estado civil: casada. Grau de instrução: segundo grau. Não adiantou o local de trabalho. A entrevista foi realizada na instituição pública, no local em que foi realizada a cirurgia. É moradora da cidade de Goiânia desde seu nascimento. Local de trabalho: trabalha em uma mini-indústria. Realizou cirurgias plásticas estéticas específicas do tipo: Lipo e Prótese de Glúteo.

g) Bia (Instituição pública), 28 anos, nasceu em Goiânia-Goiás. Estado civil: casada. Grau de instrução: universitária. Não adiantou o local de trabalho, ou seja, o serviço é instável. A entrevista foi realizada na instituição pública, no local em que foi realizada a cirurgia. É moradora da cidade de Goiânia desde seu nascimento. Local de trabalho: trabalha em uma mini-indústria. Realizou cirurgias plásticas estéticas específicas do tipo: Culote e Abdômen.

h) Lea (Instituição pública), 37 anos, nasceu em Goiânia-Goiás. Estado civil: casada. Grau de instrução: segundo grau completo. Não adiantou o local de trabalho. A entrevista foi realizada na instituição pública, no local em que foi realizada a cirurgia. É moradora da cidade de Goiânia desde seu nascimento. Local de trabalho: trabalha em uma pequena-indústria. Realizou cirurgias plásticas estéticas específicas do tipo: Orelha e Abdômen.

3.3. Análise das entrevistas

O convívio do indivíduo com a sociedade torna-o capaz de constituir as suas relações objetivas e subjetivas, produzindo fatos históricos e culturais recorrentes, em especial as participantes que experimentaram o processo de cirurgia plástica estética, buscando seus objetivos de “beleza”.

As análises realizadas indicaram fenômenos importantes que ocorrem nas instâncias da sociedade, capazes de influenciar mudanças nas demandas do desejo de “beleza” do indivíduo, subjetivadas no contexto sócio-histórico, em meio às contradições singulares e universais, e podem ser agrupadas para melhor expostas.

3.3.1. O sentido da beleza: a experiência histórica e a contemporaneidade

A entrevistas apontam conteúdos sobre o sentido da beleza numa contextualização de historicidade, isto é, está compreendido como sendo:

Ana

O sentido de beleza: ele muda conforme o tempo. Hoje a mulher que usa silicone é sex. Há dez anos atrás, uma mulher com os seios naturais e pequenos que era o “belo”, [...]

[...] na Idade Média a mulher gorda era bonita, tinha aquele aspecto de feminilidade. Hoje, não: é o magérrimo a referência de beleza física, a pessoa anoréxica.

Lea

[...] dá para apavorar. Até ontem, eu me olhei no espelho: sabe quando você faz essa expressão de sorrir, vê umas marcas na testa, um pezinho de galinha? Tem essa preocupação de ficar mais velha. Tem as mulheres que são mais vaidosas do que os homens. A gente tem que trabalhar e falar: “não adianta, vamos ficar flácidas, sinto isso, não vou ter mais aquela carne durinha, aquele mesmo riso que a minha menina tem, que a menina de vinte e poucos anos tem”. Tem que se aceitar, tudo tem que aceitar.

As entrevistadas transmitem anseios de subjetivações que despertam no indivíduo cobranças por mudanças internas e externas. De um lado, algo que causa certo desconforto emocional; de outro, busca de formas de equilíbrio psíquico. Tais fatos são originários da sociedade contemporânea. Há um contexto que desnuda o sentido da beleza como histórico e cultural, ou seja, busca de adequação a moldes ditados pelas instâncias externas, cobranças de adequação à cultura repressora que sugere formas específicas ao corpo, modelos instituídos. A não possibilidade de atender a esses preceitos pode gerar sofrimento e insegurança no indivíduo, conforme seguem as falas de algumas entrevistas:

Lea

Imposição da sociedade, cobranças: corpo escultural, corpo bonito. Seios fartos e durinhos, bumbum rebitado, pernas e coxas grossas. É patético. Recebe todo um tratamento diferenciado! Virou essa loucura de cirurgia plástica, um vício, uma mania!

[...] Todo mundo olha para esse lado da beleza. Você tá numa festinha, numa reunião, as pessoas estão te observando, e fala: “ela tá gorda”. É numa rodinha de amigos, numa igreja, vê um rapaz bonito ou uma moça bonita e faz comparações (Lea).

Eni

Tem que estar magra e não pode estar flácida. Você vê nas revistas, na televisão, aquelas manequins, faz comparação e cobrança daquele padrão de beleza, ir para academia melhorar.

[...] Não precisa ser nova; tem que estar magra. Nas revistas, você não acha pessoas gordas; estar na moda, todo mundo magro. Vão para as academias. São corpos malhados ou fizeram alguma cirurgia.

Nesse movimento, percebe-se uma idealização internalizada a partir do outro, a singularidade sob o efeito da universalidade. É o sentido da beleza passando por um processo de mediação intrapsíquica, através das forças do meio externo.

Percebe-se também uma conotação idealizada para o corpo, que se torna capaz de mudanças, pois ele passa a transmitir sentimentos variados sobre as formas físicas específicas e particulares. Nesse sentido de possibilidades de transformações, Lia revela:

Fiquei mais feliz! Tem um melhor rendimento, todo mundo olha para gente diferente. A minha vida mudou cem por cento, depois que eu fiz a lipo.

[...] Está ótimo! Não está cem por cento, mas oitenta está bom. Se puder, eu quero melhorar mais ainda.

Eu quero ficar cem por cento. Emagreci, mas não fiquei do jeito que queria. Tem uns reparos. Eu fiz lipo no abdômen, no culote, aqui no braço, eu acho meu braço muito grande [...] aqui atrás essas caixinhas de som que são insuportáveis [...] Se eu puder eu vou fazer no corpo inteiro de novo, só pra consertar o que não ficou do jeito que eu queria (Lia).

Na expressão de Lia, caso a satisfação do “ideal” não tenha sido cumprida, cria-se a expectativa de buscá-la num outro momento, para a elevação imediata da auto-estima. As transformações do corpo são traduzidas nessa confirmação que eleva a auto-estima e na atitude de obediência aos preceitos instituídos pelas instâncias culturais como exigência básica para a conquista da adequação específica do corpo.

Revela-se como necessidade importante na vida do indivíduo, pois engendra a possibilidade de aderir aos “modelos” instituídos através das transformações variadas no corpo. A cirurgia, nesse caso, é utilizada também como valor ao qual se agrega, como intermediário, o sentimento de atender à possibilidade de bem-estar do indivíduo, como diz Lia, a seguir:

O que incomoda a gente tem que procurar consertar. Eu quero fazer outra lipo, quero colocar silicone. Não tenho medo dessas coisas! Prefiro sofrer para ficar bonita que sofrer por não ficar bonita ou por não ser bonita (Lia).

Como se percebe, o sentido de beleza é internalizado através de formas constituídas. O interesse em alcançar um sentido de beleza do corpo é seguir as cobranças externas como uma necessidade *a priori* do mundo contemporâneo, em especial imposta através de objetivações primadas pelo sentido de “beleza” moldado pela estética e mediado por significações idealizadas da expressão de mais-valia da forma aparente.

Com isso, desnudam-se as possibilidades de interesses internalizados nas participantes, em específico no relato seguinte de Ana, que se submeteu ao processo da cirurgia estética, visando alcançar sua meta particular de “beleza”, em vista das exigências sócio-culturais contemporâneas: para se sentir aceita na sociedade e atender às supostas regras de referências sociais, pensando na satisfação de seus desejos. A prática cirúrgica alcança os objetivos internalizados como procedimento para minimizar o sofrimento, subjetivado na adequação do corpo.

Ana

[...] busquei a minha satisfação. A parte da estética era uma coisa que me incomodava e eu queria consertar.

O sentido de beleza é apreendido também na cultura, institui-se como uma forma conceitual e ideológica que se desvenda com valores agregados a uma ordem de grandeza e qualidades precisas em cada uma. Em cada expressão, há um sentido de beleza significado de forma objetiva, que é subjetivada a partir do meio externo em cada experiência. Ao ser internalizada, tem a sua importância subjetivada da conformidade com a cultura temporal, que se torna presente como necessidade particular. O sentido do “belo”, para as entrevistadas a seguir, significa que:

Rana

A mulher ser bela hoje tem significado diferente. Hoje, a beleza é fundamental, é um fator que conta a favor de você. A sociedade cobra, a mídia está cobrando que seja bela, magra, escultural. A adolescente cresce vendo isso, vendo a mãe se produzindo.

Sentir-se bem com ela mesma e com o corpo, ser aceita pela sociedade, é importante. Bem-estar próprio e com o meio que te cerca.

Eni

O sentido de beleza é cultivado na cultura como primeira impressão. A pessoa tem que estar sempre bem, a mulher tem que estar sempre se cuidando, procurando sempre melhorar.

Assim, o que se vê sobre o sentido de beleza são expressões da necessidade de transformações variadas, adaptações particulares do corpo, visando os moldes estabelecidos. São exigências externas, mas, ao mesmo tempo, internalizadas como suposta forma de beleza aprendida desde a tenra idade, num processo de maturação instituído no convívio sociocultural. Essência e aparência são flutuantes na compreensão do sentido do belo.

Há uma espécie de objetivação de um suposto “ideal”, que diz respeito às formas pensadas na imagem do corpo. Há uma ideologia desvendada na configuração de algo que é internalizado como possibilidade de obter satisfação individual, como para Ani: na cultura atual, o sentido do corpo belo é “estar dentro da roupa que todos usam, para não se sentir constrangida, não se sentir deselegante” e “ficar bem no seu corpo”.

E mais, atingindo os valores sociais e culturais, em razão da cobrança intensificada do meio social. Se as pessoas não seguirem os padrões, diz Ani: “sentirão meio excluídas da sociedade”, mesmo que haja certa dificuldade em seguir tais padrões: “às vezes, é muito difícil para alguns seguirem tais regras”. Sobre isso, demonstra incerteza afirmando: “existem pessoas belas e bonitas”, que acabam por atender aos preceitos da sociedade atual, por não se sentirem ainda adequadas suficientemente, procurando, para tanto, agregar outros adereços ao corpo:

Eni

Tem que estar magro e não pode estar flácida. Você vê nas revistas, na televisão aquelas manequins, faz comparação e cobrança daquele padrão de beleza. Ir para academia melhorar.

Ani

Usar uma roupa que todo mundo usa. A roupa não ficar deselegante, não te deixar constrangida num certo local, ficar bem no seu corpo.

Rana

Corpo harmônico, ser satisfeita com o corpo que tem. Harmonia no conjunto, não ter uma barriga excessiva, não ter seios muito grandes ou pequenos. Perfeito só quando nasce, mas buscar a harmonia através da cirurgia, perfeito também.

Lea

Moldar o corpo como deveria ser [...] Ajudar no meu relacionamento com meu marido. Tirar a gordura das costas, ganhar outra mulher, ser a pessoa mais feliz, fazer correção na orelha.

Diante dessas possibilidades, há o sentimento do ato da cirurgia como um momento especial, por apresentar condições de mudanças na vida, capacitar para o uso das técnicas instituídas como resultado das idealizações, e, assim, conquistar a obediência aos “padrões” do mundo moderno, ou seja:

Ana

É muito engraçado! As pessoas falam: “Você está mudada!” Querem ouvir de você: “Ah! eu fiz uma cirurgia no nariz”. Mas eu não falo. Eu falo: “Mudei mesmo. mudou muito! É, a gente muda”.

Lea

A pessoa procura uma melhor aceitação em relação a você mesma e ao outro, quer que o outro te veja da forma que você quer. Você fica enfurecida! Achei que o meu marido fosse pelo menos falar “ficou melhor do que estava, você atingiu um resultado bom”. Em momento algum, ele falou isso para mim, independente do que for [...] (Lea).

Lia

Tem gordinhas que se acham maravilhosas. Eu não me sinto! Quando estou com um quilinho a mais não me sinto bonita, fico com baixa auto-estima. Depois da cirurgia, achei que tudo tava lindo, eu era a pessoa mais feliz do mundo, todo mundo para mim era bonito. Quando eu estava de bem comigo mesma, o resto estava ótimo.

Ane

Se olhar e ver que está tudo bem. Não adianta ter um rostinho bonitinho! Cheio de culote, de celulite, de estria então não é um conjunto legal. Não adianta só um rostinho bonito, rosto perfeito e corpo detonado. [...] É um desconforto. Se você tem condição de corrigir alguma coisa que não te agrada, corrija. Seja o nariz, seja o busto, seja o culote, seja a barriga, se você sente vontade e necessidade e pode fazer, faça.

As falas apontam tendências de subjetivação do indivíduo, que busca conferir, na relação social, como é estar fora daquilo que não lhe agrada em seu corpo, com a confirmação da dificuldade em ouvir variadas cobranças da sociedade sobre a própria adequação ao sentido da beleza. Para isso, revelam anseios em atender ao padrão do tipo: “Romper esse padrão é essencial”, nas palavras de Rana, para encontrar harmonia e satisfação. Isto é: “não ter uma barriga excessiva, não ter seios muito grandes ou pequenos” (Rana). As falas das participantes indicam que, para se sentirem melhor perante a sociedade, elas se submeteram ao ato cirúrgico. É o processo de mudança da essência do corpo para a aparência, mesmo porque a suposta desarmonia do corpo deve ser superada, pensada nas formas de mudanças imediatas sob o efeito do consumo, engendrado pelas promessas internalizadas, como disse Rana:

Hoje a beleza é assim, é um fator que conta a favor de você. Não importa que você seja uma mulher ou não, mas para a mulher como um todo, a beleza é fundamental [...] porque, a sociedade cobra muito dela

[...] Harmonia no conjunto, não ter uma barriga excessiva, não ter seios muito grandes ou pequenos. Perfeito só quando nasce, mas buscar a harmonia através da cirurgia, perfeito também.

[...] Se você é suficiente para quebrar essa barreira de cobrança, esse padrão que a sociedade gerou, você vai se sentir bem. Ser alta, magra, bunduda, cintura fina, seios grandes, romper esse padrão é essencial.

(Rana).

E mais, o que se revela nas falas como harmonia do corpo pode ser buscado e alcançado através da cirurgia plástica estética, no emblema da mudança de aparência específica. Ane destaca que “a comunidade propaga a idéia da beleza e isso vira uma epidemia. A sociedade tem uma tendência de impor a beleza, através da mídia, com influências para isso”.

Ana diz também que o significado da beleza na relação com o corpo é: “Estar bem com você mesma; estar bem com o seu corpo. Pode ser uma gordinha super feliz ou uma magérrima super infeliz”. Nesse sentido, é possível verificar a validação do quesito aparência como possibilidade de inserção no rol da “beleza”, desvinculada, portanto, da essência, mas empenhada num procedimento de procura do bem-estar no sentido da aparência apenas.

A partir de exigências sociais e culturais, os mecanismos de transformações do corpo são uma forma de realização dos indivíduos para se sentirem aceitos na sociedade, uma vez que, para objetivar o sentido referido, vislumbram a expressão de beleza na satisfação do cumprimento dos padrões e exigências do mundo externo. Do contrário, sentir-se-ão desconfortáveis e comprometidos com possíveis sofrimentos internos. Afirmam:

Ane

É um desconforto! Se você tem condição de corrigir alguma coisa que não te agrada, corrija. Seja o nariz, seja o busto, seja o culote, seja a barriga, se você sente vontade e necessidade e pode fazer, faça.

Entender mais sobre a beleza, novas técnicas, usufruir mais dela, aprofundar mais, fazer transformação, conhecer e ter mais interesse, querer mudar. Fazer outra, outra cirurgia, transformação.

[...] Eu quero mexer onde for preciso futuramente, onde eu achar que começou me incomodar.

Lia

A pessoa se torna bela, pode ser pela família [...] A gente transforma a beleza.

[...] A gente adquire em vários lugares essa forma de pensar, de agir: seja na escola, na família, tendo uma religião.

Referindo-se à submissão da cirurgia, ao processo de remoção daquilo que a incomodava, Ana entende que a necessidade da cirurgia se confirma no desejo de “consertar” em parte “aquilo que estava fora do padrão”, cobrado pela mediação da família. Na fala de Ani, há incoerências de sentidos: entre o sentir as vantagens na prática da cirurgia e apreender este sentido de mudança “na relação com o outro”. Ela não viu diferença quanto à realização da sua cirurgia, porém vê conseqüências logo em seguida,

quando diz: “as pessoas começaram me achar mais bonita”. Isto retrata uma subjetivação aderida e subserviente aos ditames do meio externo.

Ani

No começo achei meio estranho: muda muito o rosto, parece que você mudou de personalidade. Depois, você acaba se acostumando. A consequência que houve no início: saí da sala da cirurgia, estava implícito que o meu nariz tinha ficado muito diferente. Em relação com o outro, eu não achei que houve muita mudança. Como consequência, acho que as pessoas começaram me achar mais bonita. [...]

Ana

[...] o nariz é uma coisa que está bem na frente do rosto, que determina muito a personalidade. Busquei a minha satisfação! Era uma coisa que me incomodava e eu queria consertar.

A partir da reação social, o sentido do belo passa a suporte de outros valores agregados, como a garantia da boa aparência pela necessidade criada, talvez uma mera sujeição. Esses valores podem ser notados em sentimentos revelados nas expressões das participantes:

Ana

Mais auto-confiante com certeza. Foi uma pequena cirurgia que não alterou tanto, uma relação melhor como mulher. Toda mulher tem a preocupação com a parte física. Foi isso que melhorou em mim também. Você se sente mais bonita, se sente melhor. Isso é muito bom!

[...] Então, estou sujeita. Aberta talvez a uma lipo, aberta a um botox, não sei. São coisas que talvez vão vir, vão surgir conforme a necessidade que a minha auto-crítica vai me dizer quando eu olhar no espelho. Principalmente, talvez as pessoas mais chegadas da família chegam e falam para você, que está ficando gordinha, está ficando isso [...]

Eni

Cultivado na cultura como primeira impressão. A pessoa tem que estar sempre bem, a mulher tem que estar sempre se cuidando, procurando sempre melhorar.

Rana

Sentir-se bem com ela mesma e com o corpo, ser aceita pela sociedade, é importante. Bem-estar próprio e com o meio que te cerca.

As necessidades particulares demonstradas nas expressões das participantes sobre o sentido de beleza desnudam a presença de um mal-estar instituído. Pode-se dizer que se refere a algo similar àquilo que Freud disse sobre o indivíduo em meio à civilização, numa condição que o faz buscar algo para se proteger contra supostas ameaças de fontes de sofrimentos. Em condições análogas estão as participantes em sua busca de satisfação como condição de prioridade de realização: “Se você tem uma coisa que te incomoda e pode mudar, faça! É muito bom [...]”.

Nesse sentido, há a relativização do sentido da beleza às formas físicas do corpo. E mais: Rana diz sobre os resultados da cirurgia como fato inédito ocorrido em sua vida numa expressão de segurança na sua relação com o meio:

[...] Segurança de conquista. Você faz isso não é só pra você, não adianta querer encubar que é, aliás, você é a última pessoa da lista para quem você está fazendo aquela cirurgia. Acho que você faz primeiro é para a outra pessoa do sexo oposto, é o seu objeto de cobiça. Depois é para a sociedade e, depois, para você. [...] (Rana).

Destaca-se aqui que o processo de apreender a beleza instituída da essência para aparência tornou-se uma realidade presente na vida dessa pessoa e demais participantes. Atender aos preceitos da sociedade, sentir-se mais segura, mais adequada ao igual para todos. As participantes seguem dizendo sobre as relevantes diferenças sentidas no corpo:

Ane

Significou muito. Fico mais à vontade, quebra aquela barreira da vergonha. Agora é normal. Muita gente fala: “Ah! Não fez diferença”. Mas eu vejo diferença, quebrou aquela timidez, eu estou ótima.

Eni

[...]Se você não estiver magra, você já está fora dos padrões de beleza.

Rana

A beleza é fundamental, um fator que conta a favor de você. A sociedade cobra, a mídia está cobrando que seja bela magra, escultural. A adolescente cresce vendo isso, vendo a mãe se produzindo.

As participantes destacaram a interessante forma de obtenção de satisfação pela realização do sentido da beleza pela aparência, apontando evidências da compreensão da mais-valia entre as mulheres, o que lhes desperta o interesse por essa opção da melhor aparência. O significado da beleza sugere uma concorrência na relação com o outro. Segundo Rana, a beleza “é fundamental, é um fator que conta a favor de você”.

Rana

A mulher é uma eterna concorrente entre si, não se veste para ela mesma, não se veste para os homens. Você sente o olho da concorrente vibrar. Satisfação tão grande, se você fez busto, você fez glúteo, você quer realçar a parte que você não tinha, e agora você quer exibir. Me satisfaz eu acho o olhar feminino. Antes, era mais uma ou menos uma, quando você faz cirurgia. Eu fiz glúteo e lipo. Então, antes você não é novidade, você trabalha, você é mais uma. Depois que você passa pela cirurgia, deixa de ser mais uma para ser “Ah!” uma que fez a cirurgia. Os holofotes viram para você. Você deixou de ser a ninguém. [...].

Também, há nessa fala a questão da exclusão dos que não aderem aos valores da beleza para a mulher contemporânea, na conformidade dos padrões estabelecidos socialmente. Em meio à família, há as cobranças do dia-a-dia, como dito por Lia: “A minha mãe nunca teve distinção entre eu e minha irmã: as duas são bonitas”. E mais: “no trabalho chega toda arrumada bonitinha e, se a outra chega de forma ‘desleixada’, a outra vai ser escolhida” (Lia).

São experiências que apontam as mudanças no corpo e no processo de expectativas de forma consciente. Que afirmam uma satisfação suposta, num percurso que se objetiva numa fala que internalizou a promessa de uma realização que agrega os valores esperados de beleza. Porém, nota-se que a esperada realização se transfere para uma nova oportunidade, ou seja, para uma nova cirurgia que será engendrada de forma recorrente. A seguinte fala de Lia revela a necessidade dessa nova cirurgia, pensando em ficar com um “corpo perfeito” coincidente com o padrão externo instituído na objetivação da participante:

Tinha mais gordurinhas localizadas. É melhor a gente querer ficar com o corpo perfeito. Mas, não foi lá essas coisas! Que eu acho que, na primeira lipo, você não consegue isso. Você só consegue quando faz a segunda. Eu tive amigas que fizeram a primeira e, só depois da segunda, que elas alcançaram o que elas queriam realmente. Mas é alcançar o corpo desejado por todo mundo. Nossa! a melhor coisa! É você faz uma lipo, aí todo mundo: “Ah!” Assim, não, gente que a gente não [...]. Como eu mudei para a cidade, o pessoal me vê em foto hoje, não acha, não sabe, não lembra que sou eu. Eu não era gorda, eu mudei três quilos, deu a diferença no meu peso. Mas agora eu já voltei, mas não voltei como era antes. Eu voltei mais certinha! Mas eu tinha muita gordurinha localizada, eu me sentia muito, ah! Eu não sei, eu não gostava. E aí, a melhor coisa foi quando todo mundo falou: Nossa! Você está diferente, nossa! Mas Goiânia te fez bem, heim!. Na verdade não foi Goiânia que me fez bem, foi eu ter feito a cirurgia plástica que aumentou a minha auto-estima e eu melhorei comigo mesma e eu passei a ser mais feliz por causa disso (Lia).

A aparência do corpo ganha importância não apenas na estrutura física, mas nos gestos. O visual do corpo, através do processo da cirurgia, se transforma perante o outro e, assim, a trajetória se orienta no sentido de fazer aquilo que “Todo mundo falou: Nossa!” (Lia) E mais: “Você está diferente, nossa!” (Lia). Essas falas evidenciam um estilo específico e particular de empreender e apreender uma condição especial, pautada no pensamento comum de atender a uma demanda de aparência ancorada em cobranças sociais externas.

E ainda, o “realizado” tornou-se um fato visto como fundamento para se alcançar tal sentido. Porém, é bom lembrar que a experiência das participantes na prática da

plástica, segundo as suas falas, foi também a garantia dessa condição específica, evidenciando-se fatos exclusivos quanto aos níveis de satisfação e bem-estar pessoal na relação com a sociedade. Nesse sentido, é possível afirmar que essas mulheres puderam expressar seus sentimentos sobre a busca da beleza passando por experiências heurísticas particulares, específicas delas, como o interesse por novas cirurgias.

Outro ponto de relevância desnuda sentimentos e supostos níveis de ansiedade, na demonstração da satisfação e auto-realização com conseqüente aumento da auto-estima. Os desejos recorrentes de novos procedimentos cirúrgicos são maioria entre as participantes. São novos desejos orientados por sentidos similares aos anteriores. O fato de submeterem-se à prática cirúrgica pode ser visto como sinal para outras, isto é, o sentido da prática tornou-se recorrente.

Com isso, torna-se evidente a permanência do desejo num trajeto ainda por se realizar. Pode-se dizer, nesse caso, que é como uma âncora que se faz presente na experiência da onda, cujo movimento [da onda] é sentido, porém registra-se apenas como uma passagem. No caso em questão, o sentido de beleza que se transforma na forma imediata de satisfação, pois, ao que tudo indica, é como o movimento da onda. No caso das participantes, essa “onda” de desejos de satisfação por mudanças no corpo passa com a prática cirúrgica.

É o desvendamento do processo veiculado pela força repressora externa ao instinto humano no mundo de relações, em razão das necessidades geradas pela socialização, que emana de uma tensão recorrente e incapaz de realizar os desejos em sua completude. Nesse trajeto de busca de satisfação pela beleza na realidade produziu-se um tipo de prazer caracterizado como imediato, pois as experiências apontaram para novas necessidades de intervenção no corpo.

Ana

Ele está preparando para novas cirurgias. Vou procurar não sair de uma lógica, vou procurar não me transformar, mas manter um padrão dentro do que eu acho que é aceitável. Então, estou sujeita.

Rana

A pessoa quando já fez uma cirurgia e que deu tudo certo, tem que pensar em outras, e nunca passa pela cabeça dela que vai dar errado. Se não tomar cuidado, você se torna um escravo da cirurgia plástica. Eu já vi muitos casos de artistas que são escravos da cirurgia plástica. Eu já vi depoimento da Grete que fala assim: “Eu não faço regime. Se precisar eu vou lá e tiro de novo”. Então é uma forma de tá incentivando a estar fazendo mais. Penso fazer mais: fazer uma lipo de abdômen ou colocar uma prótese de seios agora. Estar sempre buscando, achando que é pra mim e não só para a sociedade. É confortável achar que isso é pra mim. Sei que não é só pra mim. Estava num encontro, a menina falou: “A minha filha perguntou se você estava grávida!”

Que infeliz! Precisa usar óculos. Já vou para o espelho: “Fulano, vem cá. Eu vou fazer uma lipo de abdômen, fico perfeita”. Então agora estou amadurecendo essa idéia para amanhã. O padrão do corpo para amanhã é um abdômen liso (Rana).

A fala de Rana abaixo revela um certo encantamento, quando diz: “É maravilhoso!” (Rana) Expressa que a prática cirúrgica atende a uma expectativa esperada, algo que será realizado na conformidade às suas exigências: sentir o corpo modificado na objetivação de uma aparência estética que segue o espelho dos padrões externos. Nesse sentido, tem-se ainda as significações reveladas por Ane, que diz: “Quebra timidez [...] quebra barreira”.

Ane

A cirurgia significou muito! Fico mais à vontade, quebra aquela barreira da vergonha. Agora é normal. Muita gente fala: “Ah! Não fez diferença.” Mas eu vejo diferença: quebrou aquela timidez, eu estou ótima. [...] Entender mais sobre a beleza, novas técnicas, usufruir mais dela, aprofundar mais, fazer transformação, conhecer e ter mais interesse, querer mudar. Quero fazer outra, outra cirurgia, transformação.

Rana

É diferente, na prática, conversar com pessoa que realmente fez a cirurgia. Acho que todo mundo quer isso, todo mundo que está ali no corredor sabe que você vai fazer cirurgia plástica ou que já fez. Tem os pós-operados, os que vão fazer ainda, eles perguntam o tipo, pergunta: “O quê que levou a fazer, por que você fez? Custa quanto? É doloroso?” Vai te perguntando coisa que a revista não te mostra, que eu também buscava muito artigo de revista, matéria. Mas não é a mesma coisa. Se você dá de cara com uma pessoa que fez, é maravilhoso! No meu caso era prótese de glúteo. Eu não tinha achado ninguém que tinha feito. Eu ficava meio assim, com um medo de fazer.

A expressão subjetiva e particular é instituída como dimensão da imagem internalizada da dinâmica das instâncias sociais, inseridas na historicidade da cultura. Com isso, emerge uma forma de inserção das participantes numa realidade exclusiva, com uma vivência particular e especial sobre o sentido da beleza, que se agrega a uma forma de “satisfação”, uma experiência ímpar, por ser capaz de realizar uma prática específica de beleza particular. Assim, as mudanças no corpo pelo efeito da cirurgia engendram expressões imanentes de suposta negação das formas naturais do corpo. São fatores instituídos em cada particularidade, que retratam uma submissão a transformações compreendidas como “radicais”, que somente foram possíveis mediante o ato cirúrgico. Como expressou Bia, os meios de comunicações produzem o sentido de beleza, “radicalizam a beleza”. O sentido imanente da instância externa é capaz de estruturar

uma expressão singular internalizada por mediações. Com isso, produz objetivações nos indivíduos e, possivelmente, ao serem subjetivadas, reproduzem tais efeitos.

Dessa forma, a vivência do processo cirúrgico desvela a caracterização de possibilidades diferenciadas entre elas, pelo ato em si, como necessárias nas relações diárias dos indivíduos, ou seja:

Ani

Quando a pessoa não está se sentindo bem, ela tem que fazer. Se não acaba te afetando, afetando socialmente, familiarmente. A gente tem que estar buscando. Se não está satisfeita com alguma coisa com o seu corpo, tem que tentar melhorar. Isso não está errado. Se precisar eu faria outra cirurgia. Não tenho medo. O médico me passou muita confiança (Ani).

Eni

[...] Não precisa ser nova; tem que estar magra. Nas revistas, você não acha pessoas gordas. Estar na moda: todo mundo magro. Se vão para academia, são corpos malhados ou fizeram alguma cirurgia. [...] Estar magra, se não altera o humor. Pensa na idade, cobranças, corpo bonito, cuidar de tudo: pele, cabelo, uma série de fatores.

Ana

[...] a mãe fala que tá bonito, a vó fala que tá bonito, a imã fala que tá bonito, os amigos mais próximos falam que está bonito, a gente chega à conclusão que realmente para eles está bonito. Pra mim também estava então ótimo. Fiquei satisfeita. Não sei qual seria a relação com outro se talvez houvesse muitas críticas talvez. Na minha cirurgia, existiram pessoas que não falaram nada. Existiram pessoas que falaram que não ficou bom, existiram pessoas que falaram que ficou ótimo. Então, é mais uma questão pessoal. Eu acho que você é que tem que se olhar e falar se gostou ou não gostou. A partir daí, sabe, as outras coisas são secundárias. Você fez em você, você não faz para os outros, você faz para você.

3.3.2. O sentido da beleza: a relação com a auto-estima

Na pesquisa, observou-se que o sentido de beleza é histórico e atual, e tem suas envergaduras no mundo moderno, subjetivados nos moldes das instâncias sociais que instituem cobranças variadas aos indivíduos. Isto é, são construções “impostas” por mediadores inseridos na cultura: o sujeito se desvela pelo sentido “sujeitado” ao domínio de sua singularidade pelas regras externas, como supostas imposições que engendram promessas de satisfação e bem-estar particulares, para elevação da auto-estima das pessoas:

Ani

A beleza é importante. Não se sentir bela, a sua auto-estima cai muito, não se sente bem. Tudo que você faz você acha que vai dar errado. Se sente feia, acaba se retraindo; se sente excluída, não quer sair para outros locais, não se sente bela, fica distante da sociedade, do meio e das outras coisas. [...]Auto-estima estava muito baixa: eu engordei muito, porque eu estava numa idade

mais [...] Eu acho que está muito relacionado. Acho que estou horrível, sentindo a pior mulher do mundo [...] (Ani).

Ana

Mais auto-confiante com certeza. [...] Importantíssimo: discrepância fisicamente, não é só física, falta de auto-confiança, infelicidade por se achar feio. Faz alteração. É como se tivesse nascido de novo [...]

Lia

Depois que eu fiz a lipo, todo mundo me elogiava, todo mundo falava: “Ah! Nossa, a [...] está bonita, está gata, está isso aquilo”. Mas agora, vamos dizer que eu estou meio termo. Por incrível que pareça, eu ainda estou conseguindo alcançar os meus objetivos com relação aos homens. [...] Você achar que você está feia acaba com a vida da gente [...]

Nesse sentido, o processo de sujeição torna real a expressão de beleza originária daquilo que está idealizado como sentido instituído em cada singularidade, objetivado para elevação da auto-estima, mesmo que através de meios contrários à autonomia:

Ane

Olhar no espelho, e se sentir que está bem. Se discordar, corrigir os defeitos. Se achar que não tá legal, mexer é bom. A auto-estima eleva muito [...]

Ana

Ele está preparando para novas cirurgias. Vou procurar não sair de uma lógica, vou procurar não me transformar, mas manter um padrão dentro do que eu acho que é aceitável. Então, estou sujeita.

Lea

Imposição da sociedade, cobranças por um corpo escultural, um corpo bonito. Seios fartos e durinhos, bumbum rebitado, pernas coxas grossas. [...]

Eni

Estar magra, se não altera o humor. Pensa na idade, cobranças, corpo bonito [...]

Rana

[...]Se você é suficiente para quebrar essa barreira de cobrança, esse padrão que a sociedade gerou, você vai se sentir bem.

Se se considera o indivíduo em seu processo psíquico, instituído por sentimentos diversos, pode-se destacar nas falas alguma incerteza sobre o sentido da beleza, que se traduz ora como beleza em si, na essência pensada do ser, portadora da condição humana, ora na aparência do bonito, uma produção da cultura. Em meio às contradições sobre o sentido da beleza no mundo contemporâneo, o belo se reduziu ao bonito.

Como vimos, a valorização da beleza na visão contemporânea inclui a importância do mundo tecnificado. Tem-se o seu valor pensado na aparência da boa imagem externa, do igual ao outro, em desvalia ao mundo da criação, caindo a idéia de construção social da beleza como essência e funcionando na prática aquela que é vista como fator que produz e reproduz o aumento da auto-estima, na imanência do imediato.

A produção da cultura contemporânea refere-se à escala “serial” do igual e pode-se traduzir nos desejos das participantes em relação ao bonito, efeito dos modelos de

padronização dos valores de “beleza” instituídos. Despertados tais desejos, elas se incluem no “conjunto” daquelas que participam do processo e se sentem aceitas socialmente. Por isso, supõe-se que optam pela resposta rápida, aquela “imediate” para uma satisfação cujo tempo de duração não mais terá valor no estilo de uma beleza pensada como a que transcende no tempo, a beleza kantiana, a do bem, aquela que tem valia em si e transcende gerações, ao contrário da racionalidade instituída pela técnica da produção rápida de efeitos. O trabalho manual perde seu espaço para o da técnica, em que sobrevive o trabalho objetivado no produto como abstração da beleza suposta. Rendendo-se, nesse caso, tributos ao processo de alienação do indivíduo.

Ani

A sociedade, a cultura cobra muito. Se não seguir o padrão de beleza, as pessoas se sentem assim meio excluídas da sociedade

Eni

Tem que estar magro e não pode estar flácida. Você vê nas revistas, na televisão aquelas manequins, faz comparação e cobrança daquele padrão de beleza. [...]

Rana

[...] você se enquadra nesse padrão de beleza. A sociedade vende desde pequena [...] Acho que ninguém passaria por isso, se não tivesse esse padrão tão cobrado assim de beleza.

É um ciclo vicioso e você está dentro e não percebe. Sinto aprisionada pelo padrão [...]

Refere-se a um padrão oriundo da subjetividade formada na sociedade, internalizada pelo indivíduo numa construção psíquica nas relações com o outro. Portanto, não é engendrada por um sentido que seja capaz de orientar-se pela crítica e, assim, é desprovida de autonomia. Dessa forma é que há a prioridade do sentido da beleza espelhado pela atenção aos cuidados do corpo, porém sustentada pela cobrança do meio externo, internalizada por um ego fragilizado, portanto, no domínio de instâncias mediadoras.

É uma compreensão de sentido de beleza que tem os seus parâmetros nos olhares da sociedade, sustentados por regras fundamentais e orientadas pela não-identidade própria, revelando um caráter de negatividade em si e, por isso, de sujeição do indivíduo ancorado numa expressão de beleza sustentada em uma lógica própria, que ele identifica em si mesmo, na conformação com a lógica da universalidade da cultura. Isto é, trata-se do sentido de beleza que parte da “imposição da sociedade”. Lea exclui e inclui o indivíduo no meio social. É um sentido de beleza dominado por valores socioculturais, com orientação do meio externo, à revelia do caráter de autonomia do indivíduo.

Os fatos referidos nas falas a seguir sustentam a relevância do “ter” a aparência, em detrimento do “ser” enquanto essência, afirmando possíveis inseguranças de alcançar satisfação na razão da boa aparência.

Lea

[...] Dá para apavorar. Até ontem eu me olhei no espelho! Sabe, quando você faz essa expressão de sorrir, vê umas marcas na testa, um pezinho de galinha. tem essa preocupação de ficar mais velha.

Bia

Influenciam muito como você vai ser tratada. Beleza externa inferior a outra é tratada sem muito interesse. A pessoa dá mais atenção, quando a aparência é um pouco melhor. Existe o diferencial no meio de outras pessoas. A sociedade te recebe com mais cuidados

Ane

Eu melhorei o meu ânimo, meu desempenho com as pessoas, meu convívio. A experiência da cirurgia foi boa, quebrou minha timidez. Para mim, foi espetacular. É fundamental, você se sentir bem! Se você tem alguma coisa que te incomoda e possa mudar, faça. É muito bom você estar de bem consigo mesma, no sentido da beleza do físico, da estética [...].

Destaca-se o sentido da auto-estima alta ou baixa, uma forte ligação com o meio sociocultural, subjetivado em cada objetividade como necessidade de demanda passada às participantes como importante para a relação cotidiana junto à sociedade, na relação com instâncias mediadoras, família, trabalho e outros meios da cultura, que passam a idéia de ser bonita para ser mulher perfeita e quebrar a corrente de cobranças feitas pelos meios externos, e ser aceita no grupo em que vive:

Ana

[...] Tinham críticas das mulheres, mais da família. A família tem aquele negócio de falar: “É igual de todo mundo da família”. [...]

Lia

Para arrumar um trabalho, deve ter uma fisionomia, não necessariamente bela, mas bem arrumada.

3.3.3. O sentido da beleza: As instâncias sociais (família, trabalho, indústria cultural, entre outras) e as mediações psico-sociais

Verificou-se, nas entrevistas em geral, a importância das instâncias mediadoras para significar o sentido de beleza para a mulher. Família, trabalho, indústria cultural, entre outras, em meio à cultura, foram considerados suportes constitutivos na estruturação psíquica das pessoas, revelando um aprendizado sobre esse sentido, que sugere uma atenção especial ao corpo, uma idealização de beleza instituída por conceitos

alheios, apontando-a como necessidade *a priori* do indivíduo, visto que será objetivada e subjetivada por ele pela mediação das instâncias culturais.

Ana

Religião, trabalho, todos os meios, a comunicação como principal, a sociedade, *internet*, jornais, televisão, rádio.

[...] Tinham críticas das mulheres, mais da família. A família tem aquele negócio de falar: “É igual de todo mundo da família”. Não estava me agradando.

Ani

Família, sociedade e trabalho.

Eni

Na mídia, na revista, tem muita cobrança. [...] A mídia é a que mais contribui para as pessoas se cobrarem.

Lia

Influencia muito as pessoas. Mulher não muito bonita, mas famosa, fica linda, através da mídia. A comunicação entre amigos influencia.

Rana

É bombástico. A mídia está em cima, produz o que você não tem necessidade nenhuma de adquirir, é massacrante o mundo capitalista, faz dinheiro. A beleza é uma indústria de dinheiro. É fundamental, a bomba atômica da beleza, os meios de comunicação. O corpo a corpo, por telefone, oferecendo produtos para emagrecer, usam estratégias.

Os laços da família são vistos como fator de importância, pelo fato de que se tem neles a primeira experiência de vida, que organiza e estrutura as primeiras fases da psique, e a conhecer os movimentos de seus pares para se instituir na sociedade.

Rana

Alavanca propulsora, gera constante necessidade de ser belo, esse meio cultural. Cobrança massiva desde bebezinho.

[...] a sociedade cobra, a mídia está cobrando que seja bela, magra, escultural. A adolescente cresce vendo isso, vendo a mãe se produzindo.

Lia

As pessoas aprendem a conviver com as pessoas belas! O meio onde você vive influencia.

Assim, a família consolida-se como forte mediadora da subjetividade das pessoas que buscam a significação da boa aparência para serem acolhidas pelo seu meio. A família é uma forma de preencher os quesitos de cobrança de padrão de beleza. Nas afirmativas das participantes, surgem: “boa formação física” (Ana), “preenchimento do ego” (Ane) “é fundamental. É um fator que conta a favor de você. A sociedade cobra, a mídia, que seja bela, magra, escultural” (Rana) “A gente sente bem”.

Rana

[...] devido a esse massacre de padrão de beleza, eu achava que se alinhasse ele mais um pouquinho dentro desse padrão, eu ia me aceitar mais ou gostar

mais de mim. Eu era bem magrinha, Se você não era perfeito escultural, tem que ser magra (Rana).

Eni

Estar magra, se não altera o humor. Pensa na idade, cobranças, corpo bonito, cuidar de tudo: pele, cabelo, uma série de fatores.

Lia

Coisa que todo mundo olha: beleza exterior, por fora. Pessoa não interessante por fora, mas bela por dentro, boa de coração.

Ani

A pessoa se sentir bem com ela mesma, se sente bonita. Belo para você não para outras pessoas.

Ana

É um estado de espírito. Boa formação física, conjunto de fatores que torna o belo, físico e emocional, o bem-estar do ser. Pode se tornar belo ou não.

Ane

É o preenchimento do ego.

Bia

Coisa muito importante: todas as belezas são lindas. A gente sente bem.

Apresentar-se na exterioridade da imagem do corpo, identificada com as necessidades inseridas nas mediações referidas, faz com que a universalidade sobre o sentido do belo, que tem a sua *práxis* particular no sentido de beleza na sua essência, seja trocado pela necessidade de aprovação do meio social.

Ani

[...] Se você não é bonita, acaba sendo excluída de certos círculos de amigos. As pessoas não te excluem, mas você se sente excluída porque não tem um certo padrão de beleza que aquelas pessoas têm.

Rana

Seja num churrasco em família ou batizado, uma orquestra, todo mundo está te olhando, no *shopping*. Eu sempre gosto de observar as pessoas no *shopping*. A sociedade está sempre ligada em você, como está se comportando [...] tudo está girando em torno da beleza encubada. No casamento, você pergunta: “Quem é aquele bonitão? Aquela gorda?” Feio ou bonito demais chamou a atenção. Se a mulher soubesse assustaria [...] você nem percebe que está nesse ciclo vicioso da beleza.

Ane

O trabalho te cobra muito. A pessoa vê a necessidade de mexer aqui, mexer ali. Porém, acredito que a família cobra mais. Melhora o visual, ocorre mudanças em meu corpo pra me sentir bem.

[...] Entender mais sobre a beleza, novas técnicas, usufruir mais dela, aprofundar mais, fazer transformação, conhecer e ter mais interesse, querer mudar. Fazer outra, outra cirurgia, transformação.

Bia

[...] às vezes, as pessoas querem fazer uma coisa que elas não podem fazer. A gente tenta mudar a beleza, radicalizar na beleza. Pode melhorar, mas não tem como ser outra pessoa. Os meios de comunicações passam os valores errados; elas se enganam. Também dão as oportunidades para a pessoa “melhorar”. O financeiro também influencia muito. O milagre da tecnologia, tudo científica, frustrações, promessas, coisa maravilhosa para alguns, aprimorar o corpo, vontade. Depressão, porque não tem condições. (Bia).

No mundo moderno, pensar uma lógica para o sentido de beleza supõe pensar na dominação da indústria tecnificada, que adere à possibilidade de o indivíduo não pensar, na sujeição de sua autonomia. Na realidade limítrofe expressada na fala das participantes sobre o processo de adesão ou busca do sentido de beleza “editado” pela sociedade atual, forma-se o estilo fundamental dessa lógica em si, internalizada como capaz gerar cobranças, porém com a “receita” de fazê-las sentirem-se “bem [...] satisfeitas”, ao ser possível adquirir o que está à venda: o padrão de beleza suposto.

Rana

Harmonia, cobrança da sociedade. Se você é suficiente para quebrar essa barreira de cobrança, esse padrão que a sociedade gerou, você vai se sentir bem. Ser alta, magra, bunduda, cintura fina, seios grandes, romper esse padrão é essencial. Buscar essa harmonia para se sentir satisfeita. Vendem um padrão de beleza

[...] alcançar esse padrão. Você quebra essa corrente que a sociedade te cerca, é maravilhoso, é perfeito! Cobranças, cirurgia, satisfação pessoal, não pela sociedade. Isso é um peso maçante. A mídia não permite libertar da opressão da beleza. Libertar dessa opressão da beleza, a mídia não permite isso, vendem a idéia para você ser bela. Precisa disso e daquilo, desde pequeninha vem ouvindo isso. Fica difícil dizer agora que não vou ouvir isso. Não me importo com que os outros digam! O padrão de beleza consigo mesma é você se aceitar.

A fala de Rana, inclusive, revela um pensamento contraditório, por referir-se a uma subjetividade atravessada pela “fruição” que dá significado a valores inseridos no meio sociocultural atual, ao mesmo tempo que diz de uma satisfação que “não é pela sociedade”, mas é “pessoal”. Que a mídia não liberta da opressão da beleza por vender essa idéia, ou seja, aderir ao sentido oriundo do meio. Porém, existe a capacidade de alcançar o citado padrão e quebrar “essa corrente: “Você é suficiente para quebrar essa barreira de cobrança gerada pela sociedade para se sentir bem”.

Contudo, o sentido de autonomia dessas pessoas é comprometido, porque cumprir os desejos de “beleza”, “buscar essa harmonia” estão em troca de um suposto sentimento de satisfação, evidenciado nas cobranças pelo padrão de beleza. O pensamento do sujeito é dominado pelas aparências, que o revelam em busca de um desejo que tem um fim em si mesmo, “padrão”, portanto, sem a fruição em si.

Nesse sentido, as participantes revelaram também que a impossibilidade de a realização de tais desejos, no caso do corpo, não atender aos quesitos sociais padronizados gera a depressão, a auto-estima rebaixada, por tornarem-nas “improdutivas”. E mais: sentem-se “desamparadas”, excluídas:

Ani

É importante” Não se sentir belo, a sua auto-estima cai muito. Não se sente bem. Tudo que você faz você acha que vai dar errado, se sente feia, acaba se retraindo. Se sente excluída, não quer sair para outros locais, não se sente bela. Fica distante da sociedade, do meio e das outras coisas.

Assim, confirma-se a sujeição do indivíduo à sua vontade para atender às imposições sociais. As instâncias tornaram-se instituídas na particularidade das participantes, conforme a seguir.

Bia

Os valores culturais e sociais sobre a beleza influenciam muito como você vai ser tratada. Beleza externa inferior, a outra é tratada sem muito interesse. A pessoa dá mais atenção, quando a aparência é um pouco melhor. Existe o diferencial no meio de outras pessoas. A sociedade te recebe com mais cuidados. A beleza externa tem menos valor se a pessoa tiver cultura.

Lea

Sobre os valores socioculturais no quesito da beleza: oferecem emagrecimentos fantásticos. A mídia está em cima. O padrão de beleza é ser aceito pela sociedade.

Moldar o corpo como deveria ser, melhorar fisicamente e psicologicamente, melhorar o astral, ser satisfeita com o corpo. Ajudar no meu relacionamento com o meu marido, em tudo. Tirar a gordura das costas, ganhar outra mulher, ser a pessoa mais feliz, fazer correção na orelha.

Ani

O sentido de beleza constitui-se: na família - ela te dá os padrões de beleza - na sociedade, com os amigos.

O que se observa, portanto, é uma ordem de cobranças externas subjetivadas, demonstradas pela busca do imediatismo, pela imagem da boa aparência, que se transforma na representação da imagem do corpo, pautada pela competição entre as mulheres, pelo valor da melhor aparência, para atender às cobranças sociais.

Rana

A mulher é uma eterna concorrente entre si. Não se veste para ela mesma, não se veste para que os homens. Você sente o olho da concorrente vibrar. Satisfação tão grande, se você fez busto, você fez glúteo. Você quer realçar a parte que você não tinha, e agora você quer exibir. Me satisfaz eu acho, o olhar feminino. Antes da cirurgia, era mais uma ou menos uma. Quando você faz cirurgia. eu fiz glúteo e lipo, então antes você não é novidade, você trabalha, você é mais um. Depois que você passa pela cirurgia, deixa de ser mais uma para ser ah! uma que fez a cirurgia. Os holofotes viram para você, você deixou de ser a ninguém. Se você não nasceu com natureza que te proporciona isso é que vai atrás disso. O antes é uma coisa totalmente diferente do depois. É assim super-diferente. Despertam outros sentimentos nas pessoas, chama a atenção das pessoas de ambos os sexos.

Ao pensar que a possibilidade de fazer igual ao outro está cada vez mais instituída pelos fatores sociais, na possibilidade de competir com a imagem do outro, a aparência aumenta a possibilidade da suposta eliminação da diferença entre as pessoas, fato que motiva o sujeito a aderir ao igual. Dessa forma, pode-se pensar que é o fato da angústia gerada pela diferença entre os indivíduos que engendra as motivações pela conquista de mudanças, ao serem despertados sobre as representações de tais diferenças entre as aparências.

Os relatos de Bia referem-se ao significado de beleza como sendo “coisa muito importante [...] a pessoa dá mais atenção [...] quando a aparência é um pouco melhor [...] é um trem muito abstrato”. Estão revelando um fator que aponta a incompreensão sobre o belo na sua essência. Dizem ser uma “abstração”. Já Lea prefere se espelhar e apoderar, na prática, de um procedimento que a seduz pela beleza de “uma boa aparência”. Com isso, essas falas particulares e subjetivadas pelos valores da beleza em padrões sociais sustentam formas aparentes voltadas para o imediatismo, que contradiz a essência, apenas para atender à vontade de bem-estar, apesar de passageiro.

Ane

Entender mais sobre a beleza, novas técnicas, usufruir mais dela, aprofundar mais, fazer transformação, conhecer e ter mais interesse, querer mudar. Fazer outra, outra cirurgia, transformação.

Nesse sentido, a indústria cultural é fator de relevância no processo, que engendra a publicidade como constituinte da era da produção instrumental. Revela a era da velocidade e impõe a substituição de produtos de maneira muito rápida, num ciclo de transformação que passa por um processo de troca eminente. Assim, o produto, mesmo antes de seu tempo “normal” de vida útil, é substituído por outro, passando por produto velho em razão de ter sido substituído pelo fetiche do mais novo, o modelo do momento.

Rana

Dois coisas diferentes: o que a pessoa é e o que ela gostaria de ser. A imagem vai de como a pessoa olha. Então, beleza do corpo vai do que você gosta, de fetiches que você tem. Tem gente que gosta do magro, ou do fofo, ou do baixo, do alto. Não tem o mesmo padrão. Vai de como os seus olhos enxergam o físico.

O sujeito é despertado pela necessidade de atender às promessas da “aparência” vista como a garantia da “beleza ideal”, ou seja, é o sentido capaz de conduzir o sujeito

ao desprezo pelo corpo “velho”, pois uma nova roupagem está posta, instituída com a promessa do melhor, que se sustenta na idéia de resistir ao tempo ou caracterizá-lo de maneira a engendrar decisões de modelar o corpo de forma tecnicada.

Rana

[...] eu queria gostar dele mais. Devido a esse massacre de padrão de beleza, eu achava que, se alinhasse ele mais um pouquinho dentro desse padrão, eu ia me aceitar mais ou gostar mais de mim. Eu era bem magrinha. Se você não era perfeito, escultural, tem que ser magra. Não pode ser gordo. Magro é aceito, como eu era aceita. Aquilo era harmônico. Então, quando eu fui envelhecendo na adolescência, me dei bem.

Na afirmação de Adorno e Horkheimer (1985) sobre a compulsão do imediato na instância da cultura da publicidade da era da produção industrial em série, pode-se pensar que se impõe a substituição do produto velho pelo fetiche do novo, ou seja, aquilo que ainda não envelheceu. Porém, o produto torna-se obsoleto rapidamente. Essa é a exata significação passada pelas participantes quando expressam sua vontade de realização da cirurgia plástica estética, pensando nisso como algo próximo do modelo aceito pela sociedade, que será a garantia da satisfação objetivada na abstrata relação de felicidade, num suposto encontro do ideal de beleza, que se aprende no meio cultural.

Lia

Tem uns reparos: eu fiz lipo no abdômen, no culote, aqui no braço. Eu acho meu braço muito grande. Eu tenho uma estrutura muito grande. Tirei a gordura dos lugares e preenchi uns buraquinhos que estava no bumbum, no glúteo e aqui atrás, essas caixinhas de som que são insuportáveis. Mas quero fazer nas costas, porque eu não fiz nas costas e parece que a minha gordura toda do corpo, onde eu tinha que engordar, engordei mais nas costas. Se eu puder, eu vou fazer no corpo inteiro de novo, só pra consertar o que não ficou do jeito que eu queria e complementar.

A entrevistada explicita-se também de forma contraditória. Por um lado, quer-se a obtenção de bem-estar, satisfação e, de outro, os sentimentos que condicionam a uma nova submissão, na vertente da insatisfação e do desejo de outra plástica. Confirma-se, assim, em razão da permanência e da recorrência dos desejos, um processo de domínio subjetivado pela abstração do meio cultural, exercendo forte presença nos valores da singularidade dos indivíduos.

E também confirmam esses fatos aquilo que Berger e Luckman (2003, p. 205) disseram sobre o indivíduo diante do outro. Ou seja, a experiência de passar por um

momento inicial de desconforto, com a conseqüente necessidade de organizar-se em grupo para a comunicação, e, numa expressão de linguagem consciente, ser capaz de objetivações, ainda que supostamente contaminadas por processos de desejos alienados.

Lea

Valorizam a beleza muito. Mulheres lindas em capas de revistas oferecem emagrecimentos fantásticos. A mídia tá muito em cima. O padrão de beleza é ser aceito pela sociedade.

Ana

A comunidade propaga a idéia e isso vira uma epidemia. A sociedade tem uma tendência de impor a beleza, através da mídia, com influências para isso.

Eni

Na mídia, na revista, tem muita cobrança. [...] A mídia é a que mais contribui para as pessoas se cobrarem.

Lia

Influencia muito as pessoas. Mulher não muito bonita, mas é famosa, fica linda através da mídia. A comunicação entre amigos influencia.

Rana

É bombástico! A mídia está em cima, produz o que você não tem necessidade nenhuma de adquirir. É massacrante o mundo capitalista, faz dinheiro. A beleza é uma indústria de dinheiro. É fundamental à bomba atômica da beleza os meios de comunicação. O corpo a corpo, por telefone, oferecendo produtos para emagrecer. Usam estratégias.

São significações de beleza espelhadas na mídia e nas cobranças da sociedade pelas formas “esculturais” do corpo. As mulheres participantes dizem, em específico na citação de Rana, que a beleza “conta a favor”. Assim, objetivam-se nos preceitos sociais para garantir uma beleza suposta pelas instâncias externas.

Por isso, há a contradição que aponta para o bem-estar pessoal, ao mesmo tempo em que, sabe-se, este bem-estar deve seguir exigências básicas do meio, seja da mídia ou da sociedade. Por exemplo: “ser magra”, referindo-se a uma forma abstrata de boa aparência.

Nessa possibilidade, pode-se dizer que o indivíduo revela, nos tempos atuais, aquilo que foi anunciado por Freud (1930/1996, p. 87): “não cria uma armadura impenetrável contra as investidas do destino, e habitualmente falha, quando a fonte do sofrimento é o próprio corpo da pessoa”. Assim as falas seguintes:

Rana

O fator principal para eu buscar essa mudança física foi a separação. Eu precisava de uma arma a mais para concorrer com o padrão belo, que eu não fazia parte mais. Foi a principal coisa que me levou a pensar na cirurgia, na concorrência. Eu gostava do meu corpo antes, mesmo magra. Agora, um pouco mais.

Lea

[...] a gente tem que trabalhar e falar não adianta. Vamos ficar flácidas, sinto isso. Não vou ter mais aquela carne durinha, aquele mesmo riso que a minha menina tem, que a menina de vinte e poucos anos tem. Tem que se aceitar, tudo tem que aceitar.

Essa diversidade de sentidos contemporâneos de beleza anuncia uma característica precoce de envelhecimento, um fato inédito de corrida contra o tempo, que em parte se apresenta como elemento que sustenta a motivação da cirurgia, como aponta a fala de Rana, “envelhecendo na adolescência”. Ou na motivação de usar o processo cirúrgico como uma “arma”, em nome da competição por uma boa forma física, para cobrir um possível desencontro nas relações, uma espécie de harmonia pensada no sentido do corpo magro, acompanhado da cobrança de seu envelhecimento a partir da adolescência. Rana diz:

Rana

[...] Ontem, eu gostava, eu queria gostar dele mais. Devido a esse massacre de padrão de beleza, eu achava que, se alinhasse ele mais um pouquinho dentro desse padrão, eu ia me aceitar mais ou gostar mais de mim. Eu era bem magrinha. Se você não era perfeito, escultural, tem que ser magra. Não pode ser gordo. Magro é aceito, como eu era aceita. Aquilo era harmônico. Então, quando eu fui envelhecendo na adolescência, me dei bem. [...] O fator principal para eu buscar essa mudança física foi a separação. Eu precisava de uma arma a mais para concorrer com o padrão belo

Bia

[...] A pessoa dá mais atenção quando a aparência é um pouco melhor. Existe o diferencial no meio de outras pessoas. A sociedade te recebe com mais cuidados.

Ane

[...] Se tem alguma coisa de incomodando e você pode mexer, mexa. É a academia que vai resolver? Malhe. [...] tem que satisfazer a gente. E com certeza vai irradiar o ambiente que a gente está. [...]

[...] Eu quero mexer onde for preciso futuramente, onde eu achar que começou me incomodar.

Assim, trata-se de uma incapacidade de obter experiências de essência, de constituir o sentido de fruição psíquica para investir no desenvolvimento de independência ou autonomia. Ao contrário, há um processo de alienação, de sujeição ao domínio sociocultural.

Eni

A mulher tem que se cuidar, não pode deixar ficar feia. A idade chega. Tem que lutar contra o tempo e contra as coisas. A gente vive nisso, nessa cobrança da beleza. A mulher tem que estar magra para entrar nos padrões.

Lia

Para arrumar um trabalho, deve ter uma fisionomia, não necessariamente bela, mas bem arrumada. Ser muito inteligente ou bem conceituada, ou então ter várias faculdades, não é o suficiente.

Ani

A sociedade, a cultura cobra muito. Se não seguir o padrão de beleza, a pessoas se sentem assim meio excluídas da sociedade.

Isto posto, inferem-se conceitos idealizados e subjetivados nos padrões de aparência, que contradizem o feio pensando o bonito, o desejo do “igual” ao outro, para ser aceito no meio social. Indicam uma situação contraditória, uma medida subjetiva que segue a ordem da razão instrumental pautada por regras referidas a forças externas e às particularidades de cada um, cuja objetivação está confirmada pelas mediações da sociedade.

Eni

Há cobrança em todos esses setores. Cobranças da família: Tem que cuidar da pele, do corpo, tem que emagrecer. No trabalho, tem que estar sempre muito bem; deve ter uma boa aparência, sempre elegante, não ficar com a impressão de desleixo.

Ani

Na família, ela te dá os padrões de beleza. Na sociedade, com os seus amigos.

Ana

A comunidade propaga a idéia e isso vira uma epidemia. A sociedade tem uma tendência de impor a beleza através da mídia, com influências para isso.

Ane

O trabalho te cobra muito. A pessoa vê a necessidade de mexer aqui, mexer ali. Porém, acredito que a família cobra mais. Melhora o visual, ocorre mudanças em meu corpo pra me sentir bem.

Rana

A pessoa é um fruto da sociedade. O ser humano é sociável, esse meio não o acolhe. Os valores da beleza vão se agregando às cobranças pelo segmento do padrão de beleza. O feio não é aceito no meio social. Criança que é feia, a tia não a beija. Na creche, no trabalho, é importante. Estando fora do padrão de beleza, não é contratado ou promovido aos melhores cargos.

Bia

É complexo. União da família se torna bela, a harmonia, a pessoa sadia. As pessoas mais gordinhas são criticadas pela família, ela faz piadinhas.

Lia

A pessoa se torna bela, pode ser pela família, pode ser por tudo. A gente transforma a beleza. Não é só o corpo, o interior. A gente adquire em vários lugares essa forma de pensar, de agir, seja na escola, na família, tendo uma religião.

Esses relatos refletem-se a um projeto de trabalho que emerge de um processo de produção, que inverte o processo de fruição, que responde à lógica da razão técnica: a “beleza” pensada através de transformações do corpo em sua imediatividade. A produção descaracteriza o aspecto da criação em sua essência, ou seja, traduz um trabalho que

pretende uma suposta transformação. No caso da escultura, “corpo escultural”, como diz Lea, produz-se um molde voltado para o aspecto da forma de uma mercadoria reproduzida: o “corpo escultural” engendra-se pela aparência.

Lea

[...] Corpo escultural, corpo bonito. Seios fartos e durinhos, bumbum rebitado, pernas coxas grossas [...].

As formas do corpo são retratadas em “molde”. Pode-se tratar de uma apropriação do objeto, o produto “escultura”, no sentido de uma cópia reproduzida de uma imagem oriunda de uma outra original, modelo de um padrão já existente, referenciado como bonito em oposição ao feio: “o que não tem nada a ver com o que deveria ser” (Lea). O que deveria ser é o padrão estabelecido pelas regras externas ao indivíduo e, portanto, alheias aos seus sentidos críticos.

Ani

Quando a pessoa não está se sentindo bem, ela tem que fazer. Se não acaba te afetando, afetando socialmente, familiarmente. A gente tem que estar buscando. Se não está satisfeita com alguma coisa com o seu corpo, tem que tentar melhorar. Isso não está errado. Se precisar, eu faria outra cirurgia. Não tenho medo O médico me passou muita confiança.

[...] É muito importante. Muda o padrão de beleza, conhecem novas fórmulas, novas técnicas, busca a beleza a partir de novas tecnologias.

Eni

Quilinhos a mais: Se você não tiver magra, você já está fora dos padrões de beleza. Não precisa ser nova; tem que estar magra. Nas revistas, você não acha pessoas gordas. Estar na moda, todo mundo magro: vão para academia, são corpos malhados ou fizeram alguma cirurgia.

Dessa forma, é uma situação de sujeição. As participantes se submetem a uma abstração que segue regras “impostas”, em que a essência cede lugar à aparência. É o mesmo que dizer: as participantes se incluem sob o domínio de um sentido, uma razão que cria necessidades dominadas pela indústria, empenhadas como dever de “apropriação” particular de cada uma que realizou a cirurgia plástica a partir de um modelo “imposto” por um padrão estabelecido e apreendido na cultura.

Lea

Valorizam a beleza muito. Mulheres lindas em capas de revistas oferecem emagrecimentos fantásticos. A mídia tá muito em cima. O padrão de beleza é ser aceito pela sociedade

Ane

Não se sentir exagerada, não ter banha em excesso, não se sentir pesada. Não passar da sua medida. Vestir uma roupa e se sentir bem.

Rana

[...] todo mundo está te olhando, no *shopping* [...] A sociedade está sempre ligada em você [...]

É o lugar do bonito que realiza um preceito de “beleza”, objetivado pela sedução de se identificar às regras sociais com critérios estabelecidos e subjetivados pelo consumo. Promessa feita a quem, com a experiência da cirurgia plástica estética, busca por tais “benefícios” em razão de cobranças experimentadas.

Eni

É um benefício procurar uma cirurgia, procurar melhorar na sua vida pessoal, na auto-estima, na relação com os outros. É uma coisa muito boa. Tem que estar procurando o belo.

Ana

O padrão não pode ser o perfil perfeito que era o de Apolo. Para nós, brasileiros, hoje, os lábios bem grossos, que é bonito, o belo é isso. Lábio fino hoje não é bonito. Então essa questão de o que eu acho belo é muito importante saber o que que é que o paciente está buscando.

Rana

[...] ele achou bonito ou comprou aquele padrão de beleza para ele. Se a gente conseguisse se libertar disso

Bia

É algo bonito, é olhar para uma coisa e achar ela linda.

Essa “produção de beleza” através da mimese ou do processo de sublimar os desejos no senso estético faz do corpo um objeto incorporado e pensado como constituinte do processo de produção. O corpo é visto como se fosse coisa, com procedimentos que apontam para o esquecimento do humano em sua natureza, substituído por uma dialética das motivações externas. Os padrões se transformam em objeto nos moldes do consumo da aparência. “O mundo reificado é por definição um mundo desumanizado” (Berger e Luckman, 2003, p. 122-123).

Eni

Estar magra, se não altera o humor. Pensa na idade, cobranças, corpo bonito, cuidar de tudo: pele, cabelo, uma série de fatores.

[...] Quando você faz uma cirurgia, parece que você fica com o corpo taxado. Consegui aquele corpo não com seu total mérito. Não nasceu daquele jeito, é um pouco artificial. É difícil você ver uma pessoa que fala: nunca fiz cirurgia plástica. A maioria das mulheres já fez alguma coisinha. Procura melhorar. Só aquelas que já nascem perfeitas. Quanto mais perfeita, mais você quer ficar melhor. [...]

Rana

Não ter excesso de gordura, ter um cabelo bonito, ter uma altura, uma estatura adequada, não ser baixa demais, alta demais é feio, cobram até a cor dos olhos, a cor da sua pele. Ter seios grandes, não grandes demais, não um padrão norte-americano. Cintura fina, quadril largo, um bumbum projetado.

Bia

[...] Sinto satisfeita ao ver a beleza, o ego fica cheio. Olhar para o espelho e me sentir uma pessoa bonita, me sinto perfeita. Tento melhorar, não exagerar, não engordar, cuidar do cabelo, do corpo. [...]

3.3.4. O sentido da beleza: o conceito contemporâneo é externo ao indivíduo

A beleza desvendada na expressão das participantes da pesquisa diz respeito à lógica estabelecida por um critério específico e próprio da cultura instrumental, idealizada na “beleza padrão”. Isto é, uma beleza que se busca encontrar numa transcendência de valor referido pela forma em sua aparência significada na imagem do bonito, mesmo que com sacrifícios, ou seja, uma ideologia de beleza que aponta para uma experiência ambivalente diante da contradição da idéia do belo na imagem do bonito.

Rana

Sobre o sentido da beleza: a sociedade cobra, a mídia está cobrando que seja bela magra, escultural. A adolescente cresce vendo isso, vendo a mãe se produzindo.

Ani

A imagem que o corpo mostra: É importante o que o corpo mostra. É o que a sociedade vê como você mesma. O exterior chama a atenção mais do que o interior. Ter uma imagem boa do seu corpo para conhecer interiormente.

Lea

Melhor aceitação em relação a você mesma e ao outro. Você quer que o outro te veja da forma que você quer. Você fica enfurecida! Achei que o meu marido fosse pelo menos falar: “Ficou melhor do que tava, você atingiu um resultado bom”. Em momento algum, ele falou isso para mim, independente do que for...

Ane

É um desconforto! Se você tem condição de corrigir alguma coisa que não te agrada, corrija. Seja o nariz, seja o busto, seja o culote, seja a barriga, se você sente vontade e necessidade e pode fazer, faça

Assim, a realidade social norteadada aponta para uma situação em que os valores são de domínio de instâncias externas culturais. Essa realidade desvenda as formas específicas dessas instâncias, dentro de determinações específicas de padrões de beleza instituídos e aceitos na era da indústria cultural como supostas “regras”. Portanto, na atualidade, com valores inseridos em aparentes sistematizações na sua dinâmica particular, já conhecidas por todas que viveram a experiência da cirurgia estética.

Eni

O que foge aos padrões está feio. Estar acima do peso, não ter o rosto mais ou menos tudo no lugar.

Ane

O que não te agrada, o que não faz bem, te incomoda. Meu nariz era horrível, ridículo. Terrível me olhar no espelho. Eu tinha horror de ficar de perfil.

Rana

Não se enquadrar nos padrões de todo mundo. Uma criança passando fome, um pai que não pode dar um teto para sua família. A falta de emprego, a fome, a desigualdade social, a corrupção, bater em criança com severidade, maltratar uma criança, não educar, falta de educação, não ser egocêntrica, egoísta, desagradável, indelicada, arrogante. Não ter valores de humanidade.

Lea

Gordos! Pessoas mal-educadas, que não são sinceras. Tudo de ruim numa pessoa... Eu tenho certa repulsão.

Trata-se de valores agregados e objetados na particularidade de cada uma das participantes, que desvendam, na sua psique, um sentimento de menos-valia, quando não cumpridos, tornando-as dominadas por uma razão limitada sobre a possibilidade de reflexão subjetiva, incapacitando-as de exercer seus processos particulares de seres individuados ou autônomos. Uma visão que reduz o ser em partes ou o limita às aparências, desconsidera o diferente e o que está fora dos preceitos, que não é considerado bonito.

Eni

O que foge aos padrões está feio. Estar acima do peso [...]

Lia

[...] Uma coisa que não tem nada a ver com o que deveria ser. É tudo que incomoda a gente.

Ani

Não ter auto-confiança, auto-estima está baixa, não se sentir bem no meio das pessoas.

Ane

[...]meu nariz era horrível, ridículo. Terrível me olhar no espelho. Eu tinha horror de ficar de perfil.

Com isso, pode-se compreender uma realidade em que as participantes buscam ocupar-se de um lugar da “beleza”, pois instituem uma realidade na forma de um suposto sentimento de rejeição, imposto pelas diferenças com o semelhante, ou seja, se confirma no “belo” ou na aparência do bonito uma justificativa pelo igual, aquele que tem a aceitação social. O que está fora desse contexto busca aderência às regras mediadas pelas instâncias sociais.

Em algumas falas, há o desejo de juntar-se com o que é visto pela maioria com facilidade de aceitação, não reconhecendo o diferente:

Lia

Um gordo mal vestido, pode ser a pessoa mais legal do mundo, você não é tão paparicado quanto uma pessoa que é bonita, arrumada. Tem um preconceito.

Se você não tem nada que se possa aproveitar, você não é convidado para ir em vários lugares. A minha mãe nunca teve distinção entre eu e minha irmã. Independente de qualquer coisa, as duas são bonitas, são lipo-aspiradas. Não sei em relação à família, mas entre amigos, não digo eu, mas tenho amigas que não são tiradas fora do grupo mas não têm a mesma atenção que as outras bem arrumadas. No trabalho, chega uma toda arrumada, bonitinha, e uma pode ser assim, horrível, mas tá bem arrumada, bem posta, e uma outra pessoa assim maravilhosa, mas totalmente desleixada, bagunçada - a outra vai ser escolhida porque a aparência manda (Lia).

Exprime-se aquilo que tem o acordo do outro, a aprovação de forma segura, do tipo: “a gordura é coisa feia”. Essa forma não tem a aprovação da sociedade, pois não é bem vista pelas “pessoas”. É melhor aderir ao convite de acolhimento a arriscar ficar sem o beijo da “tia”, lembrando aqui também de uma fala anterior que se referia aos “holofotes virados em meu favor”. Torna-se evidente que o medo de não ter a luz canalizada para si mesma gera certamente alguma angústia pela possibilidade de não ser vista, o que implica um suposto abandono. Ao contrário, é melhor ser elogiada a ter que suportar algo diferente, que não se reconhece, no sentido consciente, do que é igual para ser aceito.

Rana

A pessoa é um fruto da sociedade. O ser humano é sociável. Esse meio não o acolhe. Os valores da beleza vão se agregando às cobranças pelo segmento do padrão de beleza. O feio não é aceito no meio social. Criança que é feia, a tia não a beija. Na creche, no trabalho, é importante. Estando fora do padrão de beleza, não é contratado ou promovido aos melhores cargos.

Pode-se observar que é possível encontrar o ponto de satisfação “esperado” em razão do sucesso da cirurgia. A satisfação torna-se evidente pela expressão do corpo, pelos comentários afins. Com isso, os sentimentos esclarecem que foi possível quebrar as barreiras das cobranças sobre o sentido da beleza (Rana).

Nota-se também que o sentido do corpo belo é atendido nos seus quesitos necessários às suas mudanças ou transformações para o estado “apreendido” como ideal, embora este seja um estado que não demonstra consistência ou segurança adequadas às pessoas para uma satisfação duradoura. Refere-se, portanto, a uma passagem, que gera a idéia de satisfação imediata de bem-estar, por expressar o quanto se deve fazer para continuar com a forma do corpo alcançada nos trabalhos cirúrgicos, capazes de sustentar o processo de manter cada particularidade de maneira a sentir-se bem consigo mesma. Trata-se de um processo que as faz sentir-se inseridas no conjunto daquelas capazes de

aderir aos preceitos externos sociais, um guia de identificação pelo igual ao outro, uma imanência instituída, subjetivada, embora seja uma relação de sujeição às regras impostas pela cultura.

3.3.5. O sentido da beleza: a transformação em consenso e o fetiche

Assim, o sujeito, ao se fixar na imagem-aparência, valoriza a permanência do igual, quando é generalizado que, para ser bonito, tem-se um ideal: “todo mundo magro [...] corpo malhado [...] buscar academia ou a cirurgia” (Eni). Verifica-se aqui a facilidade de aderência aos moldes estabelecidos.

O sentido de “beleza” se transforma num consenso que nega ao sujeito a possibilidade de se construir “belo” na sua humanidade, sua totalidade. A individuação, ou seja, a sua autonomia, é obstaculizada pela exigência da adesão a uma promessa de “se tornar belo”, que não lhe dá acesso ao que é essencial. Nesse sentido, o sujeito escuta o outro, engendrado pela promessa “imposta” pela sociedade: “se eu não for belo nesse padrão, estou excluído”.

Rana

A pessoa é um fruto da sociedade. O ser humano é sociável, esse meio não o acolhe. Os valores da beleza vão se agregando às cobranças pelo segmento do padrão de beleza. O feio não é aceito no meio social. Criança que é feia a tia não a beija. Na creche, no trabalho, é importante. Estando fora do padrão de beleza, não é contratado ou promovido aos melhores cargos.

Lia

A pessoa se torna bela, pode ser pela família [...]

Ane

Eu quero mexer onde for preciso futuramente, onde eu achar que começou me incomodar.

Ana

[...] Então, estou sujeita. Aberta talvez a uma lipo, aberta a um botox, não sei. São coisas que talvez vão vir, vão surgir conforme a necessidade que a minha auto-crítica vai me dizer quando eu olhar no espelho, principalmente [...]

Observou-se que a indústria cultural é um fator de relevância nesse processo que desvenda o desejo do indivíduo pela beleza, em especial na experiência das mulheres que se submeteram ao processo da cirurgia plástica estética. São imposições resultantes das instâncias constituídas no meio social, com ênfase na mídia, que também revela a era da velocidade e ainda impõe a substituição de produtos de maneira muito rápida, num ciclo de transformação em que o produto passa por um processo de troca eminente e, assim,

antes de seu tempo “normal” de vida útil, é substituído por outro, passando a produto velho em razão de ter sido substituído pelo fetiche do mais novo.

Trata-se de uma lógica em que o sujeito quer alcançar seus quesitos de “beleza”, porém numa segurança de satisfação objetivada na abstrata relação de felicidade de se sentir inserido no meio social, isto é, encontra o ideal de beleza para ser aceito socialmente e, de conseqüência, alcançar o seu bem-estar particular e na universalidade.

Rana

A pessoa é um fruto da sociedade. O ser humano é sociável, esse meio não o acolhe. Os valores da beleza vão se agregando as cobranças pelo segmento do padrão de beleza. O feio não é aceito no meio social. Criança que é feia, a tia não a beija. Na creche, no trabalho, é importante. Estando fora do padrão de beleza, não é contratado ou promovido aos melhores cargos.

[...] Duas coisas diferentes: o que a pessoa é e o que ela gostaria de ser. A imagem vai de como a pessoa olha. Então, beleza do corpo vai do que você gosta, de fetiches que você tem. Tem gente que gosta do magro, ou do fofo, ou do baixo, do alto. Não tem o mesmo padrão. Vai de como os seus olhos enxergam o físico.

Lia

Tem uns reparos: eu fiz lipo no abdômen, no culote, aqui no braço. Eu acho meu braço muito grande. Eu tenho uma estrutura muito grande. Tirei a gordura dos lugares e preenchi uns buraquinhos que estava no bumbum, no glúteo e aqui atrás, essas caixinhas de som que são insuportáveis. Mas quero fazer nas costas, porque eu não fiz nas costas e parece que a minha gordura toda do corpo, onde eu tinha que engordar engordei mais nas costas. Se eu puder eu vou fazer no corpo inteiro de novo só pra consertar o que não ficou do jeito que eu queria e complementar.

Assim, as participantes se fixam na imagem pela aparência. Afirmam e confirmam o sentido de importância apreendido pela busca do igual. Foram unânimes em dizer de seus desejos de tornarem-se bonitas, num emblema de igualdade para serem aceitas, como uma idealização de satisfação em cada particularidade, referida aos moldes instituídos, ou seja: “todo mundo deve ser magro [...] corpo malhado [...] buscar academia ou a cirurgia” (Eni). Porém, acrescentou:

Eni

A experiência da cirurgia foi boa, não tive nenhum problema. Eu só engordei um pouquinho. Eu acho que a maioria das pessoas estão falando hoje em dia, e não estão com muita vergonha disso.

[...] Há cobrança em todos esses setores. Cobranças da família: tem que cuidar da pele, do corpo, tem que emagrecer. No trabalho, tem que estar sempre muito bem: deve ter uma boa aparência, sempre elegante, não ficar com a impressão de desleixo.

[...] É difícil! Você fica achando que fez a coisa certa ou que podia ter feito antes.

[...] Tem que melhorar, se precisar fazer outra cirurgia. A gente fica sempre cobrando (Eni).

Nesse sentido, o indivíduo permanece com seus desejos pela beleza em condições de insatisfação, incapaz de realizar tais desejos de forma duradoura. Fica a idéia de melhores momentos, com rápida satisfação traduzida no bem-estar segundo os padrões de beleza esperados. Permanece, no entanto, a continuidade da busca desse sentido de aparências.

Como disse Rana: “gera constante necessidade de ser belo” e, para não destoar dos demais sujeitos que se enquadram na lógica tecnicada, serem vistos como o igual, para evitar o sentimento de baixa auto-estima. Nessa lógica, a expressão da necessidade de novas buscas torna-se evidente, o que decorre da permanência da insatisfação ao não se realizarem os objetivos por um tempo maior.

Ana

Mais auto-confiante com certeza! Foi uma pequena cirurgia, que não alterou tanto. Uma relação melhor como mulher. Toda mulher tem a preocupação com a parte física. Foi isso que melhorou em mim também. Você se sente mais bonita, se sente melhor, isso é muito bom.

[...] O importante foi que eu gostei, me senti feliz. Eu tinha um objetivo, eu consegui, alcancei, fui e achei que ficou bom, ficou natural.

[...] A experiência foi excelente. A auto-estima antes era um pouco mais baixa, depois, com certeza, excelente (Ana).

Sobre a fala de Ana, pode-se observar que existem significações diferenciadas: no início, ela revela que não houve tantas alterações, porque diz que foram pequenas; logo, admite que se sente mais bonita e que está satisfeita com os resultados. Sobre a experiência, revela um fato interessante na expressão: “Foi excelente” (Ana).

O fato é que a fala sugere que a cirurgia para Ana exerce uma significação importante. E mais: o valor significado de bonito busca tirá-la de um lugar de suposto sofrimento, incapaz de sustentação sem o procedimento da cirurgia. Como disse: “As assimetrias são coisas que realmente me incomodam”. Assim, banalizam-se os riscos eminentes em razão das preferências que confundem essência e aparência.

Ana

[...] o nariz é uma coisa que está bem na frente do rosto, que determina muito a personalidade. Busquei a minha satisfação [...].

Segundo os dizeres de Ana, quando realizou a sua cirurgia, a sociedade, a mídia, o trabalho e outros meios cobravam muito a beleza nos padrões revelados: “a pessoa deve ser magra, alta e outras coisas mais”, ou: “é você se olhar no espelho e achar aquela pessoa bonita” (Ana). Ao se referir à questão da auto-estima, acrescenta que, a partir da

cirurgia, ela se tornou uma pessoa com mais auto-confiança: “Muda completamente”. E ainda: “Isso aqui é visível”, sobre a experiência da cirurgia.

Com isso, nota-se que a experiência estética realizada entre aquelas que se submeteram aos procedimentos referidos desvenda um sentido não condizente com a beleza transcendente no tempo. Pelo contrário, aponta para a direção da imediatividade. Ao pensar esse sentido de beleza na imanência, percebe-se que a busca não para por aí, que é possível que haverá outras cirurgias. Como disse Lia: “O que incomoda, a gente tem que procurar consertar. Eu quero fazer outra lipo”.

A possibilidade de se inserir a crítica nas relações sociais e afetivas, nas condições da sociedade atual a respeito da cultura da estética é mínima. Observa-se uma seqüência de padrões: um modelo de beleza para todos, segundo as falas das participantes; a exclusão social, com a possibilidade de sentir um mal-estar por não ser capaz de atender aos quesitos e às cobranças; a impossibilidade de envelhecer, no sentido contrário ao desgaste natural do tempo. É o sujeito atemporal, na relação contraditória com o seu biológico, conforme se segue:

Rana

[...] Se você não era perfeito, escultural, tem que ser magra. Não pode ser gordo. Magro é aceito [...] O fator principal para eu buscar essa mudança física foi a separação. Eu precisava de uma arma a mais para concorrer com o padrão belo, que eu não fazia parte mais. Foi a principal coisa que me levou a pensar na cirurgia, na concorrência. Eu gostava do meu corpo antes, mesmo magra. Agora, um pouco mais.

[...] A mídia não permite libertar da opressão da beleza. [...].

Segue-se que o corpo não pode estar submetido ao sistema natural da vida, que tem um tempo para sofrer as maturações físicas naturais. O que há é uma luta contra o tempo, que sugere uma atenção contraditória aos valores naturais da vida para adequar-se aos padrões ditados pelas vias da sociedade.

Lea

As pessoas estão buscando muito o não-envelhecer, o rejuvenescimento [...]

Ane

O trabalho te cobra muito, a pessoa vê a necessidade de mexer aqui, mexer ali. Porém acredito que a família cobra mais. Melhora o visual, ocorre mudanças em meu corpo pra me sentir bem.

O resultado que se pretende é a “perfeição”, mesmo que, em alguns casos, não seja possível o mérito na origem [beleza natural], numa comparação com o nascimento, como disse Rana:

Se você não nasceu com natureza que te proporciona isso é que vai atrás disso (Rana).

De outro lado, tem-se a fala de Eni, sobre a consciência da não-naturalidade do corpo: “Quando você faz uma cirurgia parece que você fica com o corpo taxado. Consegui aquele corpo não com seu total mérito, não nasceu daquele jeito. É um pouco artificial”, e acrescenta: “A maioria das mulheres já fez alguma coisinha”. Assim, pode-se afirmar que são processos referidos a um corpo coisificado.

Eni
[...]Só aquelas que já nascem perfeitas. Quanto mais perfeita, mais você quer ficar melhor. Eu não senti nada de diferente. Com o meu marido, com a minha família, nenhuma mudança. Foi mais comigo mesma.

Em outras palavras, é como se dissesse que, nessa lógica, barra-se o natural pelo artificial em busca de uma aceitação de si mesma tomada por uma vontade exercida pelo processo de “sujeito” no sentido literal, ou seja, sujeição, em que o sacrifício é visto como um caminho possível de dominação. Referindo-se as participantes a desejos buscados nessa imanência externa de corpo bonito, segundo “padrões de beleza”, não pensam que tais meios conduzem ou justificam os fins.

Rana
Depois que você passa pela cirurgia, deixa de ser mais uma para ser ah! uma que fez a cirurgia. Os holofotes viram para você. Você deixou de ser a ninguém.[...] o antes é uma coisa totalmente diferente do depois, é assim super-diferente. Despertam outros sentimentos nas pessoas, chama a atenção das pessoas de ambos os sexos.

Percebe-se que a fala que diz respeito aos supostos benefícios tirados com a cirurgia é abstrata. Os desejos estão atravessados diretamente pelas mediações da família, sociedade ou trabalho, os meios de comunicações, a cultura e outros. É nesse sentido que surge o sujeito incapaz de pensar as suas atitudes, destoante em relação à autonomia e, portanto, sob o efeito de uma dominação externa.

A submissão ao processo de cirurgia plástica estética transforma a vida, tudo passa a dar certo como num passo de magia. Você fecha os olhos e pensa em algo e isso basta para a solução das suas questões. Mudar cada parte do corpo apenas com o próximo olhar para o espelho e como ponto de partida para a satisfação do corpo belo. Dito de outra

forma, a experiência da cirurgia estética, como disseram Lia e Ane, aponta um anseio pelo usufruto das novas técnicas, uma dimensão capaz de produzir um “reflexo”, uma transformação no espelho do padrão, uma sugestão de repetição com o sentido da cópia, o igual, ou aquilo que se pensa como resultante na imagem refletida, uma “mera” semelhança narcísica ou um fetiche.

Lia

Quando a gente está bem com a gente mesma, tudo é perfeito, tudo dá certo para você. Você tem força para fazer muita coisa que você não teria antes. Vai dessa auto-estima e da felicidade com você mesma. É você olhar para o espelho e falar “eu vou conseguir”. O resto não tem importância.

Ane

Entender mais sobre a beleza, novas técnicas, usufruir mais dela, aprofundar mais, fazer transformação, conhecer e ter mais interesse, querer mudar. Fazer outra, outra cirurgia, transformação. [...] Se você tem condição de corrigir alguma coisa que não te agrada, corrija. Seja o nariz, seja o busto, seja o culote, seja a barriga, se você sente vontade e necessidade e pode fazer, faça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência das participantes na convivência com as instâncias mediadoras da sociedade efetiva-se na sua auto-transformação em busca do sentido da beleza. Verifica-se que o indivíduo se socializa a partir dessas instâncias, ou seja, institui-se na relação subjetivada dessas mediações sociais, por meio da família, do trabalho, da indústria cultural, entre outras. Com isso, internaliza na singularidade a universalidade, capaz de desvendar construções psíquicas agregadas de valores definidos do sentido da beleza, originários dessas relações formadoras.

Assim, o sentido da beleza constitui-se num contexto de historicidade e cultura. As entrevistas revelam os valores e os sentidos específicos da beleza como efeito dessas instâncias sociais em geral, a par de umas mais outras menos. Revelam também sentimentos ambivalentes de sofrimento e satisfação ou bem-estar, constitutivos da barganha para atender aos preceitos sociais instituídos.

O sentido da beleza, portanto, está internalizado na vida psíquica do indivíduo, na sua relação com o outro, caracterizado, originalmente, através das mediações das instâncias sociais. Isto posto, implica dizer que são instituintes da vida das pessoas inseridas na cultura. Nessa relação, vive-se e convive-se partilhando ideações mediadas pela sociedade, através de experiências internalizadas nos preceitos e regras sociais, que apontam recalques instintivos como condição básica da convivência social na civilização.

O recalque é, portanto, parte de um processo de sujeição do ser humano, quando se pensa nessa relação de “dependência” a ordens e valores instituídos, em que o indivíduo passa a conviver sob a imposição das regras das instâncias mediadoras externas, objetivadas na sua particularidade e base de troca para uma boa convivência na sua relação com a sociedade. O sentido da busca da beleza nos desejos do indivíduo não é diferente quando se observam seus anseios em atender a supostos “padrões” objetivados pela realização do processo da cirurgia estética, em busca de bem-estar e conseqüente elevação de auto-estima.

Se a beleza inclui a essência da criação do homem, é possível pensar que a obra reflete uma transpiração do seu trabalho, que, assim transformado, desvenda o fruto da sua criação em si, como uma extração da singularidade do intelecto, um momento de suposta autonomia.

O sentido da beleza na cultura tecnificada transforma-se no bonito e aponta referências da singularidade como efeito de forças externas, isto é, a criação no sentido da fruição se transforma no espelho da obra por meio da cópia. No caso da moda, toma-se como ponto de partida a referência do que se destaca como padrão, igual. Assim, o indivíduo se põe na condição de alienado sob o efeito de instâncias exteriorizadas.

Desse modo, o tema em destaque se apresenta configurando o sentido da Beleza para a mulher como um fenômeno instituído num processo que se transforma na sua historicidade: do sentido da beleza em si para aquele que se revela na aparência do bonito.

As participantes foram capazes de buscar um sentido de beleza particular, instituído em seu norte com a experiência da cirurgia plástica estética, mas atenderam às forças instauradas pelas demandas externas, ou seja, subjetivadas nos moldes de algo posto nos anseios da universalidade da cultura.

Portanto, a cultura exerce também a função específica de instituir as regras construídas através de instâncias externas ao indivíduo. A par de internalizadas, essas serão parte sua, que se misturam à objetivação e subjetivação do meio, exercendo a sua força na singularidade do sujeito. As instâncias mediadoras referidas, no entanto, compreendem um destaque: a família, o trabalho e a indústria cultural, entre outras.

A família revela particularidades especiais, pensadas no sentido da sua autoridade quanto aos modos de subjetivação do indivíduo, pois é nesse meio que o ser humano se constitui desde a sua infância, na realização de suas experiências parentais no processo de socialização, experiências capazes de exercer influência nos seus níveis de satisfação e nas formas de abstração na relação social. Nesse caso, a família é vista como uma idealização que se internaliza a partir do outro, singularidade que se institui sob o efeito da universalidade. É o sentido da beleza passando por um processo de mediação intrapsíquica, com efeito das influências do meio externo.

As falas das participantes desnudam ainda uma compreensão quanto ao sentido da beleza sob o domínio das demandas sociais instituídas pela indústria cultural, como a instância que engendra a busca de algo que se caracteriza pela valia das aparências. Nesse caso, as expressões das participantes traduzem uma insatisfação quando se trata da impossibilidade de atenderem aos preceitos “impostos” pela ditadura dos “padrões da beleza” na contemporaneidade. As repostas são mediadas por valores da ordem da aparência, do bonito e, com isso, entra em cena a relevância da exteriorização da imagem.

É a sociedade inserida no mundo da tecnologia, reveladora de transformações. Em específico, podem-se destacar, no mundo do trabalho, as facilidades oferecidas por essa instância da indústria da tecnologia. É valor agregado nessas mudanças o poder da mídia, que acelera os processos afins, marcados por mudanças significativas no sistema de produção de mais-valia e, de consequência, nas formas de criação dos produtos, ou seja, aquilo que antes se produzia pensado no caráter da essência se revela aparente, com a produção engendrada pela técnica. O sentido da beleza é afetado em suas formas. É o processo de transformação do sentido da beleza em seu contexto histórico, a fruição da beleza em si se transformando numa fetichização pensada nos moldes da aparência. É como está revelado na fala de Rana, quando a beleza-essência se transforma em bonito, no fetiche de desejos instituídos por instâncias mediadoras externas.

Rana

A imagem, vai de como a pessoa olha. Então, beleza do corpo vai do que você gosta, de fetiches que você tem. Tem gente que gosta do magro, ou do fofo, ou do baixo, do alto. Não tem o mesmo padrão. Vai de como os seus olhos enxergam o físico.

Essa trajetória aponta, portanto, os caminhos percorridos nas objetivações particulares e universais: uma compreensão do belo em processo de transformação na contemporaneidade numa ordem de sentido vista como mais-valia das aparências, do bonito.

Por fim, é possível afirmar que, aquilo que é histórico e universal revela uma maneira abrangente de significações especiais. Num lugar de suposto juízo de valores, a experiência da mulher contemporânea, pode atualizar o sentido da beleza como fetiche, e o seu corpo como algo que deve ser adaptado às exigências externas. Em que pesem outras mediações e especificidades, família, trabalho e indústria cultural, são instâncias fundamentais nesse processo.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ADORNO, T. *Mínima Moralia. Reflexões a partir da vida danificada*. Trad. Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 1993.
- _____. T. *Os Pensadores: Textos escolhidos*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- _____. ; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BENJAMIM, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. In: *Obras Escolhidas*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERGER, P. L. ; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- BIRMAN, J. *Mal-estar na Atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- CAMPOS, R. Arte, forma, natureza – o conceito de natureza como *analogon* da arte. In: Duarte, Rodrigo (Org). *Belo, Sublime e Kant*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- CAYGIL, Howard. *Dicionário Kant*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- COHN, G. *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estrela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.
- DUBY, G. ; ARIÈS, P. *História da vida privada: da primeira guerra a nossos dias*. organização de Antonie Prost e Gerard Vicent; trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. v.5.
- EAGLETON, T. *A Ideologia da Estética*. Trad. Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- ECO, H. (Orgs.). *História da beleza*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- FERREIRA, A.B.H. *Dicionário Aurélio básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- FREUD, S. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, [1910], 1996, v. 11.

_____. O Futuro de uma Ilusão. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, [1927], 1996, v. 21.

_____. O Mal-Estar na Civilização. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, [1930], 1996, v. 21.

_____. Psicologia de Grupo e Análise do Ego. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, [1921], 1996. v. 18.

GIDDENS, A. *As Conseqüências da Modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HORKHEIMER, M. Autoridade e família. In: *Teoria Crítica : uma documentação*. Trad. Hilde Cohn. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. Meios e fins. In: *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro, 2000.

_____. ; ADORNO, T. (Org). *Temas básicos da sociologia*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1977.

KANT, I. *Crítica da faculdade do juízo*. Trad. Valério Rohden e Antônio Marques. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2002.

LAPLANCHE, J. ; PONTALIS, J.B. *Vocabulário da Psicanálise*. Trad. Pedro Tomen. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LÜDKE, M. ; ANDRÉ M E.D.A. *Pesquisa em educação, abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 2004.

LUKÁCS, G. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARCUSE, H. *Cultura e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1997. v.1.

_____. *Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

MARX, K. *Manuscritos econômicos filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2001. (Coleção A Obra Prima de Cada Autor).

_____. O Fetichismo da mercadoria: Seu Segredo. In: *O Capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Para a Crítica da economia política do capital: o rendimento e suas fontes*. Trad. Edgard Malagodi. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. ; ENGELS, F. *A ideologia Alemã*. Trad. Luis Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PANOFSKY, E. Sobre as belas proporções e comentário ao banquete de Marsílio Ficino. *In: Idea: a evolução do conceito de belo*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PASSOS, J. R. C. Belo musical e juízo de gosto. *In: DUARTE, Rodrigo (org.). Belo, sublime e Kant*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

PLATÃO. *A república*. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2004.

_____. *O banquete, ou do amor*. Trad. Alexandre Costa. Rio de Janeiro: Dertrand Brasil, 2002.

_____. *O ser e a ciência*. Trad. F. C. S. Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PLATON. Hípias Mayor, o de lo bello. *In: Obras Completas*. Trad. José Antônio Miguez. Madrid: Aguilar, 1993.

RAMOS, C. *A dominação do corpo no mundo administrado*. São Paulo: Editora Escuta Ltda, 2004.

RESENDE, A. C. A. *Fetichismo e subjetividade*, 1992. Tese (Doutorado em Sociologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), São Paulo.

_____. Subjetividade em tempos de reificação: um tema para a Psicologia Social. *Estudos vida e saúde*. Universidade Católica de Goiás (UCG), Goiânia-GO, v. 28, n. 4, p. 511-538, Jul/Ago. 2001.

ROHDEN, V. Aparências estéticas não enganam – sobre a relação entre juízo de gosto e conhecimento em Kant. *In: DUARTE, Rodrigo (org.). Belo, sublime e Kant*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

VENTURI, L. *História da crítica de arte: arte e comunicação*. Lisboa: CASAGRAF – Artes Gráficas Unipessoal. Edições 70, 2002.

VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada para participar, como voluntária, em uma pesquisa de mestrado em psicologia que tem como Tema: Subjetividade e Cultura: O Sentido da Beleza para a Mulher. O objetivo geral da pesquisa é o de Compreender a relação entre os processos culturais e seu processo construtivo na experiência subjetiva e analisar a relação entre cultura e subjetividade. A pesquisa terá como objetivos específicos: compreender o sentido de Beleza, enquanto constituição social, para a Mulher; entender as mediações psico-sociais que constituem o processo de internalização do sentido cultural de Beleza e compreender os indicadores, na perspectiva, dos processos internos ou subjetivação quanto aos valores culturais no sentido de beleza para a Mulher.

Neste sentido, buscará o aprimoramento de conhecimentos a respeito das informações básicas por meio de um levantamento qualitativo e que possa colaborar para o entendimento científico da presente pesquisa.

Após os esclarecimentos e as informações a respeito deste trabalho, caso aceite fazer parte deste estudo, assine ao final do documento, que contém duas vias. Uma dessas vias é sua e a outra é do pesquisador responsável.

Em caso de recusa, sinta-se a vontade em não participar, não sendo por isto, responsabilizada ou penalizada em hipótese alguma. A qualquer momento, caso haja dúvidas, você poderá entrar em contato com os pesquisadores responsáveis: Walter Ferreira Lemes, fones: 204-2531 e 84348116, ou Anita Cristina Azevedo Resende (227-1116), ou ainda no Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás pelo telefone 269-8338.

A pesquisa será realizada em um dos locais a seguir, a serem escolhidos conforme a sua disponibilidade para as entrevistas de livre escolha, que ocorrerão na Clínica CIPP - Centro Integrado de Psiquiatria e Psicologia, Av “L”, nº 122 -Setor Aeroporto, local de trabalho do entrevistador, ou em local sugerido por você

(trabalho/residência) ou no Hospital das Clínicas - UFG. O entrevistador oferecerá a segurança e o sigilo das informações prestadas, que ocorrerão após a assinatura da mesma no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e caso haja confirmação da sua disponibilidade. Isto é, as Entrevistas Semi-Estruturadas - serão individuais e, caso haja a sua permissão, poderão ser gravadas. Assume-se neste momento o compromisso de sigilo total deste material, a não identificação pessoal do mesmo, bem como o descarte assim que a análise e discussão dos dados foram realizadas.

Dar-se-á o início da entrevista para a coleta de dados. No início da entrevista serão colhidas informações sobre suas condições sociais e físicas. Nesta fase será aplicado um questionário semi-estruturado em que serão feitas perguntas sobre o sentido de beleza, cuja oportunidade a participante poderá discorrer a respeito do seu pensamento quanto ao significado de beleza para a mulher, que poderá ocorrer no máximo em dois ou três encontros com aproximadamente uma hora cada um deles.

Em caso da necessidade de suporte psicológico, em função do processo de coleta de dados desta investigação, será providenciado suporte psicológico para você, pelo psicólogo responsável pela pesquisa ou em caso de optar pelos serviços psicológicos prestados pelo CEPSI - Centro de Estudos, Pesquisa e Prática Psicológica da UCG, Setor Universitário.

Nesta pesquisa não se espera qualquer desconforto físico ou psicológico por sua participação. Caso julgue que as perguntas possam lhe trazer qualquer desconforto emocional ou constrangimento, você poderá optar em não responde-las.

Sua participação não será remunerada de qualquer forma. Contudo, acredita-se que os dados fornecidos por você, serão de valor importante para ajudar a compreender os processos subjetivos, internalizados a partir das relações psicossociais e constituídos nas suas relações sócio-culturais, e, portanto, oriundos de suas experiências de vida na relação com o outro, no sentido cultural de beleza e ainda, compreender os indicadores, na sua visão subjetiva quanto aos valores culturais para o sentido de beleza para a Mulher.

Prontuário número:

Título do Projeto: *Subjetividade e Cultura: O sentido da Beleza para a Mulher*

Pesquisador Responsável: Walter Ferreira Lemes – CRP: 3551 – 9ª Região – 84348116

Eu,

Comprometo-me em participar do estudo sobre “Subjetividade e Cultura: O sentido da Beleza para a Mulher”, onde fui comunicada dos objetivos e interesses

científicos desta pesquisa, tendo a liberdade de fazer perguntas a qualquer momento, sempre que houver dúvidas e quando julgar necessário.

É também esclarecido que minha participação é voluntária podendo retirar-me do estudo a qualquer momento que desejar. Em nenhum momento terei meu nome publicado ou exposto por qualquer razão, e caso seja necessário, será trocado como forma de manter minha privacidade.

O pesquisador se compromete a manter em confidência toda e qualquer informação que possa identificar-me individualmente.

Goiânia, _____, _____ de 2005.

Assinatura da Participante

Psi. Walter Ferreira Lemes
Pesquisador responsável - CRP: 3551 – 9ª Região

Fones para contato: 3204-2531 - 99839016

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Dados Pessoais

Nome: _____ sexo: _____ Idade: _____
Estado Civil: _____ Grau de Instrução: _____ Profissão: _____
Tempo de residência em Goiânia _____
Trabalha: () sim () não

2. SENTIDO DE BELEZA

- O sentido da beleza.
- O significado da beleza.
- O sentido do que não é o belo.
- O sentido do corpo belo.
- Os valores culturais e sociais sobre a beleza.

3. CONSTITUIÇÃO DO SENTIDO DE BELEZA

- A constituição do sentido do belo. A mediação com a família. A mediação com a escola. A mediação com a religião, com o trabalho e outros grupos sociais.
- Outros meios capazes de constituir o sentido da beleza.
- O significado da cultura para a produção do sentido da beleza.
- Os significados dos meios de comunicação para a produção do sentido da beleza.
- O sentido da beleza na relação com o corpo.
- Os significados apreendidos da beleza para a satisfação do corpo.
- O significado da beleza e a imagem do corpo.

4. FATORES EMOCIONAIS/SENTIMENTOS

- A significação da beleza na relação com o outro.
- O significado da beleza na relação com o meio social: os grupos, o trabalho, a religião, a escola ou outros meios.
- O sentido da beleza na relação com a auto-estima.

- Corpo e Beleza:
 - Relação com o corpo e o sentido da beleza.
- Cirurgia Plástica:
 - O significado do processo da cirurgia plástica.
 - O sentido da cirurgia como busca do corpo belo
 - O significado de buscar essa beleza.
 - A experiência da cirurgia plástica na relação social.
 - A relação com o outro antes da cirurgia estética, e depois.
 - A auto-estima na relação com o meio social, antes e depois da cirurgia
 - O que significou a relação com meio após o processo da cirurgia.

5. O CORPO

- A relação com o corpo de ontem
- O sentido do corpo pensando o presente
- O sentido do corpo pensando o amanhã
- As conseqüências da cirurgia na relação com o corpo e os outros.
- Outras informações para acrescentar sobre o sentido da beleza.

APÊNDICE E

RELAÇÃO DE PACIENTES

UNIFICAÇÃO DE INFORMAÇÕES DAS PACIENTES QUE REALIZARAM CIRURGIA ESTÉTICA EM 2003 E 2004, A PARTIR DO MAPEAMENTO DE DADOS REALIZADOS NAS DUAS INSTITUIÇÕES: PRIVADA E PÚBLICA.

Instituição: _____

Data: ___/___/___

Cirurgia específica do tipo:

Faixa Etária:

Anos

01-NOME:	IDADE:
ENDEREÇO:	
TELEFONE:	
TIPO DE CIRURGIA:	MÊS/ANO CIRURGIA: ___/___

02-NOME:	IDADE:
ENDEREÇO:	
TELEFONE:	
TIPO DE CIRURGIA:	MÊS/ANO CIRURGIA: ___/___

03-NOME:	IDADE:
ENDEREÇO:	
TELEFONE:	
TIPO DE CIRURGIA:	MÊS/ANO CIRURGIA: ___/___

04-NOME:	IDADE:
ENDEREÇO:	
TELEFONE:	
TIPO DE CIRURGIA:	MÊS/ANO CIRURGIA: ___/___

05-NOME:	IDADE:
ENDEREÇO:	
TELEFONE:	
TIPO DE CIRURGIA:	MÊS/ANO CIRURGIA: ___/___

ANEXOS



PROTOCOLO CEPMHA/HC/UFG N° 016/2005

Goiânia, 24/02/2005

INVESTIGADOR RESPONSÁVEL: Psic. Walter Ferreira Lemes

TÍTULO: "Subjetividade e cultura: O sentido de beleza para a mulher".

Área Temática: Grupo III

Local de Realização: Hospital das Clínicas/UFG

Senhora Pesquisador,

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa Médica Humana e Animal **analisou e aprovou o projeto de Pesquisa** acima referido, bem como o **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, e estes foram considerados em acordo com os princípios éticos vigentes.

- Informamos que não há necessidade de aguardar o parecer da CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.
- pesquisador responsável deverá encaminhar ao CEPMHA/HC/UFG, relatórios trimestrais do andamento da pesquisa, encerramento, conclusão(ões) e publicação(ões).

Prof. Joffre Rezende Filho
Coordenador do CEPMHA/HC/UFG



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
HOSPITAL DAS CLÍNICAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA MÉDICA HUMANA E ANIMAL

Memo CEPMHA/HC/UFG nº 149/05

Em, 13/06/2005

Ref. Protocolo CEPMHA nº 016/05 – Subjetividade e cultura: o sentido de beleza para a mulher

Do: Comitê de Ética em Pesquisa Médica Humana e Animal do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás.

Ao: Psic. Walter Ferreira Lemes

Senhor Pesquisador,

Acusamos o recebimento da carta datada de 16 de maio de 2005, solicitando autorização para coleta de dados no ICL – Instituto de Cirurgia Laser.

Após análise da justificativa da solicitação e considerando que não houve mudanças no objetivo e metodologia do estudo, este CEPMHA entende que não há nenhum óbice ético na mudança proposta, e autoriza o procedimento.

Atenciosamente,

Prof. Joffre Rezende Filho
Coordenador do CEPMHA/HC/UFG